

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE LETRAS E LINGÜÍSTICA  
CURSO DE MESTRADO EM LINGÜÍSTICA**

**“A EXPRESSÃO DE REALIDADE E IRREALIDADE POR  
FORMAS VERBAIS SIMPLES DA LÍNGUA PORTUGUESA DO  
BRASIL”**

*Maurício Viana de Araújo*

UBERLÂNDIA, MG

2002

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE LETRAS E LINGÜÍSTICA  
CURSO DE MESTRADO EM LINGÜÍSTICA

**“A EXPRESSÃO DE REALIDADE E IRREALIDADE POR  
FORMAS VERBAIS SIMPLES DA LÍNGUA  
PORTUGUESA DO BRASIL”**

*Maurício Viana de Araújo*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Travaglia

UBERLÂNDIA, MG

2002

**“A expressão de realidade e irrealidade por formas verbais simples da  
Língua Portuguesa do Brasil”**

Maurício Viana de Araújo

Dissertação defendida em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Luiz Carlos Travaglia (Orientador) (UFU)\_\_\_\_\_

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maura Alves de Freitas Rocha (UFU)\_\_\_\_\_

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Luiza Braga (UFRJ)\_\_\_\_\_

À memória de meu tio Miguel Borges Viana e  
ao amor de minha esposa Luzia Marcia Resen-  
de Silva dedico este trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Eu sinceramente agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Carlos Travaglia, por apresentar-me mares nunca dantes navegados e por me socorrer em alguns casos de afogamentos.

Agradeço imensamente à minha esposa Luzia Márcia, que milagrosamente me resgatou quando eu me achava perdido num olho de furacão lá no Triângulo das Bermudas.

Agradeço aos colegas do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia pelo que fizeram e pelo que não fizeram por mim.

Agradeço às secretárias do ILEEL, pela nossa amizade.

Agradeço aos professores e secretárias do Curso de Mestrado em Linguística da Universidade Federal de Uberlândia.

Agradeço às Prof<sup>as</sup>. Dr<sup>as</sup>. Maura Alves de Freitas Rocha e Vânia Maria B. Arruda-Fernandes pelas contribuições quanto ao esclarecimento de muitas de minhas idéias, em minha qualificação.

Agradeço aos meus amigos, que em algum momento comigo navegaram, ou que deram uma mãozinha para o meu barco não virar: Ernesto, Jorcelina, Cleudemar, Tony, Sandra Gardellari, Magalhães e Rubão.

Agradeço a todos os meus familiares pela torcida e o apoio durante todo o meu período de circunavegação, principalmente àqueles que rezaram por mim quando eu me encontrava nas tormentas do cabo Horn.

Agradeço a meus pais, Francisco Silvino de Araújo e Vicência Borges Viana, porque sem eles não teria sido possível agradecer ninguém.

E... agradeço a você a quem eu deveria ter agradecido e não agradei. Às vezes a memória falha.

## RESUMO

Este trabalho é um estudo da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais simples dos modos indicativo e subjuntivo da Língua Portuguesa do Brasil. Para tanto, nos inspiramos teoricamente nos estudos sobre as categorias verbais de modo, modalidade, tempo e aspecto e em diversas abordagens sobre os conceitos de realidade e irrealidade existentes na literatura lingüística. Inspirados pela teoria, desenvolvemos conceitos próprios de realidade e irrealidade não relacionados às orações condicionais, mas fundamentados nas modalidades lingüísticas deônticas e epistêmicas, nas noções de possibilidade e necessidade e no comprometimento do falante com a realização da situação a que a forma verbal se refere. Procuramos apresentar um panorama dos usos da Língua Portuguesa do Brasil. Para isso, analisamos material lingüístico bastante variado, para um mapeamento e descrição mais amplo das condições de ocorrência/expressão de realidade e irrealidade. Fizemos um levantamento de ocorrências de realidade e irrealidade em textos escritos dos mais variados tipos: jornalísticos, jurídicos, bíblicos; textos literários dos séculos XVIII, XIX e XX e até letras de música popular brasileira, de onde retiramos exemplos de usos de formas verbais que são plenamente reconhecidos pelo falante alfabetizado médio contemporâneo. Além disso, criamos muitos exemplos de língua culta e coloquial, com base em nossas observações e intuições lingüísticas. A partir dos exemplos de textos escritos e daqueles desenvolvidos por nós, criamos, em alguns casos, alternâncias sintagmáticas e paradigmáticas para testar os efeitos de determinados elementos. Embora pretendêssemos uma interpretação sincrônica da língua, não podemos negar que a sincronia convive com a diacronia, por isso utilizamos certas idéias dos estudos de gramaticalização, na tentativa de esclarecer dificuldades de uma explicação puramente sincrônica e sistêmica para alguns fenômenos apresentados pelos resultados da análise.

Palavras chaves: realidade, irrealidade, formas verbais, modalidades.

## **ABSTRACT**

This work is a study of the Portuguese Language in Brazil related to the reality and irreality expressed by the simple verbal forms of the indicative and subjunctive modes. We were theoretically inspired by the studies on the verbal categories of mode, modality, tense and aspect and on several approaches about the reality and irreality concepts that exist in the linguistic literature. Inspired by the theory, we developed our own concepts of reality and irreality which are not related to the conditional clauses, but are based on deontic and epistemic linguistic modalities, on the possibility and necessity notions, and on the speaker's commitment with the accomplishment of the situation that the verbal form refers to. We tried to present a panorama of the uses of the Portuguese Language in Brazil. For that, we analyzed a quite varied linguistic material, for a wider mapping and description of the conditions of reality and irreality occurrence /expression. We made a survey of reality and irreality occurrences in written texts of various types: journalistic, juridical, biblical; literary texts of the 18th, 19th and 20th centuries and even Brazilian popular lyrics, from where we had examples of uses of verbal forms that are fully recognized by the contemporary alphabetized medium speaker. Besides, we created many examples of educated and colloquial language, based on our observations and linguistic intuitions. From the examples of written texts and those we developed, we created, in some cases, syntagmatic and paradigmatic alternations to test the effects of certain elements. Although we intended to make a synchronous interpretation of the language, we cannot deny that synchrony goes with diachrony and for that we used certain ideas of the grammaticalization studies, in the attempt to clarify difficulties of a purely synchronous and systemic explanation for some phenomena presented by the results of the analysis.

Key words: reality, irreality, verbal forms, modalities.

## SUMÁRIO

Introdução .....	3
1 – Diálogos teóricos .....	3
2 – Justificativa .....	6
3 – Objetivos .....	8
4 – Corpus .....	9
5 – Metodologia .....	10
Capítulo 1: Referencial teórico .....	12
1.1. A realidade e a irrealidade .....	12
1.2. Formas e categorias verbais .....	16
1.2.1. As modalidades .....	16
1.2.2. Tempo verbal e forma verbal .....	24
1.2.3. O modo verbal. ....	25
1.2.4. O aspecto .....	26
1.3. As formas verbais simples e seus empregos .....	29
1.3.1. Formas do indicativo .....	29
1.3.1.1. Presente .....	29
1.3.1.1.a. Presente momentâneo .....	30
1.3.1.1.b. Presente com duração ilimitada contínua.....	31
1.3.1.1.c. Presente com duração ilimitada descontínua .....	31
1.3.1.1.d. Presente histórico .....	32
1.3.1.1.e. Presente expressando situação futura .....	32
1.3.1.2. Futuro do presente .....	32
1.3.1.2.a. Futuro do presente expressando futuro .....	34
1.3.1.2.b. Futuro do presente expressando crença .....	34
1.3.1.2.c. Futuro do presente como imperativo .....	35
1.3.1.2.d. Futuro do presente como expressão de possibilidade .....	35
1.3.1.3. Futuro do pretérito .....	37
1.3.1.3.a. Futuro do pretérito com valor temporal .....	37
1.3.1.3.b. Futuro do pretérito com referência a situações que se encontram posteriormente a outras situações narradas .....	38
1.3.1.3.c. Futuro do pretérito em orações condicionais .....	39
1.3.1.4. Pretérito imperfeito .....	43
1.3.1.4.a. Pretérito imperfeito com valor temporal .....	44
1.3.1.4.b. Pretérito imperfeito em orações condicionais .....	44
1.3.1.4.c. Pretérito imperfeito com valores modais .....	45
1.3.1.5. Pretérito perfeito .....	45
1.3.1.6. Pretérito mais-que-perfeito .....	46
1.3.1.6.a. Pretérito mais-que-perfeito como passado anterior .....	46
1.3.1.6.b. Pretérito mais-que-perfeito com sentido de futuro do pretérito do indicativo e de pretérito imperfeito do subjuntivo .....	47
1.3.2. Formas do subjuntivo .....	47
1.3.3. Orações subordinadas e conjunções subordinativas .....	49
1.3.3.1. Orações substantivas .....	50
1.3.3.2. Orações adjetivas .....	51
1.3.3.3. Orações adverbiais .....	52
Capítulo 2: Instrumento de Análise .....	55
Capítulo 3: Realidade e irrealidade: sua expressão por formas verbais simples da Língua Portuguesa do Brasil.....	66

3.1. Preliminares.....	66
3.2. As formas verbais simples do modo indicativo .....	68
3.2.1.1. Preliminares .....	69
3.2.1.1.a. Presente momentâneo .....	69
3.2.1.1.b. Presente com duração ilimitada .....	70
3.2.1.1.c. Presente com duração ilimitada descontínua .....	71
3.2.1.1.d. Presente histórico .....	72
3.2.1.1.e. Presente expressando situação futura .....	73
3.2.2. Futuro do presente .....	76
3.2.2.a. Futuro do presente expressando futuro .....	76
3.2.2.b. Futuro do presente expressando crença .....	77
3.2.2.c. Futuro do presente como imperativo .....	79
3.2.2.d. Futuro do presente como expressão de possibilidade .....	80
3.2.2.e. Futuro do presente e a sua expressão de realidade e irreabilidade .....	83
3.2.3. Futuro do pretérito .....	84
3.2.3.a. Futuro do pretérito com valor temporal .....	84
3.2.3.b. Futuro do pretérito como referência a situações que se encontram posteriormente a outras situações narradas .....	85
3.2.3.c. Futuro do pretérito em orações condicionais .....	88
3.2.3.d. Futuro do pretérito independente de orações condicionais .....	91
3.2.4. Pretérito imperfeito .....	97
3.2.4.a. Pretérito imperfeito com valor temporal .....	97
3.2.4.b. Pretérito imperfeito em orações condicionais .....	100
3.2.4.c. Pretérito imperfeito com valores modais .....	102
3.2.5. Pretérito perfeito .....	106
3.2.6. Pretérito mais-que-perfeito .....	107
3.2.6.a. Pretérito mais-que-perfeito como passado anterior .....	107
3.2.6.b. Pretérito mais-que-perfeito com sentido de futuro do pretérito do indicativo e de pretérito imperfeito do subjuntivo .....	108
3.3. A expressão de realidade e irreabilidade pelas formas verbais simples do modo subjuntivo .....	112
3.3.1. Formas do subjuntivo em orações subordinadas adverbiais .....	113
3.3.1.1. Formas do subjuntivo em orações subordinadas adverbiais causais.....	113
3.3.1.2. Formas do subjuntivo em orações subordinadas adverbiais concessivas .....	114
3.3.1.3. Formas do subjuntivo em orações subordinadas adverbiais comparativas .....	118
3.3.1.4. Formas do subjuntivo em orações subordinadas adverbiais condicionais .....	119
3.3.1.5. Formas do subjuntivo em orações subordinadas adverbiais temporais .....	124
3.3.1.6. Formas do subjuntivo em orações subordinadas adverbiais finais .....	126
3.3.2. Formas do subjuntivo em orações subordinadas substantivas .....	128
3.3.3. Formas do subjuntivo em orações subordinadas adjetivas .....	130
Considerações finais .....	134
Bibliografia .....	143
Bibliografia de corpus .....	147

## INTRODUÇÃO

### 1 – Diálogos teóricos

Existe uma infinidade de possibilidades de análises da linguagem verbal humana, que são possíveis graças às múltiplas perspectivas em que pode ser considerada. Por isso, a multiplicidade de análises de que tem sido objeto no correr dos séculos não esgotou, e possivelmente nunca esgote, as possibilidades escondidas nas tramas em que se constitui e que são constituídas por ela.

Embora a língua possa nos oferecer um universo aberto ao estudo teoricamente infinito, a sua abordagem não se dá facilmente, porque o conhecimento dificilmente, ou mesmo nunca, se desenvolve fora de modelos interpretativos. Para que um conhecimento sobre a língua possa ser desenvolvido, é preciso ter-se algum tipo de concepção prévia do seu aspecto que se pretende estudar. É certo que as possibilidades de investigação são vertiginosas, mas sem a adoção de um ponto de vista sobre a língua não há como percebê-las, pois apenas a partir de uma concepção sobre ela, por mais ingênua que seja, é que é possível fazer perguntas, avaliar, interpretar, descrever, comparar e explicar. Assim é que surgem as teorias lingüísticas, que são, necessariamente, modelos parciais de conhecimento que representam a adoção de certas perspectivas com relação à língua. Dependendo da perspectiva adotada, é possível um tipo de interpretação particular que pode ser distinto e mesmo contraditório em relação a interpretações fundamentadas em outras perspectivas.

Apesar das contradições e divergências que podem ser encontradas no conhecimento produzido a partir de diferentes teorias, isto não o invalida necessariamente, embora, obviamente, isso possa vir a acontecer. Na verdade, podemos dizer, isso vale para qualquer fato/fenômeno cuja construção/realização seja feita pelo homem, sendo ainda mais verdadeiro quando se trata do conhecimento científico, um campo das instituições humanas do qual, acreditamos, a Lingüística faz parte. É da confrontação e interação entre teorias diferentes que se pode chegar a uma melhor compreensão do que é estudado. Embora pareça uma contradição, as diferenças de concepções teóricas favorecem o debate, dando origem a novas compreensões que, por sua vez, pode levar a novas concepções teóricas e a novas práticas de investigação. A diversidade de teorias e suas dife-

rentes compreensões da linguagem humana favorecem um conhecimento cada vez mais amplo dela, propiciando o aparecimento de questões que de outra forma não ocorreriam ao estudioso.

Quem pretende fazer uma pesquisa não pode partir do nada. Como já dissemos anteriormente, é preciso uma fundamentação teórica, só assim seus argumentos poderão ter credibilidade e sustentabilidade. Isso vale mesmo para aqueles que iniciam novas teorias: é preciso partir do que já existe para fundamentar os novos argumentos. O conhecimento se constrói dentro de uma tradição; nem que seja para negá-la, a tradição deve ser considerada, já que se constitui do histórico de iniciativas que, com seus sucessos e fracassos configuram o conhecimento de uma dada época. Quem desconsidera o que já se conhece, corre o risco de descobrir o que já foi descoberto ou de cometer erros que já foram cometidos, e num e no outro caso o esforço terá sido em vão. Enfim, é preciso estar ciente do saber que já existe para com ele manter um diálogo: a única forma como o conhecimento científico pode ser construído.

Neste trabalho pretendemos fazer um estudo da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais simples dos modos indicativo e subjuntivo. Para isso mantivemos um diálogo teórico com os estudos desenvolvidos pelos lógicos da expressão de realidade, irrealidade e potencialidade no contexto das orações condicionais, com os estudos das modalidades lingüísticas e com os estudos dos modos do verbo das categorias verbais, tempo e aspecto. Esse conjunto teórico constitui a base de nosso trabalho. No entanto, apenas ele não foi suficiente para uma compreensão satisfatória dos resultados obtidos na análise.

À medida que os dados se acumulavam, nos encontramos diante da necessidade de buscar, dentro do campo dos estudos lingüísticos, alguma outra abordagem que nos ajudasse a entender alguns problemas que os resultados estavam apresentando. Os estudos sobre gramaticalização ofereceram alguns dados que nos pareceram ser uma possibilidade de explicação para as questões embaraçosas que nos afligiam.

A descoberta dos processos de gramaticalização ocorridos em diversas línguas de culturas diferentes nos permitiu um entendimento do papel das mudanças lingüísticas para a compreensão de fatos lingüísticos sincrônicos, e também tornaram possível uma interpretação do que à primeira vista nos pareceu um “non sense” nos resultados da análise. Graças aos estudos de gramaticalização, de descobertas tais como o da convivência, em um mesmo elemento lingüístico, de ecos da história da língua, conseguimos perceber que as insolúveis dificuldades que se acumulavam à medida que os dados iam

sendo analisados não se deviam a problemas de concepção da pesquisa, mas a uma falta de instrumental para compreendê-las. Os problemas encontrados não se deviam a um defeito congênito do trabalho, mas eram decorrentes da natureza mesma dos dados lingüísticos, que a pesquisa conseguia perceber, mas não estava ainda teoricamente embasada para compreender e interpretar.

Os conhecimentos produzidos pelos estudos de gramaticalização nos permitiram uma concepção de língua não fixada apenas nas relações do sistema lingüístico, que o estudo sincrônico não permite, já que para a sincronia não há fatos não sistêmicos. Ficou assente que apenas com uma abordagem sincrônica, muito da multiplicidade de sentidos que podem estar presentes num tempo verbal, numa modalidade, etc... e que dependem dos processos diacrônicos não poderiam ser compreendidos ou poderiam ter interpretação equivocada.

Os estudos de mudança lingüística feitos com o aparato teórico da gramaticalização expandem, assim nos parece, os nossos horizontes para muito além do que a concepção da língua como um sistema pode explicar. É fundamental a compreensão de que um morfema ou um gramema pode conter em si sentidos de épocas passadas, reflexos de usos que já não são mais encontráveis no uso da época em que a língua está sendo analisada, se quisermos uma explicação razoável de como, por exemplo, é possível para uma forma verbal como o futuro do presente do modo indicativo poder estar em processo de modalização para um uso epistêmico de possibilidade e ao mesmo tempo expressar obrigações e certezas.

Os estudos de gramaticalização, principalmente quando são comparados os processos de mudanças lingüísticas em línguas de famílias muito diferentes, permitem o conhecimento de linhas de evolução lingüística, que, num momento sincrônico, aparentam ser completamente distintas, mas que no devir histórico se relacionam, se interpenetram e até se confundem. Além disso, o estudo de um número cada vez maior de línguas diferentes permite fazer comparações entre elas, dos seus processos de significação e de mudança e descobrir fatos que representam, até o momento, universais lingüísticos que explicariam certos fatos específicos de cada língua particular. Isso porque as línguas do mundo parecem apresentar processos de significação e mudança análogas, possivelmente dependentes do modo como a mente humana lida, nos mais diversos mundos em que é possível ao homem viver, com categorias mentais semelhantes. A comparação de línguas diferentes pode revelar que alguns sentidos contraditórios e aparentemente inexplicáveis percebidos numa categoria gramatical ou lexical que não apresentam evidências

históricas numa língua, por qualquer motivo que seja, podem ser entendidos graças ao que é muito evidente em outra.

Este, evidentemente, é um trabalho sincrônico e ao nos servirmos de dados diacrônicos para tentar explicar certos fenômenos observados em nossa pesquisa não quisemos inadvertidamente apresentar explicações diacrônicas para problemas sincrônicos, uma vez que isso poderia invalidar os resultados de nosso trabalho, pois assim estaríamos confundindo duas perspectivas diferentes de análise lingüística. O que buscamos com o uso de dados de pesquisas sobre gramaticalização foi uma possível explicação para fenômenos resultantes da diacronia que se encontram dentro da sincronia, porque mesmo havendo uma autonomia entre as duas perspectivas de análise lingüística, igualmente não se pode negar que exista uma interdependência entre os dois fenômenos (Saussure, 1995:103-105), sem a qual não se poderia falar em mudança lingüística.

A respeito da relação entre sincronia e diacronia, estamos plenamente de acordo com Lopes (1995: 76):

Na realidade inexistente sincronia pura: no interior de qualquer sistema coexistem estágios de sistemas mais antigos e esboçam-se, como subsistemas, estágios posteriores; um código é, antes de tudo, uma interação de subcódigos e é isso, precisamente, uma propriedade inalienável das línguas a caracterizá-las como mecanismos dotados de *produtividade*.

Por isso, acreditamos, que certas abordagens diacrônicas para problemas sincrônicos não são necessariamente uma contradição teórica, porque esses fenômenos resultantes da diacronia, estando vivos no estado atual da língua, não podem ser explicados com base apenas no sistema lingüístico por ele mesmo.

## **2 - Justificativa**

Desde há muito, a questão da expressão da realidade/irrealidade se apresenta nas análises lingüísticas. A gramática tradicional, ao tratar dos tempos verbais, se refere à questão quando apresenta os modos verbais, no entanto o tema só ocorre como uma particularidade inerente à oposição semântica entre os modos indicativo e subjuntivo.

A gramática tradicional associa o modo indicativo à expressão da realidade e da certeza e o subjuntivo à incerteza e à irrealidade. Não existe, entretanto, aprofundamen-

to das possíveis significações dos dois modos, que se mostram como se já estivessem plenamente resolvidos e não oferecessem nenhum problema quanto ao que podem expressar. Por isso, realidade e irrealidade passam a ser simplesmente sinônimos de indicativo e subjuntivo, sendo que qualquer outra possibilidade não é referida.

Há pesquisas lingüísticas que também se referem à irrealidade e realidade ligadas ao verbo. Elas têm testemunhado, no entanto, que a simples oposição entre indicativo e subjuntivo na base da realidade/irrealidade não se confirma quando os fatos da língua são analisados com uma reflexão menos influenciada pela gramática tradicional. Elas não negam que possa haver tal relação, contudo demonstram a sua parcialidade.

As análises constatam que a expressão de realidade e de irrealidade vai muito além dos modos, e que, mesmo quando se apresentam nos modos, não podem se identificar completamente com um ou com outro. Há alguns usos de tempos do modo indicativo que aparecem se afastar da realidade, com o falante procurando não se comprometer com a ocorrência das situações, enquanto orações com verbos do modo subjuntivo não parecem exprimir irrealidade devido ao comprometimento do falante com a ocorrência das situações.

Orações com verbos no futuro do pretérito e no pretérito imperfeito do indicativo como os dos exemplos (1) e (2) poderiam ser interpretadas como irrealis:

- (1) Você não **saberia** me informar qual é o gerente deste estabelecimento?<sup>1</sup>
- (2) Você não me **vendia** seu apartamento?

Por outro lado, não se pode ter certeza que orações com verbos no subjuntivo, como as dos exemplos (3) e (4) expressem irrealidade:

- (3) Embora o Brasil **tenha** muitas riquezas naturais, tem uma população miserável;
- (4) Embora minha avó **estivesse** velha e quase cega, não deixou de fiar até a morte.

Outras pesquisas encontram campos ainda mais ricos para se investigar a expressão da realidade e da irrealidade. Um deles é o do estudo das modalidades, que à semelhança dos modos verbais também estão relacionadas com o julgamento do falante sobre

---

<sup>1</sup> Todos os exemplos deste texto em que não há referência à autoria foram criados por nós.

o que ele diz. Parece-nos que são as modalidades, expressas pelos mais diversos recursos, que mais intimamente se relacionam com a expressão da realidade e da irrealidade.

Outra categoria, ainda pouco pesquisada, o aspecto, também pode, em certos casos – perfectivo e imperfectivo – expressar realidade e irrealidade.

Embora, realidade e irrealidade tenham sido analisadas em suas relações com várias categorias, elas não têm sido consideradas em si mesmas, de tal maneira que os seus conceitos são raramente referidos e acreditamos que isso ocorra por serem julgados óbvios. Porém o que aparenta obviedade geralmente é mais complexo do que parece. Esta desatenção, para nós, é uma lacuna na base das pesquisas realizadas, porque conceitos operatórios básicos não são explicitados.

Por tudo isso, consideramos que a pesquisa que nos propomos realizar tem pertinência. Estaremos nos dedicando ao estudo de um tema aparentemente evidente, mas que, quando examinado mais de perto, revela abordagens bastante mais intuitivas que científicas. Acreditamos que se dedicar a pesquisar a realidade e a irrealidade, procurando revelar o que as determina e em que condições ocorrem, buscando descobrir certas regularidades em suas ocorrências, pode contribuir para seu maior esclarecimento em outros estudos que a elas se referem apenas marginalmente.

Creemos que abordar um assunto ainda não trabalhado em outras pesquisas por si só já seria argumento para a validade da empreitada. Este é o caso deste trabalho. Além do mais, estaremos investigando um tema que perpassa vários domínios da pesquisa lingüística, cujos resultados podem ser de proveito para outras investigações.

### **3 - Objetivos**

O objetivo principal desta dissertação é estudar a expressão da realidade e irrealidade pelas formas verbais simples da Língua Portuguesa do Brasil. Em nosso trabalho investigamos a relação da expressão de realidade e irrealidade com as modalidades epistêmicas e deônticas, as categorias de tempo e aspecto e os modos indicativo e subjuntivo.

Pretendemos, em nossa análise, identificar algumas regularidades ou irregularidades na expressão da realidade e irrealidade na Língua Portuguesa do Brasil, investigando como e em que medida as formas e categorias acima referidas e outros fatores contribuem para a sua expressão.

Em nosso trabalho procuramos fazer um quadro da multiplicidade dos usos das formas verbais do Português do Brasil hoje, por isso optamos por analisar diversos tipos de textos e modos de expressão. O estudo dessa diversidade de usos da língua levou-nos a reconhecer empregos relativamente diversificados das formas verbais que estão coexistindo neste momento, ou, que mesmo que não sejam muito comuns, ainda são reconhecidos pelos falantes.

Assim, embora tenhamos analisado alguns exemplos de formas verbais de textos literários dos séculos XVIII e XIX, nosso trabalho não é de natureza diacrônica, uma vez que empregos semelhantes dessas formas existem ainda hoje, o que pôde ser verificado em textos literários de modernistas do século XX e em letras de música popular brasileira contemporânea.

Ainda que a opção de estudar uma ampla gama de tipos de textos e modos de expressão possa levar ao enfraquecimento do poder explicativo de nosso trabalho, sem dúvida ele se constitui num panorama do qual se podem fazer recortes específicos em futuras pesquisas da expressão da realidade e irrealidade pelas formas verbais.

#### **4 - Corpus**

Observamos que a pesquisa da realidade e irrealidade tradicionalmente tem se restringido às orações condicionais. Por acreditarmos que a ocorrência/expressão de realidade e irrealidade tem a ver com sua correlação com categorias e formas lingüísticas outras já referidas, procuramos analisar material lingüístico bastante variado, para um mapeamento e descrição mais amplo das condições de ocorrência/expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais simples na Língua Portuguesa do Brasil.

Neste trabalho, fizemos um levantamento de ocorrências de realidade e irrealidade expressas pelas formas verbais simples dos modos indicativo e subjuntivo em textos escritos dos mais variados tipos: jornalísticos, jurídicos, bíblicos; textos literários dos séculos XVIII, XIX e XX e letras de música popular brasileira. Além disso, criamos muitos exemplos de língua culta e coloquial, com base em nossas observações e intuições lingüísticas. A partir dos exemplos de textos escritos e daqueles desenvolvidos por nós, criamos, em alguns casos, alternâncias sintagmáticas e paradigmáticas para testar os efeitos de determinados elementos. Não nos limitamos previamente a um número

específico de ocorrências, porque o que nos interessava eram os fatos, não a quantidade. Por isso mesmo buscamos levantar o maior número possível de casos diversos de ocorrência/expressão de realidade e irrealidade relacionados ao modo, ao tempo, ao aspecto e à modalidade, que sabidamente estão relacionados às formas verbais.

Embora o escopo de nossa pesquisa tenha sido bastante abrangente, com uma análise de material diversificado, essa escolha se justifica porque o que pretendemos foi apresentar um panorama da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais simples na multiplicidade de usos da Língua Portuguesa do Brasil. Reconhecemos que a opção de analisar exemplos dessa multiplicidade de usos da língua diminui o poder explicativo de nosso trabalho, contudo esse panorama mais amplo pode abrir caminhos para posteriores trabalhos mais específicos.

Eis, então, como é constituído o nosso corpus:

- a) pelas ocorrências levantadas em diversos textos da Língua Portuguesa do Brasil: textos jornalísticos, jurídicos, bíblicos, literários dos séculos XVIII, XIX e XX e letras de música popular;
- b) por exemplos de língua culta e coloquial, criados por nós mesmos com base em nossas observações e intuições lingüísticas;
- c) por alternâncias sintagmáticas e paradigmáticas feitas a partir das ocorrências levantadas nos diversos tipos de textos e dos exemplos de nossa autoria, para testagem de possibilidades.

## **5 – Metodologia**

O método utilizado neste estudo da realidade e da irrealidade expressas pelas formas verbais simples dos modos indicativo e subjuntivo constou de análise de ocorrências encontradas em textos da Língua Portuguesa do Brasil e de exemplos de língua culta e coloquial de nossa lavra. Foram feitas alternâncias sintagmáticas e paradigmáticas das ocorrências dos textos e dos exemplos de nossa própria composição para testagem de possibilidades expressivas e hipóteses específicas levantados no curso da pes-

quisa. Utilizamos ainda um quadro que funcionou como instrumento de análise e que apresentamos no capítulo 2.

## **CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO**

### **1.1. A realidade e a irrealidade**

Autores que de alguma maneira se ocupam de realidade e irrealidade nos estudos lingüísticos não os consideram, de um modo geral, como conceitos problemáticos. No entanto, apesar dos textos normalmente não problematizarem explicitamente tais conceitos, eles são implicitamente compreendidos de modos diversos e não raro genericamente, deixando o leitor desamparado quanto à clareza dos significados dos termos com que lida. Diante desse quadro de imprecisão dos conceitos, procuramos investigar mais cuidadosamente o que está de fato sendo considerado por realidade e irrealidade quando são referidas nos textos.

Da bibliografia que utilizamos neste trabalho, apenas dois textos se dedicam de alguma forma às chamadas orações condicionais reais. Um deles é Dubois et al. (1994) que embora registre o vocábulo, não o define de forma a ajudar muito quem queira saber o que é considerado “oração real” na tradição gramatical. Nele, o real/a realidade é definido negativamente como se referindo àqueles tipos de frases que não estão no potencial, nem no irreal. Isto nos pareceu de pouco esclarecimento, já que nos remete a outros vocábulos que também não são claramente explicitados no dicionário.

Outro autor que se refere a “real” é Weinrich (1968). Analisando as orações condicionais, conhecidas tradicionalmente por reais, chega à conclusão de que esta classificação não é apropriada. Para ele a despeito da classificação de reais, essas orações são, na verdade, tanto a condição quanto a consequência, muito duvidosas, nada tendo de seguro. Isso porque o sentido que expressam não é categórico, mas hipotético.

Weinrich apresenta uma extensa exemplificação de textos de autores franceses que contêm essas orações “reais”, tanto com verbos nos tempos do mundo narrado quanto nos do mundo comentado, chegando por fim à conclusão de que este tipo de oração nada tem de parecido com o que possa ser chamado de realidade. Para ele, o que se constata é que, simplesmente, as orações condicionais tanto podem estar presentes em situações de mundo narrado quanto de comentado, e que todas elas semanticamente expressam dúvida.

Para Weinrich, além das orações reais, as gramáticas de inspiração lógica classificam ainda as orações condicionais em irreais e potenciais. Exemplo de oração irreal seria “Se chovesse eu ficaria em casa”. Para Maurice Grevisse, apud Weinrich, uma oração é irreal quando: “la oracion condicional expresa un hecho presente o pasado que se considera contrario a la realidad<sup>2</sup>”. Assim, para que a oração “Se chovesse eu ficaria em casa” seja considerada irreal, deve-se pensar que de fato “não chove”. Negando-se a condição, elimina-se a conseqüência do âmbito da realidade. Uma vez que não chove, ficar em casa torna-se irreal.

De acordo com Weinrich, as orações potenciais são, quanto à forma, exatamente iguais às irreais, contudo, a interpretação que se dá a elas é outra. Se por um lado, quando se interpreta uma oração como irreal, a conseqüência não se torna real porque a condição é negada, por outro, quando é entendida como potencial, ela passa a ser interpretada como uma conjectura. A oração “Se chovesse eu ficaria em casa” deve ser compreendida como possibilidade, eventualidade ou coisa imaginária.

Weinrich contesta essa doutrina das orações condicionais de base lógica, porque, segundo ele, neste tipo de interpretação, as orações são classificadas isoladamente, desprezando-se o seu contexto imediato, não sendo possível, sem esse contexto, afirmar que sejam reais, irreais ou potenciais.

Weinrich critica este tipo de classificação das orações feita pelas gramáticas de tradição lógica, porque ela não é sustentada por meios lingüísticos, mas por pressupostos externos à língua. Para ele, então as orações condicionais em si nada têm de reais, irreais ou potenciais. Weinrich afirma que a linguagem é indiferente à realidade ou irrealidade (no sentido tradicional) do que é pensado, mas que não é indiferente a sua validade ou invalidade. Para ele, as orações podem expressar validade ou invalidade quando se constituem em metáforas temporais.

---

<sup>2</sup> “a oração condicional expresa un fato presente o pasado que se considera contrario a la realidad” Weinrich (1968: 175). Tradução nossa.

Para se entender o que vem a ser metáfora temporal, é preciso dizer que Weinrich (1968) faz uma classificação dos tempos verbais em dois grupos diferentes. De um lado estão os tempos verbais típicos da narração, de outro os do comentário. Esses tempos se organizam à maneira de uma concordância, de tal maneira que a presença de um tempo do comentário num contexto narrativo ou vice-versa produz um estranhamento. A metáfora temporal acontece exatamente quando uma oração contendo um verbo de um grupo temporal se encontra num contexto de outro grupo.

Para Weinrich, a função da metáfora temporal é a de limitar a significação de uma oração. Por esta limitação pode-se entender uma mudança de significação da oração, de tal forma que o seu sentido passa a expressar dúvida, fantasia, cortesia, etc..., sendo que é em razão disso que pode ser considerada irreal.

Portanto, no entender de Weinrich, uma oração condicional não pode expressar irrealidade ou realidade por si mesma, mas pelo fato de se constituir ou não numa metáfora temporal. Ele chama até a atenção para o fato de que há mesmo poucas orações condicionais que se constituem em metáforas.

Segundo Weinrich, a função de limitar a validade do discurso não cabe apenas às metáforas temporais, mas também ao modo subjuntivo, que pode intercambiar com elas em variação livre. Subjuntivo e metáforas temporais são, portanto equivalentes, servindo ambas para a expressão dos mais variados matizes de irrealidade, tais como incerteza, possibilidade, probabilidade e desejo.

Embora ninguém mais se detenha explicitamente em discutir teoricamente os conceitos de realidade e irrealidade na língua, vários autores se referem ao tema, relacionando-o com suas análises de outros aspectos da língua.

Num estudo feito comparando o sistema tempo-aspecto-modais de uma língua crioula do Havai com os de outras línguas de diversas famílias, numa busca de encontrar alguns universais lingüísticos, Givón (1982) descreve quadros dos sistemas particulares de cada língua estudada. Uma das marcas de base dos sistemas tempo-aspecto-modais dessas línguas que o autor considera em sua análise é a irrealidade.

Embora Givón não se detenha em discutir em nenhuma circunstância a pertinência teórica das marcas tempo-aspecto-modais, já que sua preocupação é descrever o sistema de cada língua e confrontá-los, pode-se rastrear a concepção subjacente a sua classificação.

Não nos deteremos em apresentar e examinar as outras marcas dos sistemas tempo-aspecto-modais das línguas comparadas, porque seria supérfluo, tendo em vista

os objetivos deste estudo. Apenas as marcas semânticas da irrealidade expressas serão consideradas. Para não nos estendermos muito, nos detendo em cada sistema em particular, faremos um apanhado do que é identificado com a irrealidade em todas as línguas comparadas por Givón. São por ele apontadas como marcas de irrealidade: futuro, habilidade, possibilidade, necessidade, obrigação, imperativo, futuro possível (nas orações condicionais) contrafactual, probabilidade e propósito.

Numa análise funcionalista dos tempos perfeito e imperfeito do indicativo, Campos e Galembeck (1994: 70) associam o primeiro à realidade, porque se relaciona a “fatos reais (ou tidos como tais)” e o segundo à irrealidade, porque está relacionado com a opinião, suposição e desejo. Logo, os autores consideram os aspectos perfectivo e imperfectivo como marcadores de realidade e irrealidade, respectivamente.

Rodrigues et al. (1996: 435), analisando o texto narrativo, e fundamentados em Hopper (1979), se referem a um maior ou menor grau de proximidade da realidade, dependendo se o tempo verbal é de 1º ou 2º plano. Para eles, o 1º plano, constituído de verbos no perfeito, forma o fio da narrativa; o 2º plano, no imperfeito, especifica ou comenta os verbos narrados no primeiro. Para estes autores, assim como para Campos e Galembeck (1994), o perfeito (aspecto perfectivo) se relaciona com fatos reais ou tidos como reais e o imperfeito (aspecto imperfectivo) com irreais: opinião, suposição, desejo, propósito.

Georges Galichet, apud Almeida (1980:131) afirma, em seu “Essai de Grammaire Psychologique”, que realidade e irrealidade se relacionam com a modalidade. Galichet diz que pela categoria da modalidade são expressas uma infinidade de atitudes que podem ser reunidas em duas fundamentais: “o processo como coisa real ou como pura virtualidade.” “Se envolvem nesta última todas as nuances da afetividade, que se ligam ao carácter irreal do processo (desejo, esperança), as nuances de vontade (pedido, ordem) ou as nuances da intelecção (dúvida, possibilidade), está aí o modo subjetivo, que se opõe ao modo objetivo da realidade.” Por fim, Galichet afirma que há apenas duas modalidades essenciais: a do real e a do eventual, sendo as outras modalidades suas variantes.

Para Travaglia (1991:115), realidade e irrealidade são importantes para o funcionamento textual-discursivo do verbo em Português, pois se relacionam com valores discursivos básicos, “ligados à relação do falante com o que diz, a imagem que ele faz do assunto, do tópico ou da imagem que quer fazer acreditar que tem desse assunto ou tópico.” Travaglia não se detém em maiores discussões sobre a irrealidade

Para a nossa pesquisa desenvolvemos conceitos de realidade e irrealidade que se fundamentam em concepções que às vezes se distanciam ou se aproximam das idéias apresentadas pelos diversos autores acima citados. Poderíamos apresentá-los aqui, mas, devido à estrutura de nosso texto, eles estão expostos no item referente ao instrumento de análise, pois o mesmo foi construído com base nas concepções de realidade e irrealidade que desenvolvemos e lá estão especificadas.

## 1.2. Formas e categorias verbais

### 1.2.1. As modalidades

Realidade e irrealidade parecem estar intimamente relacionadas às modalidades, já que as modalidades expressam gramaticalmente a relação do falante com o que diz, e a expressão da realidade e irrealidade se constituem em marcas da atitude tomada pelo falante diante da realidade biopsicofisicosocial. Uma vez que revelam modos de relação, numa investigação da realidade/irrealidade, as modalidades merecem, em nossa opinião, uma atenção especial em nossa análise.

Sabemos que, em se tratando do estudo das modalidades, muitas abordagens são possíveis, revelando uma área em que as pesquisas divergem muito quanto ao enfoque e a concepção sobre o seu objeto. Parece-nos que o modelo de estudo das modalidades clássicas tem sido o mais utilizado desde a antiguidade. Chamamos de modalidades clássicas, aquelas que têm origem nos trabalhos de Aristóteles e estão divididas em aléticas, epistêmicas e deônticas.

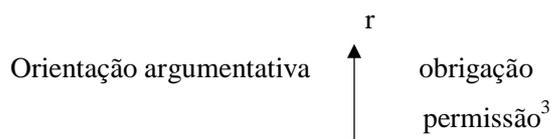
Baseadas em concepções lógicas, assim são definidas essas modalidades, segundo Koch (1987: 75-78):

- a) as **aléticas** se referem à existência, determinando o valor de verdade das proposições;
- b) as **epistêmicas** se referem à crença e ao conhecimento que temos de um estado de coisas;
- c) as **deônticas** se referem à conduta, à linguagem das normas, àquilo que deve ser feito.

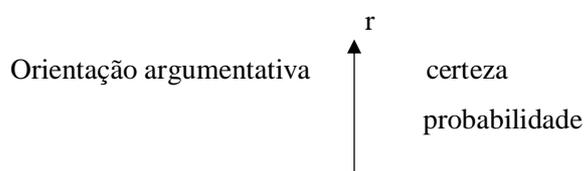
As manifestações dessas modalidades se dariam da seguinte forma: a alética, em enunciados do tipo, “é necessário” e “é possível”; as epistêmicas, em enunciados do tipo “é provável” e “é certo” e as deônticas, em enunciados do tipo “é proibido” e “é permitido”. Guimarães (1979), por exemplo, estuda essas modalidades, relacionando-as com a teoria das escalas argumentativas de Oswald Ducrot.

Utilizando-se do operador argumentativo “até mesmo”, Guimarães chegou às seguintes escalas argumentativas entre os elementos de uma mesma modalidade:

- a) Deônticas: “É permitida e até mesmo obrigatória a sua presença.”



- b) Epistêmicas: “É provável e até mesmo certa a sua presença.”



- c) Aléticas: Não há orientação argumentativa entre “possível” e necessário”.

Travaglia (1991) apresenta um quadro de modalidades baseado nas modalidades clássicas, no entanto, seu modelo é um pouco mais estendido. Além das aléticas, deônticas, e epistêmicas acrescenta duas outras, imperativas e volitivas, pois considera que o modelo clássico não é suficientemente completo para indicar as nuances de atitude do falante, em termos do funcionamento textual-discursivo do verbo.

Imperativas	Obrigação	
	Permissão	
	Ordem	Positiva
		Negativa
	Proibição	
	Prescrição	
Deônticas	Obrigatoriedade	

<sup>3</sup> Ao símbolo ↑ lê-se “argumento a favor de”. Quando houver mais de um argumento, o que estiver mais alto na seta é “argumento mais forte.” Assim ↑ é lido: x e y são argumentos em favor de r e x é argumento a favor de r mais forte que y.

	Permissibilidade
Volitiva	Volição
Aléticas	Necessidade
	Possibilidade
Epistêmicas	Certeza
	Probabilidade
Ausência de modalidade	

Quadro de modalidades: Travaglia (1991: 79)

Eis alguns exemplos apresentados por Travaglia para o seu quadro:

a) **Modalidades imperativas:** O falante vê a realização do que é dito sob seu controle.

(5) Obrigação: Eu te **obri**go a me **ajudar**.

(6) Permissão: Eu **permito** que você o **veja** por cinco minutos.

(7) Ordem positiva: Joãozinho, **venha** aqui agora! Já!

(8) Ordem negativa: Não **ponha** isso aí! Já disse!

(9) Proibição: Eu te **proíbo encontrar**-se com esse rapaz!

(10) Prescrição: **Tome** três comprimidos por dia!

b) **Modalidades deônticas:** “a determinação de realização é apresentada como intrínseca à própria situação, ... A ênfase é no executar, não no executante.”

(11) Obrigatoriedade: **É obrigatório o uso** de crachá nas dependências da fábrica.

(12) Permissibilidade: **É permitido fumar**.

c) **Modalidade volitiva:** “a “determinação” de realização da situação é interior ao locutor”

(13) Volição: **Quero** muito ir a sua casa.

d) **Modalidades aléticas:** O falante vê a realização da situação como algo possível ou necessário.

(14) Necessidade: **É necessário estar** bem consigo mesmo.

(15) Possibilidade: **É possível tirar** esta mancha?

- e) **Modalidades epistêmicas**: Tem a ver com a crença do falante sobre aquilo que ele diz.

(16) Certeza: João **veio** aqui ontem e **levou** seu livro.

(17) Probabilidade: **Talvez** João **tenha vindo** aqui ontem e levado o seu livro.

Almeida J. (1980: 132), inspirado em estudos da lógica, assegura que há necessidade de distinguir dois tipos diferentes de modalidades:

- a) uma, “no sentido **objetivo**, concebida como uma asserção, válida para qualquer espírito, de que tal objeto do conhecimento existe de *fato*, ou existe *necessariamente* ou *é possível*”;
- b) outra, “no sentido de um espírito determinado, individual, em face de uma proposição”, ou seja, **subjativa**.

Segundo ele, a **modalidade objetiva** se realiza em três tipos:

- a) existência ou não-existência;
- b) necessidade e obrigatoriedade;
- c) possibilidade (impossibilidade) e probabilidade.

A **modalidade subjativa** também se realiza em três diferentes maneiras:

- a) volição e desejo;
- b) ordem e proibição;
- c) dúvida ou incerteza.

Além destes três tipos de abordagens, existem muitos outros que poderíamos referir, mas achamos desnecessário fazê-lo em virtude de nosso trabalho.

Palmer (1986) e Sweetser (1990) afirmam que as modalidades aléticas têm um papel desprezível na semântica das línguas naturais. Neves (1996) tem opinião semelhante: para ela, o estudo das modalidades lingüísticas pressupõe alguma consideração aos modelos da lógica, mas que se desvincula dela, pois a língua, ao contrário das linguagens formais, não são ordenadas. Afirma também que as modalidades lingüísticas “*stricto sensu*” são apenas as deônticas e as epistêmicas, porque são as modalidades que ocorrem e podem ser analisadas nos enunciados.

Decidimos, então, em nossa pesquisa, usar um modelo de análise constituído das modalidades lingüísticas “*stricto sensu*”, epistêmicas e deônticas, uma vez que nossa pesquisa terá como objeto de estudo o sistema lingüístico, e não linguagens formais.

Parte substancial de nossa pesquisa vai se ater às concepções das modalidades propostas por Palmer (1986) e Sweetser (1990). Esses dois autores apresentam análises com muitos pontos em comum, sendo que Sweetser recorre diversas vezes ao texto de Palmer, como corroboração às suas idéias.

Apesar das concepções de Palmer sobre as modalidades e os seus tipos estarem dispersos em seu texto, podemos tentar condensá-las. Para ele a modalidade diz respeito às características subjetivas de uma elocução, sendo que a subjetividade é um critério essencial para a modalidade, que tornaria gramatical as atitudes e opiniões do falante (Palmer, 1986: 16). A subjetividade se constituiria, por isso, num traço fundamental da modalidade.

Para ele, a **modalidade epistêmica** se refere a qualquer sistema modal que indique o grau de comprometimento do falante com o que diz. Justifica essa opinião, se reportando à etimologia da palavra, que tem origem grega e pode ser traduzida por compreensão ou conhecimento, mais do que fé. Essa modalidade traduziria, então, o que o falante entende e conhece, incluindo obviamente aí seus julgamentos e o que sustenta daquilo que diz. A **modalidade deôntica**, por outro lado, é definida como se referindo àquilo que tem a ver com a vontade, com relação à expressão das atitudes do falante relativas a suas ações ou às de outros. Assim, poderíamos assumir os valores fundamentais de cada modalidade: a epistêmica se refere ao juízo que emitimos sobre o que falamos; e a deôntica sobre as nossas intenções.

Um fato curioso, a que vários autores se referem, se apresenta num grande número de línguas conhecidas. Independentemente das famílias a que pertençam, a expressão lingüística das modalidades, tanto epistêmica quanto deôntica, é realizada na maioria das vezes com os mesmos elementos. Um exemplo do Português é o emprego do auxiliar modal “dever”, expressando uma ordem ou uma opinião. Muitas vezes, não é possível, pela própria expressão lingüística, perceber de qual modalidade se trata, sendo, nestes casos, necessário recorrer ao contexto.

Palmer (1986) afirma que essa evidente ligação entre as modalidades lingüísticas depende das modalidades centrais da lógica modal, a possibilidade e a necessidade. Neves (1996: 163) tem uma opinião parecida: de modo semelhante, declara que, “guardadas as especificidades, os eixos do conhecimento e da conduta podem pertinentemente correlacionar-se com as funções lingüísticas básicas”.

Procuramos representar como se daria este inter-relacionamento entre a necessidade e a possibilidade e as modalidades lingüísticas. As **deônticas**, por um lado, apresentariam dois grupos:

- a) as modalidades determinadas pela necessidade, e que são a ordem, a obrigação, a obrigatoriedade, a proibição, a prescrição e a volição;
- b) a modalidade determinada pela possibilidade, que é a permissão.

As **epistêmicas**, por outro lado, sendo determinadas pela possibilidade, mais que pela necessidade, incluiriam o que é possível e o que é provável. Isso nos afigura então apenas dois princípios para as modalidades lingüísticas.

Como já referimos acima, as modalidades deônticas e epistêmicas, embora se oponham, são expressas com freqüência pelas mesmas marcas lingüísticas. Diante desse fenômeno, Sweetser (1990) apresenta uma explicação baseada na transferência metafórica. Acredita, e afirma, que pesquisas com crianças e línguas crioulas têm demonstrado que primeiro se dominam as modalidades do mundo real (deôntico) e depois as do mundo mental (epistêmico). Declara que o mundo real físico-social é entendido em termos de forças e barreiras, que acredita serem transferidas para o mundo mental.

No entanto a transferência das forças e barreiras “deônticas”, que são reais, e existem “materialmente”, para o mundo epistêmico, não se dá simplesmente em se entender um mundo pelo outro, mas as forças e barreiras do mundo físico são entendidas no mundo mental como premissas. O mapeamento não é completo, aliás como é próprio de qualquer metáfora. São alguns traços de um domínio que são transportados a outro. Assim numa elocução feita com sentido deôntico, como “Todos devem dormir às 10 horas”, o sentido do verbo “dever” é interpretado como uma força a ser realizada, já que ela é “real”. Se o sentido for epistêmico, somos forçados por alguma evidência, as luzes apagadas, o silêncio, etc..., a acreditar que às 10 horas todos já estão dormindo.

A interpretação da modalidade epistêmica como uma redefinição da semântica da modalidade deôntica em termos de traços ou premissas parece ser bastante provável, já que a metáfora torna transparente a estrutura do paralelismo entre elas. A interpretação de domínios mais abstratos em termos de domínios mais concretos permite o entendimento de como as forças e barreiras reais do mundo físico-social se transformam em forças e barreiras determinadas por nossas crenças e nosso conhecimento.

Resta-nos fazermos referência sobre os recursos de manifestação das modalidades. Segundo Neves (1996), elas se manifestam por:

- a) Verbos auxiliares modais:

- (18) Ele **deve** ser o seu amigo.  
(19) Ele **pode** ser o meu amigo.

b) Orações principais de dois tipos:

b.1) com um verbo pleno: acho, suponho, quero, obrigo, gostaria, etc...

- (20) **Acho** que ele não é meu amigo.  
(21) **Quero** que você seja meu amigo.

b.2) com adjetivo em posição predicativa: é preciso, é necessário, é provável, é obrigatório, etc...

- (22) **É preciso** que a lei se cumpra.  
(23) **É necessário** um ato de bravura.

c) Por advérbios: necessariamente, possivelmente e provavelmente.

- (24) **Necessariamente** a lei deve ser cumprida.  
(25) **Provavelmente** a fome vai aumentar.

d) Por substantivos: opinião, desejo, impressão, necessidade, possibilidade, etc...

- (26) Minha **opinião** não lhe será agradável.  
(27) Tenho a **impressão** de que tudo é falso.

e) Pelas categorias gramaticais de:

e.1) tempo: futuro do pretérito do indicativo, imperfeito do indicativo.

- (28) Eu **gostaria** que ela voltasse.  
(29) Você **podia** emprestar sua caneta?;

e.2) aspecto: imperfectivo.

- (30) O réu **podia** falar a verdade mas não falou.

e.3) modo: indicativo, subjuntivo e imperativo.

- (31) O menino **leu** o livro.  
 (32) Se o menino **lesse** o livro saberia mais.  
 (33) **Leia** o livro, menino!

f) Por meios prosódicos: hesitações, patinações e repetições.

- (34) **Eu ... eu .... me** parece que as mulheres são dissimuladas.  
 (35) **Ah ... hum ... vo ... cê** não empresta a sua prova?

Além dessas, apresentadas por Neves, também acreditamos que expressões fossilizadas como “**Quem sabe....?**”, “**Será que...?**”, “**Se Deus quiser....**” também podem ser manifestações de modalizações.

Em nosso estudo não estaremos trabalhando com a concepção clássica das modalidades, divididas em aléticas, epistêmicas e deônticas, mas no sentido que dão Palmer (1986), Sweetser (1990) e Neves (1996), como já nos referimos acima. Nesta concepção de modalidades, como vimos, as epistêmicas e deônticas são centrais na língua, sendo qualquer outra delas dependente.

Estaremos tomando as modalidades no sentido que lhes dá Palmer (1986). Por **modalidade epistêmica** consideraremos qualquer sistema modal que indique o grau de comprometimento do falante com o que diz, traduzindo-se naquilo que o falante entende e conhece, incluindo seus julgamentos e o que sustenta daquilo que diz; essa modalidade tem a ver com o juízo do falante sobre aquilo que fala. Por **modalidade deôntica** estaremos considerando aquilo que tem a ver com a vontade, com a expressão das atitudes do falante relativas a suas ações ou às de outros; essa modalidade diz respeito às intenções do falante. Dessa forma estaremos considerando o seguinte quadro das modalidades:

Epistêmicas	probabilidade, possibilidade, certeza
Deônticas	ordem, obrigação, obrigatoriedade, proibição, prescrição, volição e permissão

a) Modalidades epistêmicas:

- (36) **É provável** que teremos um black out em 2001. (Probabilidade)  
 (37) **Pode ser** que haja disco-voadores. (Possibilidade)

b) Modalidades deônticas:

- (38) **Vá** para a cama, menino! (ordem)
- (39) Eu te **obri**go a trabalhar até tarde. (Obrigação)
- (40) Você **é obrigado** a trabalhar até tarde. (Obrigatoriedade)
- (41) Você **está proibido** de entrar na biblioteca. (Proibição)
- (42) **Tome**, pela manhã, duas colheres de chá deste remédio. (Prescrição)
- (43) **Quero** me levantar bem cedo amanhã. (Volição)
- (44) **É permitido** o uso de dicionário na prova de Inglês. (Permissão)

Como nossos conceitos de realidade e irrealidade têm como base a avaliação das intenções do falante, as modalidades epistêmicas e deônticas são centrais em nosso modelo de análise. As nuances de possibilidade e necessidade são manifestações do grau de comprometimento do falante com a realização das situações e conseqüentemente com a gradação de expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais.

### 1.2.2. Tempo verbal e forma verbal

Um problema que surge quando tratamos do verbo refere-se à confusão entre tempo e forma verbal, por isso desenvolveremos nossa pesquisa tomando estes termos de acordo com Travaglia (1981: 42, 1991: 75 e 1993: 52).

Segundo esse autor, tempo verbal tem sido usado nos estudos lingüísticos para se referir basicamente a dois tipos de elementos na língua. Num primeiro sentido, é entendido como a categoria através da qual o verbo apresenta a realização de uma situação como anterior, simultânea ou posterior ao momento de produção do texto. Além dessas marcações de tempo, o tempo verbal pode apresentar uma situação que se inicia no passado e que se estende até o presente, ou que se inicia no presente e se estende para o futuro, ou ainda como onitemporal.

- (45) **Tenho vivido** em Uberlândia desde 1990. (A situação se inicia no passado e se estende até o presente)
- (46) **Vou vivendo** em Uberlândia enquanto for possível. (A situação se inicia no presente e se estende para o futuro)
- (47) A terra **gira** em torno do sol. (A situação é onitemporal)

Num segundo sentido, tempo verbal se refere ao conjunto de flexões dos verbos, o paradigma das conjugações verbais, incluindo aí as formas nominais.

Neste segundo sentido, para Travaglia, temos formas verbais, que se referem ao conjunto de flexões verbais considerados em si mesmos:

- a) presente, pretérito imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito; futuro do presente e futuro do pretérito – modo indicativo;
- b) presente, pretérito imperfeito e futuro – modo subjuntivo;
- c) imperativo afirmativo e negativo;
- d) formas nominais: gerúndio, particípio, infinitivo

Evita-se, desse modo, a confusão terminológica entre as categorias dos verbos e as formas que as veiculam.

### 1.2.3. O Modo Verbal

Para nós que somos falantes do Português é impossível pensar em verbo sem a idéia de modo, uma vez que, excluindo-se o infinitivo, o gerúndio e o particípio, ele só pode se apresentar flexionado em um modo determinado. Para o falante de outras línguas, como o inglês, de morfologia mais simples, o modo é mais difícil de ser identificado, uma vez que lhe falta o morfema característico.

Segundo Palmer (1986: 21-22), o modo é uma categoria morfológica, marcadamente verbal, como o tempo e o aspecto, diferentemente da modalidade que pode ser expressa de diversas maneiras, muitas delas de natureza não verbal. Segundo Travaglia (1981), no Português, o aspecto também se vale de recursos de expressão de naturezas diversas e não apenas morfológica.

Embora, obviamente modo e modalidade não se confundam, não deixa de chamar a atenção que as gramáticas tradicionais expliquem a semântica dos modos de forma semelhante à da modalidade: para elas o indicativo indica certeza, o subjuntivo, dúvida e o imperativo, a ordem. Esta definição é exatamente a mesma das modalidades epistêmicas e deônticas que vimos acima. De qualquer forma, para nossa pesquisa, não interessa muito a definição que se faça de modos, decidimos, pois, assumi-los como conjuntos de formas verbais tradicionalmente apresentados pelas gramáticas como indicativo, subjuntivo e imperativo e que funcionam como um tipo de modalizador. Não fizemos, no entanto, nenhuma análise do modo imperativo neste trabalho, por concordarmos com juízo de Câmara (1998: 102) de que “O imperativo (...) não é mais do que um subjuntivo sem o elo da subordinação sintática.”

### 1.2.4. O Aspecto

As concepções sobre o aspecto estão longe da unanimidade, havendo mesmo quem não o admita, como Weinrich (1968), no entanto é de um certo consenso que o aspecto seja uma outra maneira de se expressar tempo diferente do tempo verbal. Enquanto este é uma categoria dêitica, que localiza as situações no tempo, tendo como ponto de referência o momento da fala ou outras situações, aquele não relaciona o tempo da situação a qualquer outro ponto no tempo, mas à constituição temporal interna de uma situação. Enquanto o tempo (categoria verbal) expressa o tempo externo da situação, o aspecto expressa o tempo interno da situação (Comrie, 1993b: 5).

Segundo Travaglia (1981: 33): “Aspecto é uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação.” Exemplos de categorias verbais de tempo dêitico e não dêitico:

(48) **Compraremos** comida para a minha festa de aniversário.

(49) O menino **caminhava** pela rua quando foi atropelado pela motocicleta.

O futuro do presente na oração (48) é dêitico, porque se refere a uma ação posterior (futura) em relação ao momento da enunciação, expressa, portanto, tempo. O pretérito imperfeito da oração (49) também pode ser visto como dêitico em relação ao momento da enunciação, mas ao mesmo tempo pode ser considerado segundo uma perspectiva interna à situação(aspectual), que o situa em seu desenvolvimento: nesta oração podemos situar o atropelamento enquanto a ação de andar está se desenvolvendo.

Há quem defenda que em Português só existam dois aspectos, o perfectivo e o imperfectivo, havendo praticamente uma identificação deles com o pretérito perfeito e o imperfeito respectivamente. Muitos estudos, no entanto, não corroboram essa idéia: embora nem sempre estejam de acordo sobre sua classificação a maioria dos estudiosos concorda que existem mais aspectos, e que os aspectos perfectivo e imperfectivo também podem ser expressos por outros paradigmas verbais.

Diferentemente do que acontece com os tempos e os modos verbais, que são categorias lingüísticas conhecidas desde a antiguidade, os aspectos, no Português e em muitas outras línguas, são de difícil percepção e só começaram a serem estudados muito

recentemente, sob influência de estudos das línguas eslavas, nas quais eles são categori-  
as verbais essenciais. Por causa disso, não há muita clareza do quadro dos aspectos exis-  
tentes em nossa língua, de tal maneira que o número e os tipos de aspectos variam muito  
de um autor para outro.

A nosso ver, algumas noções aspectuais têm uma certa influência na ocorrência  
da realidade ou irrealidade expressas por algumas formas verbais, mas como os aspectos  
não são objeto de nossos estudos, não fizemos uma exaustiva discussão sobre eles. A  
nossa classificação dos aspectos é baseada em Travaglia (1981) e só nos referimos à-  
queles que identificamos em nossa pesquisa.

#### a) Aspectos perfectivo e imperfectivo

Segundo Travaglia (1981: 76):

O aspecto perfectivo é caracterizado por apresentar a situação como **completa**, isto é, em sua to-  
talidade. O todo da situação é apresentado como um todo único, inalisável, com começo, meio  
e fim englobados juntos. Não há tentativa de dividir a situação em suas fases de desenvolvimen-  
to. É como se a situação fosse vista de fora, em sua globalidade.

Travaglia (1981: 149) acrescenta que a situação completa expressa pelo perfec-  
tivo não significa necessariamente acabada. O aspecto imperfectivo, por outro lado, se  
caracteriza por apresentar a situação como incompleta, apresentada em uma de suas  
fases de desenvolvimento. Ao contrário do perfectivo, no imperfectivo a situação não é  
apresentada em seu todo e se apresenta como se fosse vista de dentro (Travaglia, 1981:  
78).

(50) João **morreu** de câncer.

(51) João **morria** de câncer.

No exemplo (50) temos aspecto perfectivo, pois a forma verbal apresenta a situ-  
ação de morrer como completa. No exemplo (51) temos aspecto imperfectivo, pois a  
forma verbal apresenta a situação de morrer como incompleta. Ao se dizer “morria” só é  
possível conceber a situação em seu progresso, que, enquanto tal, se estende por um  
certo período no tempo.

### b) Aspecto durativo

Segundo Travaglia (1981: 80) o aspecto durativo apresenta a situação como tendo duração contínua limitada, sendo que a duração deve estar marcada por algum meio na frase.

- (52) O menino **estava mudando** muito desde que chegou à casa da avó.  
 (53) Meu avô **ficou contando** uma estória de assombrações, só para ver quem era o neto corajoso que depois de tantos fantasmas iria lá fora, no escuro, buscar vaga-lumes.

### c) Aspecto indeterminado

No aspecto indeterminado, como propões Travaglia (1981: 80), a situação é apresentada como tendo duração contínua ilimitada, não necessariamente infinita, mas sem limites perceptíveis. As situações expressas por este aspecto são atemporais.

- (54) A terra **gira** em torno do sol.  
 (55) Todos **devem lavar** as mãos antes das refeições.

### d) Aspecto habitual

O aspecto habitual apresenta a situação como tendo duração descontínua ilimitada. Este aspecto se diferencia do anterior apenas no que diz respeito à descontinuidade da situação. Segundo Travaglia (1981: 86) "... normalmente a habitualidade é marcada ou condicionada por um elemento adverbial, seja um adjunto, seja uma oração."

- (56) João **costumava beber** um trago no boteco antes de ir trabalhar.  
 (57) Todo mês de julho os ipês **enchem** de alegria os olhos de quem viaja pelas estradas do Brasil.

### **1.3. As formas verbais simples e seus empregos**

Além de apresentarmos as formas verbais simples dos modos indicativo e subjuntivo, também apresentamos os diferentes usos dessas formas que foram identificados e utilizados em nossa pesquisa.

#### **1.3.1. Formas do indicativo**

##### **1.3.1.1. Presente**

Na Língua Portuguesa, o presente do indicativo não possui morfemas modo-temporais identificadores do modo e do tempo em que a forma verbal está sendo conjugada, diferentemente da maioria dos outros paradigmas temporais, que os apresenta. Quando, no Português, um paradigma temporal apresenta, segmentalmente, uma forma para o morfema modo-temporal, ele possui uma certa estabilidade expressiva, garantida por sua presença, que o diferencia dos demais, dando-lhe uma identidade. Isso, no entanto, não é o que ocorre com o presente do indicativo, embora o contraste com os outros paradigmas temporais, portadores de morfemas modo-temporais, lhe limite o uso.

Morfologicamente, dá-se o nome de morfema zero ao fenômeno da não atualização de um morfema num vocábulo. O morfema zero é uma ausência formal que significa: a falta da forma do morfema, onde deveria estar manifesto, tem um valor semântico que pode ser identificado quando são considerados os outros paradigmas verbais. Este é o caso do presente do indicativo.

Do ponto de vista do tempo cronológico, o presente é mensurável: é possível se fazer medições de um bilionésimo de segundo ou menos. Estas são grandezas impossíveis de serem percebidas pela consciência humana, mas não podemos negar que, por serem mensuráveis, elas fazem parte de um presente temporal real. Assim, o fato de não termos consciência de instantes tão ínfimos não invalida a sua existência.

A medição matemática do tempo não tem, no entanto, interesse para os estudos lingüísticos, a natureza da língua não é matemática, e nem a de nossa percepção. Na verdade, temos uma consciência intuitiva do presente, que é dada pelo momento em que temos a percepção de nosso mundo interno e externo. Nesse sentido, o presente é uma

abstração que não somos capazes de definir. No entanto é possível falar-se do presente como o momento no qual estamos incluídos e no qual as coisas acontecem e se dão à nossa percepção.

Visto assim, a categoria tempo presente pode ter uma extensão variável, tanto pode ser o instante rápido de um acidente, quanto a eternidade. O paradigma verbal do presente, contudo, não pode ser confundido com o tempo presente categoria física; Said Ali (1964: 310) diz que a forma do presente do indicativo se refere a alguma coisa começada no passado e que terminará no futuro. No entanto se esquece que encontramos formas do presente do indicativo que se referem a situações sem começo nem fim; isso acontece, por exemplo, com relação às verdades eternas. Nesse caso, seria melhor dizer que a situação existiu no passado, existe no instante da enunciação e continuará existindo depois dele, logo a situação expressa pela forma temporal seria como um pêndulo entre o passado e o futuro. De qualquer maneira, não há limitações claras, o presente, categoria de tempo, é um existir, com perdão da licença poética.

Para individuar as nuances desse pêndulo que transita entre o que já não é e o que será, a Língua Portuguesa, com um só paradigma temporal, necessita de pistas informacionais dadas pelos contextos lingüístico e extralingüístico, sem o qual só teríamos o desenho de um presente indeterminado, embora isso também possa ocorrer.

#### 1.3.1.1.a. Presente momentâneo

Um dos empregos das formas do presente do indicativo é para fazer referência a um tempo a que denominamos presente momentâneo, que é quando, para a consciência do falante, o início e o fim da situação expressa pela forma verbal estão próximos do momento da enunciação, a referência temporal está limitada entre esses dois instantes imediatos. Nestes casos, temos aspecto durativo no sentido de Travaglia (1981: 79), contudo este não parece ser um uso muito comum.

(58) Hoje não **tenho** dinheiro nem para tomar um cafezinho.

(59) O Brasil **passa**, neste fim do governo FHC, por uma grande crise financeira.

### 1.3.1.1.b. Presente com duração ilimitada contínua

Outro emprego das formas verbais do presente do indicativo é o utilizado para se referir a estados ou situações de duração ilimitada contínua, portanto com aspecto indeterminado, no sentido de Travaglia (1981: 80). Incluem-se nesses casos a expressão de leis, regras, costumes, dogmas e verdades eternas.

Quando esses tipos de idéias são expressas, elas são tomadas como naturais, no sentido de decorrência normal da ordem regular das coisas, não tendo, portanto, uma duração determinada. Obviamente não estamos tratando da verdade profunda e filosófica do mundo, mas de como lingüisticamente as coisas são consideradas nele. São, na verdade, expressão das crenças do que é “normal”, ou do que se quer que seja “normal”, dentro do universo mental de uma sociedade.

(60) O sol **é** uma estrela entre bilhões de estrelas da Via Láctea.

(61) O homem **morre** como todos os outros seres vivos.

### 1.3.1.1.c. Presente com duração ilimitada descontínua

Uma outra utilização das formas verbais do presente do indicativo é para se referir a situações que se repetem indefinidamente, têm aspecto habitual no sentido de Travaglia (1981: 84). Isso é válido também para o momento da enunciação, embora a situação referida possa não estar ocorrendo nesse momento. Esse é o tipo de uso que fazemos para expressar aquilo que é costume ocorrer, independentemente de estar ocorrendo ou não no momento da enunciação. As gramáticas costumam chamá-lo de presente habitual ou freqüentativo.

(62) Todas as manhãs o jornaleiro **traz** para minha casa um gosto amargo do mundo.

(63) Mariana **costuma mostrar** a língua para quem ela não gosta.

### 1.3.1.1.d. Presente histórico

Um outro emprego, ainda, das formas verbais do presente do indicativo é o chamado presente histórico, que é o emprego de uma forma do presente num contexto narrativo passado. Diz-se que esse uso serve para dar maior vivacidade à cena narrada, pois a presença de uma forma passada poderia apagar sua força expressiva, devido à sua não diferenciação formal com o restante da narrativa, exatamente onde se pretende que ela apareça. O contraste, portanto, de uma forma do presente, num contexto narrativo passado, faz com que a cena em questão seja lançada para frente, colocando-a em relevo em relação ao restante do texto, chamando, assim, a atenção do leitor para ela. Dessa forma, a situação sabidamente passada expressa como fato presente torna-se mais viva devido à simulação de proximidade dos fatos com o leitor/ouvinte e distanciamento, desses fatos, do tempo da narrativa.

- (64) Depois de anos de anos de guerra **vem** a peste e **liquida** os que ainda restavam.
- (65) O caipira sentou-se feliz sobre a soleira da porta: **pega** a palha, **pica** o fumo e **tira** umas baforadas que eram toda a filosofia do mundo.

### 1.3.1.1.e. Presente expressando situação futura

Temos, ainda, uma última circunstância em que as formas verbais do paradigma do presente do modo indicativo são empregadas. Trata-se de seu uso para marcar um fato futuro. Cunha (1985: 430) declara que tal uso expressa futuro próximo, mas isso nem sempre é verdadeiro. Fato é que é bastante corriqueiro o uso de formas do paradigma do presente do modo indicativo com o sentido de futuro no Português do Brasil.

- (66) Aquele menino mimado **muda** de jeito, assim que seu pai chegar em casa.
- (67) O filho pródigo saiu pelo mundo, mas um dia ele **volta** para casa.

### 1.3.1.2. Futuro do presente

Na linguagem oral do Português do Brasil, as formas verbais do futuro do presente estão praticamente banidas para expressar tempo futuro, sendo usadas em algumas

situações em que certas pessoas verbais têm acepção marcadamente modal. Mesmo na linguagem escrita de circulação comum, não é habitual a presença dessas formas. Em artigos de jornal e revistas elas são bastante raras. Foram substituídas, tanto num quanto no outro caso, por uma locução do verbo auxiliar ir, conjugado, em alguma das formas do paradigma do presente do modo indicativo, com o verbo principal no infinitivo.

Há, no entanto, textos em que as formas verbais do futuro do presente do indicativo são bastante usuais, como é o caso de leis e contratos. Isso é indicativo de uma preferência dos textos formais por essas formas verbais: a Bíblia, por exemplo, um texto tradicionalmente formal, não costuma utilizar formas de futuro do presente composto. Recentemente, no entanto, têm sido editadas versões dos textos sagrados com registros mais informais, com a conseqüente mudança de empregos das formas verbais.

Também, em situações de usos muito formais de língua oral, a presença de formas do futuro do presente simples é um acordo social ainda bastante respeitado, embora hoje em dia haja uma tendência a se usar um registro mais coloquial, mesmo em situações formais, o que leva ao rareamento de tais formas nessas situações de uso. Entretanto, ainda que relegadas quase que só ao uso escrito de tipos de textos específicos, essas formas verbais continuam presentes na língua.

As formas dos paradigmas verbais, embora sejam chamadas de tempo, não se referem necessariamente ao tempo cronológico. A língua raramente desenvolve expressões com sentido unívoco, é próprio dela a plurissignificação de seus termos e expressões. Isso, evidentemente, também ocorre com as formas verbais do paradigma do futuro do presente simples do modo indicativo, cujas referências muitas vezes não se tratam do futuro considerado cronologicamente. Mas qualquer que seja o uso dado a essas formas verbais, elas são determinadas pelos sentidos de futuridade, já que a idéia do porvir pode ter conseqüências semânticas nos enunciados, devido à própria natureza ainda não conhecida do que ainda não aconteceu.

Como os segredos da futuridade não são domínio dos homens, o falante pode facultar às formas verbais a ela relacionadas empregos mutáveis, dependentes de como considera o porvir, o que possibilita interpretações, muitas vezes contraditórias, das formas verbais do futuro do presente.

### 1.3.1.2.a. Futuro do presente expressando futuro

Esse emprego das formas verbais do futuro do presente simplesmente se refere à ocorrência futura de uma situação. Nesse emprego em particular, a situação a que se faz referência é inexistente no momento da enunciação, mas terá realização posterior a ele. Essa função é a que realmente mais propriamente poderíamos chamar de futuro do presente, pois se trata da referência à ocorrência de alguma situação num tempo que realmente é posterior ao momento da fala e apenas isso.

Portanto, do ponto de vista do enunciador, ao empregar uma forma verbal do futuro do presente para indicar o tempo futuro, a situação se realizará. A referência a ela é apenas antecipação do que virá a ocorrer. A enunciação desse tipo de acontecimento é independente da vontade, do desejo ou de qualquer intervenção psicológica do enunciador. Ele é um acontecimento “natural” no sentido de decorrência normal da ordem regular das coisas no mundo.

(68) Amanhã **será** um novo dia.

(69) O avião **partirá** às 19 horas.

### 1.3.1.2.b. Futuro do presente expressando crença

Outro emprego das formas verbais simples do futuro do presente do indicativo, diferentemente do caráter de narração futura da noção que acabamos de ver, depende do sistema de crenças do falante ou de sua vontade. Nesse emprego dessas formas verbais, a crença ou a vontade do falante projeta a ocorrência de uma situação para o futuro. Nesse sentido, a certeza do futuro expressa pela forma verbal pode ser concebida em variados matizes que só serão determinados com a ajuda do contexto lingüístico e extralingüístico em que a frase se encontra.

Como depende da vontade e da crença do falante, a emergência dessa significação para as formas do futuro do presente, a certeza de sua realização, está toda centrada no poder do enunciador. É pela força de sua convicção que a situação futura se tornará realidade. Diferente do caso anterior em que a situação futura é uma ocorrência “natural” e se dará inapelavelmente, o futuro de crença ocorre, por exemplo, quando, estando frente a certos vestígios, concluímos pela emergência futura de alguma situação depen-

dente deles. Esse emprego é também o das promessas, em que o falante tem o propósito ou finge tê-lo de cumprir o que promete. É ainda o uso que se faz nas profecias, em que a fé de quem profetiza constitui a factualidade da ocorrência da situação anunciada.

(70) Quando eu morrer eu **irei** para o céu.

(71) No fim do mundo as trevas **cobrirão** a terra e o terror **inundará** o coração dos homens.

### 1.3.1.2.c. Futuro do presente como imperativo

Outro emprego para as formas verbais simples do futuro do presente do indicativo é para expressar a intenção de um enunciador de que a situação expressa em seu enunciado deve ser cumprida; no mais das vezes o enunciador é institucional: a religião, o estado, uma instituição qualquer. Esse é um uso em que as formas verbais do futuro do presente têm uma acepção de imperativo, por expressarem ordem.

Esse emprego é de uso comum em regimentos, estatutos e leis, em que é estabelecido o cumprimento de situações que têm cunho de um preceito perpétuo. Estamos nos referindo às leis como de cunho perpétuo, porque textualmente, de um modo geral, elas são constituídas como se fossem para durar para sempre, mesmo que na realidade mudem através do tempo. Estas mesmas leis poderiam se constituir com formas de presente do indicativo ou do subjuntivo, ao invés de futuro, contudo, parece-nos que estas últimas investem a situação estabelecida de maior formalidade e cerimônia, como nos dez mandamentos.

(72) **Honrarás** pai e mãe.

(73) Não **matarás**.

### 1.3.1.2.d. Futuro do presente como expressão de possibilidade

Ainda outro emprego das formas verbais simples do futuro do presente do indicativo é para exprimir possibilidade, incerteza, probabilidade, dúvida, suposição sobre a ocorrência de uma situação. Said Ali (1964: 319) chama a esse emprego de futuro problemático, mas o restringe a “fatos ou sucessos próprios do tempo presente”. O que no-

tamos nos dados de nossa pesquisa não corrobora essa opinião, porque os usos não se restringem ao tempo presente, mas podem também estar projetados no futuro, e, em certas situações narrativas, à semelhança do chamado presente histórico, também no passado. O que podemos dizer desse uso das formas de futuro do presente é que seu emprego é concomitante ao uso de um marcador temporal ou espacial definido, mas não necessariamente do presente.

Nesse emprego, o significado das formas verbais do futuro do presente do indicativo é bastante diverso daqueles outros que vimos até aqui, justamente porque a língua não faz uso do sentido de realização futura de alguma situação, como foram os casos que estudamos anteriormente. O que existe neste “futuro problemático” é a presença de uma implicação que se pode ter da noção do futuro enquanto virtualidade do que pode acontecer, mas que é incerto devido a sua própria natureza indefinida, sujeita à verificação posterior, belamente sintetizada no ditado popular “O futuro a Deus pertence”. Mesmo que esse ainda não sabido seja vedado ao homem, o angustioso espectro da dúvida provoca nele, desde sempre, o desejo incoercível de compartilhar com as divindades a certeza do porvir, para o qual se serve, mesmo às vezes sob risco de vida, dos oráculos, dos sonhos, das cartomantes e das adivinhações em geral.

O sentido de possibilidade, que algumas formas verbais do futuro do presente do indicativo conferem ao enunciado, salienta neles um poder modalizador epistêmico, pois revela a expressão de julgamento do falante sobre a ocorrência de uma situação. Podemos constatar que semanticamente não há nada que diferencie esse emprego das formas do futuro do presente do sentido de um modalizador epistêmico, como o verbo auxiliar “poder”, porque, em ambos os casos, nos encontramos frente à expressão de possibilidade da ocorrência de uma situação.

Além disso, há o caso do verbo “ser” que, estando na terceira pessoa do singular, e menos comumente na terceira do plural do futuro do presente do indicativo, tem certos empregos completamente modais na Língua Portuguesa. Isso acontece, basicamente em orações interrogativas em que o valor semântico do verbo “ser” está bastante erodido: a forma verbal nessa terceira pessoa praticamente perdeu seu significado lexical, restando quase que só o sentido de averiguação de uma possibilidade. É importante perceber que esta forma se transformou, no Português do Brasil pelo menos, quase que numa fórmula obrigatória para se fazer perguntas sobre as situações.

Nos parece que um dos sintomas de que a terceira pessoa do singular na forma do futuro do presente está se tornando num modal na Língua Portuguesa é que ela, à

semelhança de outros modais, na maioria das vezes, é sintaticamente seguida da partícula “que”. Assim, embora possa se dizer “Será verdade que o trem nunca atrasa?”, parece ser mais comum dizer-se “Será que o trem nunca atrasa, mesmo?”, ou ainda “Será que é verdade que o trem nunca atrasa?”. Constatamos, nesse caso, uma adequação sintática à evolução semântica ocorrida com a terceira pessoa do singular do futuro do presente, que se transforma de uma forma verbal conjugada em uma partícula modal, praticamente destituída de sentido lexical.

- (74) Acho que ainda **terei** algum dinheiro.  
 (75) **Será** que teremos um ano novo melhor?

### 1.3.1.3. Futuro do pretérito

#### 1.3.1.3.a. Futuro do pretérito com valor temporal

Embora tenhamos um paradigma verbal do modo indicativo chamado de futuro do pretérito, os seus empregos vão muito além de um futuro do passado apenas, que seria a alusão a uma situação com ocorrência posterior a um ponto de referência situado no passado, mas anterior ao momento da fala. Na verdade, segundo Travaglia (1996: 109) esse parece ser o uso menos comum das formas do futuro do pretérito, pelo menos no Português falado culto.

Nesta acepção, as formas do futuro do pretérito fazem referência a uma situação que já se tornou passada no momento da enunciação, sendo de significação estritamente temporal, o que é uma justificativa para a denominação da forma verbal. Para nós, quando as formas verbais do futuro do pretérito têm valor temporal, elas se referem a situações acontecidas e não apenas previstas.

- (76) Depois da 1ª guerra os EUA se **tornariam** o país mais poderoso do ocidente.  
 (77) O fogo alastrou-se pela casa, em pouco tempo tudo **estaria** destruído.

### 1.3.1.3.b. Futuro do pretérito como referência a situações que se encontram posteriormente a outras situações narradas<sup>4</sup>

Como vimos, a aceção apenas temporal das formas verbais do futuro do pretérito do indicativo é de ocorrência restrita na língua. No entanto, estas formas apresentam inúmeras outros empregos. Apresentamos primeiro o uso a que Said Ali (1964: 164) se refere como sendo aquele que “exprime fatos inexistentes, mas realizáveis posteriormente (...) à época de que se fala.” e Cunha (1985: 441) como do emprego “para designar ações posteriores à época de que se fala.”

Ao analisarmos os conceitos e exemplos citados pelos dois autores, algumas questões, no entanto, nos ocorrem. Said Ali quando se refere a “fatos inexistentes, mas realizáveis posteriormente (...) à época de que se fala.”, quer dizer possivelmente realizáveis ou com realização certa ou as duas coisas? Os seus exemplos:

- (78) Jurei que me **vingaria**.  
 (79) Afirmou que **estaria** de volta cedo.

parecem indicar que está preferindo o sentido de realização possível. Se ele faz, ou não, distinção entre os dois sentidos possíveis autorizados pela palavra “realizáveis”, não sabemos, porque não há mais exemplos que nos permitem perceber com mais clareza as idéias do autor.

Cunha (1985: 441), por outro lado, apresenta dois exemplos diferentes “para designar ações posteriores à época de que se fala”:

- (80) O essencial, o que me **consolaria** e me **engrandeceria**, o que me **justificaria** aos meus próprios olhos **seria** ter eu alcançado a graça de ouvir a música que se cristalizou nesta floresta de mármore.  
 (81) Isso foi em 1929, Stresemann **morreria** dois meses depois da Conferência.

O primeiro exemplo, sem um contexto lingüístico maior, pode ter uma interpretação diferente do emprego sugerido pelo autor, e que nos parece ser a mais apropriada: ele pode ser entendido como uma opinião válida para o momento da enunciação e não como ocorrência depois de uma época de que se fala. Além do mais, essa é uma cons-

---

<sup>4</sup> Estamos nos referindo aqui apenas à ordenação das situações num texto narrativo, sem levarmos em consideração a sua ocorrência real, diferentemente do item 1.3.1.3.a. em que esta foi levada em conta.

trução com um sentido de condição, de tal maneira que os verbos que estão nas formas do futuro do pretérito devem essa forma à não realização da condição apresentada pela personagem, que é o fato de não ter “alcançado a graça de ouvir a música que se cristalizou nesta floresta de mármore”. O segundo exemplo é que de fato serve ao conceito proposto, mas é semelhante às frases que utilizamos em 1.3.13.a para exemplificar o uso das formas de futuro do pretérito para expressar, só e somente só, a ocorrência ou não de uma situação depois de outra no passado.

Adotamos aqui uma pequena modificação na proposta de Cunha (1985) e Said Ali (1964). Propomos que um dos empregos das formas verbais do futuro do pretérito do indicativo é para se fazer referência a situações que se encontram posteriormente a outras situações narradas. Esse emprego dessas formas verbais é semelhante ao anterior, contudo há uma diferença de sentido, é apenas uma nuance, mas podemos considerá-la. Naquela primeira acepção, afirma-se ou se nega a ocorrência de uma situação num passado posterior a outro passado também ocorrido; nesta segunda acepção, o que importa é a disposição de situações anteriores e posteriores numa seqüência narrativa, sem a pressuposição da ocorrência dessas mesmas situações. Num sentido mais geral, aquela primeira acepção do sentido das formas verbais do futuro do pretérito está compreendida nesta última, pois também ocorrem em seqüências narrativas referindo-se a situações posteriores a outras situações.

### 1.3.1.3.c. Futuro do pretérito em orações condicionais

Apresentamos abaixo alguns exemplos de orações condicionais com formas do futuro do pretérito, e outras com formas do futuro do presente, para a partir delas podermos fazer algumas reflexões:

- (82) Carlos Drummond de Andrade **faria** seu centenário neste ano de 2002, se ainda estivesse vivo.
- (83) Se Maria não viesse trabalhar hoje, eu **ficaria** satisfeito.
- (84) O Brasil **seria** mais representativo politicamente se fizesse valerem os seus interesses nos tribunais internacionais.
- (85) Se Cristo ressuscitar hoje, se **arrependerá** de ter morrido pela humanidade.
- (86) Os atentados contra os americanos não se **repetirão**, se eles começarem a reconsiderar suas políticas mundiais.

Palmer (1991: 189) declara que as orações condicionais, diferentemente de outras orações subordinadas não são factuais e nada indicam que um evento tenha ocorrido, esteja ocorrendo ou vá ocorrer. O que teríamos nelas seria apenas uma dependência entre a condicionante e a condicionada.

Assim, de acordo com Palmer, o que existe de fundamental nas condicionais é a dependência semântica entre a oração principal e a oração subordinada. Se analisarmos as orações condicionais acima, veremos que os verbos da oração principal e da subordinada também mantêm entre si uma dependência sintática absoluta. Examinando os dois tipos de oração subordinada, as comentadas e as narradas, na terminologia de Weinrich, poderemos demonstrar essa dependência.

Nas orações condicionais narradas, (82), (83) e (84), constatamos que a contrapartida para a forma verbal do futuro do pretérito da oração principal é a forma do imperfeito do subjuntivo na oração subordinada. Essa é uma dependência obrigatória na variante culta da Língua Portuguesa. Por outro lado, nas orações condicionais comentadas, (85) e (86), encontramos a forma verbal do futuro do presente do indicativo na oração principal, enquanto a subordinada apresenta a forma do futuro do subjuntivo. Como no caso das orações narradas, a estrutura das comentadas também é rígida, a relação é sempre a mesma. A dependência sintática das formas temporais utilizadas nas orações condicionais depende, portanto, de sua natureza narrada ou comentada. Mas, nos dois casos, a situação expressa pela forma verbal da oração principal é a consequência da oração subordinada. Estamos, conseqüentemente, diante de uma seqüência de situações que tanto pode ser temporal quanto lógica.

Sabemos que a forma verbal da oração subordinada, na Língua Portuguesa culta obrigatoriamente tem que ser do modo subjuntivo, este é um imperativo sintático dessa modalidade da língua. E, embora seja a oração subordinada, a condicional é logicamente ou temporalmente anterior à oração principal, cuja forma verbal deve ser, em contrapartida, do modo indicativo. Assim sendo, as situações expressas por formas verbais do futuro do presente e futuro do pretérito, paradigmas do modo indicativo, nos dois tipos de orações condicionais, são marcas de posterioridade.

Esta configuração “lógica” da oração condicional é muito comumente utilizada no discurso usual para situações hipotéticas, duvidosas, de tal maneira que a nossa primeira tentação é considerá-las sempre como protótipo de hipóteses. As condicionais narradas, principalmente, em que temos as formas do futuro do pretérito do indicativo e do imperfeito do subjuntivo, nos parecem ser mais hipotéticas ainda. A seqüência con-

dicional no seu conjunto, constituída de principal e subordinada, é empregada para expressar situações hipotéticas em que a situação expressa pela forma verbal do futuro do pretérito da oração é dependente da realização ou não da situação expressa condicionalmente na oração subordinada, condição que é determinada pela conjunção subordinativa.

O futuro do pretérito está tão intrinsecamente ligado às orações condicionais, estudadas pela lógica como um tipo especial de construção, que antigamente era, inclusive, considerado um modo à parte, distinto do indicativo e subjuntivo: o modo condicional. Uma relação tão próxima não poderia deixar de ter conseqüências nos outros usos dessa forma verbal que não aqueles das orações condicionais. Acreditamos que, a natureza semântica do futuro do pretérito de se referir a uma situação como posterior a outra, mas cuja realização está em aberto e a sua ligação íntima com as condicionais o faz expressar sentidos de possibilidade e dúvida em outros contextos que não o das orações condicionais.

Na verdade, nos parece, que, como conseqüência de tudo isso que está dito acima, ocorre um generalizado processo de modalização epistêmica das formas de futuro do pretérito. Essa modalização, a nosso ver, é responsável pelos seus variados empregos de incerteza, possibilidade, probabilidade, dúvida, suposição e polidez. Acreditamos, no entanto, que cada um desses sentidos depende dos contextos discursivos e sociais, de um modo geral. São eles que autorizam as inferências que determinam a interpretação última do sentido da forma verbal.

Cunha (1985: 441) cita que o futuro do pretérito é empregado “em certas formas interrogativas ou exclamativas, para expressar surpresa ou indignação”.

(87) O nosso amor morreu... Quem o **diria**?

(88) **Seria** possível que assim se desvanecessem as esperanças da iminente vitória da verdade à calúnia, urdida contra o pobre moço!...

Não estamos de acordo que nessas orações dadas como exemplo por Cunha, ou em qualquer outra, as formas do futuro do pretérito sejam usadas para surpresa ou interrogação. Nesse caso, estamos de acordo com Travaglia (1996: 91), que diz que a surpresa e a indignação parecem ser dadas pela entonação, enquanto o futuro do pretérito expressa incerteza. No exemplo (87) a própria natureza interrogativa da frase já expressa por si mesma incerteza, sua interpretação como certeza ou indignação vai depender de outros fatores contextuais que não a forma verbal.

Não nos parece que o desejo, como querem alguns, também seja um dos sentidos expressos pelas formas do futuro do pretérito. Vejamos alguns exemplos dados por Travaglia (1996: 91) para o que as gramáticas tradicionalmente apresentam como um dos empregos das formas verbais do futuro do pretérito. Cunha (1972: 316), apud Travaglia (1996: 91), afirma que um desses empregos é “como forma polida de presente, em geral denotadora de desejo”.

(89) **Gostaria** que você convidasse o João para sua festa.

(90) Você **seria** capaz de guardar um segredo?

(91) Nós **pretenderíamos** saber a verdade.

(92) Você me **faria** um favor?

Embora haja desejo expresso nesses exemplos, para nós isso não se deve primeiramente à forma verbal do futuro do pretérito, mas a outras razões. Observemos que nos exemplos (89) e (91), os lexemas dos verbos já têm sentido de desejo: quer(er) e pretend(er) já expressam a vontade do falante. Em (92) nos parece que toda a frase expressa desejo, tendo muita importância a entonação (inferida), tanto que o verbo que está na forma do futuro do pretérito poderia estar na do presente sem mudança no sentido de desejo. O (90), embora tenha um verbo na forma do futuro do pretérito, não nos parece uma expressão de desejo.

Acreditamos que as formas de futuro do pretérito do indicativo em exemplos dessa natureza, ao invés de desejo, acrescentam um significado de contingência – caráter do que pode ou não ocorrer – ao sentido do lexema do verbo, que ao se tornar incerto, tem o seu valor lexical atenuado. Vejamos o exemplo (90), que, como dissemos, não nos parece expressar desejo: “Você **seria** capaz de guardar um segredo?” Se a forma do futuro do pretérito for substituída pela forma do presente “é”, o sentido da frase continua quase o mesmo, com a forma do futuro do pretérito do indicativo, no entanto, a apresentação da questão fica atenuada. É um “não querer, querendo”, se é que se pode dar uma explicação dessas numa dissertação, mas nos parece ser essa a expressão exata do que a forma verbal do futuro do pretérito do exemplo (90) significa. A nosso ver, nos exemplos apresentados por Travaglia, ocorre o mesmo processo a que nos referimos acima: as formas de futuro do pretérito acrescentam uma significação epistêmica ao verbo, tornando o seu sentido incerto, e, conseqüentemente estendendo o sentido a toda a frase. De fato, nos parece que a epistemização dada pelas formas de futuro do pretérito às frases de (90) a (92), ao invés de conferir-lhes uma significação de desejo, dão-lhes

uma acepção de polidez apenas. Nesse caso, a polidez é um sentido inferido do contexto e derivado do contingenciamento do valor do lexema do verbo.

#### 1.3.1.4. Pretérito Imperfeito

Segundo Cunha (1985: 432), “O pretérito imperfeito designa fundamentalmente um fato passado, mas não concluído (imperfeito = não perfeito, inacabado). Encerra, pois, uma idéia de continuidade, de duração do processo verbal mais acentuada do que os outros tempos pretéritos, razão porque se presta especialmente para descrições e narrações de acontecimentos passados.”

Esta é uma definição de gramática e está longe de abranger, de fato, toda a riqueza expressiva das formas verbais do pretérito imperfeito do indicativo. Além do mais, o gramático não deixa claro por que esse paradigma se prestaria especialmente para descrições e narrações de acontecimentos passados. Sua explicação de que isso se dá (se é que é verdade) porque elas expressam a duração do processo verbal mais acentuadamente do que os outros tempos pretéritos não nos parece clara. Além do mais, cremos que o pretérito perfeito está igualmente qualificado para as narrações. O que existe de diferente entre os dois pretéritos são os seus papéis narrativos. O perfeito marca o primeiro plano e o imperfeito o segundo, o que constatamos no exemplo (93), em o pretérito imperfeito é como que um pano de fundo para a ocorrência das situações expressas pelo pretérito perfeito.

- (93) **Era** uma dona de longe, /vosso pai **enamorado**-se.  
 E **ficou** tão transtornado, /se **perdeu** tanto de nós,  
 se **afastou** de toda vida, /**se fechou**, se devorou,  
**chorou** no prato de carne, /**bebeu, brigou, me bateu,**  
 me **deixou** com vosso berço, /**foi** para a dona de longe,  
 (texto nº 37)

De qualquer maneira, o que nos parece mesmo fundamental na significação das formas verbais do pretérito imperfeito do indicativo é o seu aspecto imperfectivo, que parece desenvolver um sentido que será fundamental para usos do pretérito imperfeito quando ele é empregado para expressar situações que também podem ser expressas pelo futuro do pretérito. Esse sentido, a nosso ver, advém do fato de que, ao apresentar a situação como incompleta, o imperfectivo faz o sentido do verbo ficar como que em aber-

to, não limitado, podendo a forma verbal ser interpretada, por inferência, em certas circunstâncias, como expressão de indeterminação, possibilidade ou incerteza, passando a ter, portanto, um valor de modalidade epistêmica. Ao passar a ser entendido como um modal, as formas verbais do pretérito imperfeito perdem o valor aspectual.

#### 1.3.1.4.a. Pretérito imperfeito com valor temporal

As formas verbais do pretérito imperfeito têm valor temporal quando se referem apenas a situações já ocorridas em relação ao momento da enunciação, com aspecto imperfectivo, não sendo expressas por elas nenhuma intenção do falante a não ser a de narrar.

- (94) – a. A criançada **estava** em alvoroço, o circo tinha chegado na cidade;
- (94) – b. Quando cheguei em casa, ela **estava** chorando;
- (95) Quando eu **era** criança, **morria** de inveja dos “carrões” de meus colegas.

#### 1.3.1.4.b. Pretérito imperfeito em orações condicionais

Como já dissemos, as formas verbais do pretérito imperfeito do indicativo podem cumprir funções semelhantes às do futuro do pretérito do indicativo. Na Língua Portuguesa do Brasil, mesmo na variedade escrita, essa é uma tendência muito forte. Em nossa pesquisa, nos deparamos com orações condicionais com essas formas verbais.

Uma vez que encontramos a presença de formas do pretérito imperfeito onde, pela gramática normativa, se esperaria formas de futuro do pretérito, podemos imaginar que, por inferência, nesses empregos as duas formas têm significados semelhantes. É exatamente o que acontece: tudo o que foi dito sobre as formas de futuro do pretérito usadas em orações condicionais pode também ser dito sobre as do pretérito imperfeito nas mesmas condições, por isso não o repetiremos aqui.

Talvez a diferença que poderíamos encontrar entre os usos das duas formas verbais em orações condicionais fosse a de formalidade, mas isso em situações bem prototípicas do tipo a seguir:

- (96) Se eu tivesse dinheiro, você **venderia** uma cerveja?  
 (97) Se eu tivesse dinheiro, você **vendia** uma cerveja?  
 (98) Se eu estivesse com fome, você **teria**, aí, alguma coisa para comer?  
 (99) Se eu estivesse com fome, você **tinha**, aí, alguma coisa para comer?

Desses exemplos, (96) e (98) seriam maneiras mais formais de fazer perguntas, modos que expressam maior distanciamento, enquanto (97) e (99) seriam formas menos formais e que expressam menor distanciamento. Pensando assim, poderíamos mesmo dizer que, nesses casos, as duas formas verbais expressam irrealidade em graus diferentes, o futuro do pretérito marcando o grau mais elevado. Se é que há essa diferença devido à idéia que os falantes têm dos usos formais e informais da língua, com o uso cada vez maior das formas verbais do pretérito imperfeito do indicativo em detrimento do futuro do pretérito em orações condicionais, acreditamos que a tendência dessas diferenças de expressão de irrealidade é se anularem.

#### 1.3.1.4.c. Pretérito imperfeito com valores modais

As formas verbais simples do pretérito imperfeito do indicativo podem, também em orações não condicionais, intercambiar com as do futuro do pretérito, em alguns casos. Já sabemos que essas últimas em muitas circunstâncias passam a ter um valor modal, o mesmo acontecendo com as do pretérito imperfeito em condições semelhantes. Nos usos modais, o valor temporal da forma verbal é quase sempre de presente ou de futuro.

- (100) Você **abria** a porta para mim?  
 (101) **Era** bom começarmos a pensar no futuro do país.

#### 1.3.1.5. Pretérito Perfeito

As formas verbais do pretérito perfeito do indicativo se referem à ocorrência de situações passadas relativamente ao momento da enunciação e têm aspecto perfectivo.

- (102) O livro **caiu**.

(103) O cão **mordeu** o próprio dono.

### 1.3.1.6. Pretérito mais-que-perfeito

As formas verbais do pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo estão em franco desaparecimento da Língua Portuguesa do Brasil, mesmo na modalidade escrita; isso é perceptível nos textos mais recentes, onde são pouco encontradas. Na língua falada, há raríssimos casos em que são usadas, normalmente em expressões fossilizadas como:

(104) Também **pudera!**

(105) **Quisera** Deus!

(106) Quem **dera!**

(107) Quem me **dera** que...!

Essas expressões apresentam um certo sentido de interjeição, pois são a expressão de emoções. A expressão (104) significa que uma ocorrência que tinha alguma razão para ocorrer de fato ocorreu; as expressões (105), (106) e (107) significam uma espécie de desejo resignado, pois o falante já não tem muitas esperanças de que venha a ser realizado.

Em substituição às formas simples do pretérito mais-que-perfeito, no Português do Brasil, é corrente o uso da forma composta, constituída de perífrase verbal do imperfeito do indicativo dos verbos *ter* ou *haver* + o particípio do verbo principal. O pretérito mais-que-perfeito composto não tem nenhum emprego diferente da forma simples, tratando-se de uma simples substituição de uma forma por outra, sem que nenhum sentido novo tenha sido acrescentado. O uso do pretérito mais-que-perfeito simples fica reservado, talvez, para as situações altamente formais.

### 3.1.6.a. Pretérito mais-que-perfeito como passado anterior

Temporalmente, as formas do pretérito mais-que-perfeito do indicativo se referem a um passado anterior ao passado expresso pelas formas do pretérito perfeito e imperfeito, trata-se, portanto, de um passado mais remoto que aqueles outros dois. A nosso

ver, temporalmente essas formas verbais, na Língua Portuguesa, são espelhadas com as formas do futuro do pretérito, enquanto aquelas se referem a situações com ocorrência posterior a um ponto de referência tomado no passado, essas são anteriores a esse mesmo ponto de referência.

(108) Quando o médico chegou ao hospital o doente já **morrera**.

(109) João **fora** tomar uma cerveja no bar logo que saiu do trabalho, depois foi para casa.

### 1.3.1.6.b. Pretérito mais-que-perfeito com sentido de futuro do pretérito do indicativo e de pretérito imperfeito do subjuntivo

Além do valor a que chamamos de passado anterior, as formas verbais do pretérito mais-que-perfeito também têm outros empregos, nos quais elas são usadas com sentido igual às formas verbais do futuro do pretérito do indicativo e do pretérito imperfeito do subjuntivo. Porém esses empregos são ainda mais raros hoje em dia do que o de passado anterior. Segundo Said Ali (1964: 316), esses são usos herdados do Português antigo e eram prática muito comum dos escritores quinhentistas e seiscentistas.

(110) Quem **pensara** (pensaria) que das massas trabalhadora surgisse um mudo novo.

(111) Se o artista **pudera** (pudesse) ouvir suas composições ficaria imensamente feliz.

### 1.3.2. Formas do subjuntivo

Ao analisarmos as formas verbais do modo subjuntivo, a dificuldade de encontrar um conteúdo semântico definido para elas foi o traço que nos pareceu mais característico. Constatamos que uma mesma forma verbal pode ter interpretações muito diferentes, dependendo do contexto lingüístico em que se encontra. O fato de estarem tão dependentes dos seus contextos faz-nos pensar que, na realidade, elas têm um conteúdo semântico próprio bastante reduzido.

Em nossa pesquisa, partimos do princípio de que haveria uma significação básica para cada um dos paradigmas verbais do subjuntivo que poderia ser identificada em

seus empregos particulares, no entanto não foi isso que os dados nos revelaram. Ao localizarmos o emprego dessas formas verbais nos textos, chegamos a conclusões bastante diversas daquelas que os estudiosos da Língua Portuguesa, de um modo geral, costumam apresentar: o subjuntivo como o modo da incerteza, dúvida e irrealidade.

Verificamos que as formas verbais do subjuntivo podem, é verdade, estar presentes em contextos que expressam incerteza e dúvida, mas não só nestes. Há muitos casos em que se encontram em contextos que expressam certeza e necessidade, sentidos que parecem não ter nada a ver com valores de irrealidade. Nos exemplos abaixo, observamos lado a lado formas verbais do subjuntivo que expressam dúvidas sobre a ocorrência da situação e formas que expressam certeza/necessidade.

- (112) “...embora desde os anos 30 – e com o desmantelamento da aliança de São Paulo e Minas - o voto **tenha** se tornado uma norma, a maioria da população negra brasileira estava impedida, posta que analfabeta, de praticá-lo”. (Texto nº 12)
- (113) Pois, embora os seus oficiais **estejam** em Zoã, e os seus embaixadores em Hanes, eles se envergonharão de um povo que de nada lhe servirá, nem de ajuda, nem de proveito, porém de vergonha como também de opróbrio. (Texto nº 22)
- (114) O servo não se emendará com palavras, porque, ainda que **entenda**, não entenderá. (Texto nº 33)
- (115) Mesmo que os povos **saibam** que as guerras não resolvem os seus problemas, o ódio não lhes permite viver em paz.
- (116) Mesmo que meu avô **estivesse** velho, ele nunca deixou de rachar a lenha e trazê-la para a cozinha.
- (117) Mesmo que eu **vivesse** mil anos, um dia chegaria o meu último dia.
- (118) Mesmo que Barrichello **quisesse** não teria chance de ser campeão de Fórmula Um.
- (119) Se Barrichello **quiser** algum título de Fórmula Um terá que mudar de equipe.
- (120) Quando Barrichello **quiser** ganhar um título de Fórmula Um, deverá mudar de equipe.

As formas verbais do presente do subjuntivo nos exemplos (112) e (113) não podem ser entendidas como expressão de dúvida, pois se referem a situações tidas como ocorridas ou em ocorrência. Em (114) e (115), por outro lado, as formas verbais do presente do subjuntivo devem ser entendidas como expressão de dúvida, pois não é possí-

vel determinar a ocorrência das situações referidas. As formas verbais do pretérito imperfeito do subjuntivo em (116), (117) e (118) expressam diferentes sentidos: no primeiro exemplo há expressão de certeza, pois a forma verbal está sendo entendida como se referindo a uma situação já ocorrida, portanto neste caso a interpretação da forma verbal depende do contexto extralingüístico; nos outros dois exemplos há expressão de dúvida, porque as perspectivas de ocorrência não são apresentadas, não havendo como afirmá-la ou negá-la. Nos exemplos (119) e (120) as formas de futuro do subjuntivo também apresentam diferentes perspectivas: no primeiro, a ocorrência da situação é duvidosa, ela também não pode ser afirmada ou negada; na segunda, embora a ocorrência da situação não se tenha dado, é tida como a condição necessária para que a outra situação ocorra.

Cunha (1985: 443) afirma que o subjuntivo "... denota que uma ação ainda não realizada é concebida como dependente de outra...". No entanto, essa não é uma afirmação que possa ser confirmada com os dados de nosso corpus. Assim, nos exemplos (112), (113) e (116) podemos ver que dizer que o subjuntivo expressa algo não é uma boa caracterização desse modo.

Poderíamos dizer que o subjuntivo é o modo da subordinação, mas Said Ali (1964: 324) diz que esse modo não é usado privilegiadamente para as orações subordinadas, que em muitos idiomas suas formas também são usadas em orações principais, principalmente nos usos mais antigos, inclusive da própria Língua Portuguesa

### **1.3.3. Orações subordinadas e conjunções subordinativas**

Neste trabalho, as formas verbais do modo subjuntivo foram analisadas em orações subordinadas adverbiais, substantivas e adjetivas. Porque as formas do subjuntivo, de um modo geral, não apresentam um conteúdo semântico facilmente determinável, são muito dependentes dos seus contextos lingüísticos e às vezes também do extralingüístico. Nas orações substantivas e adjetivas, verificamos que a expressão de realidade ou irrealidade pelas formas do subjuntivo depende especialmente do valor semântico da forma verbal do indicativo que está na oração principal e não da conjunção integrante, na primeira, ou do pronome relativo, na segunda. Por outro lado, nas orações adverbiais, pôde-se observar que as conjunções contribuem de maneira significativa para a expres-

são da realidade e irreabilidade pelas formas verbais Nessas circunstâncias as conjunções precisam os seus sentidos nas frases em que se encontram.

As orações subordinadas e suas conjunções são tomadas em nossa pesquisa assim como as gramáticas tradicionais as consideram. As orações subordinadas se constituem em partes de outras orações, podendo exercer as funções de termo essencial, integrante ou acessório delas.

### 1.3.3.1. As orações substantivas:

As orações substantivas exercem funções semelhantes às que substantivos podem exercer numa oração independente, tais como:

a) Sujeito: orações substantivas subjetivas:

(121) É bom **que os destinos do Brasil sejam conduzidos pelos próprios brasileiros.**

(122) Parece que **poderemos sonhar com mudanças em nosso país.**

b) Objeto direto: orações substantivas objetivas diretas:

(123) Espero **que o Brasil mude de rumo.**

(124) Eu não sei **se Deus existe.**

c) Objeto indireto: orações objetivas diretas:

(125) O ditador precisa **de que a obediência de todos os cidadãos seja assegurada.**

(126) Os velhos lembram-se **de que a juventude era dourada.**

(127) Os velhos esquecem-se **de que na juventude também tiveram seus dias difíceis.**

d) Complemento nominal: orações completivas nominais:

(128) O Brasil está certo **de que o futuro pode ser melhor.**

(129) O homem presunçoso tem dificuldade **de reconhecer os seus limites.**

e) Predicativo: orações predicativas:

- (130) O fato é **que a história pode ensinar a quem sabe entendê-la**;  
 (131) O desejo da criança era **se tornar um padre grande e batinado**.

f) Aposto: orações apositivas:

- (132) Há na vida uma lei: **que os dias dos devassos são curtos**.  
 (133) Muitos desejam o mesmo destino: **que um palpite no jogo os levem para uma rede à beira-mar**.

g) Agente da passiva: orações agentes da passiva:

- (134) O casarão só seria habitado **por quem não tivesse medo de fantasmas**;  
 (135) A história é feita **por aqueles que não pensam nela**.

### 1.3.3.2. As orações adjetivas:

As orações adjetivas exercem a função de adjunto adnominal de um substantivo ou pronome antecedente. São elas:

a) Orações adjetivas restritivas: restringem a significação do substantivo ou pronome antecedente, sendo indispensáveis ao sentido da frase.

- (136) As pessoas **que eu amo** são o alento de minha existência.  
 (137) Qualquer coisa **que o pobre homem dizia** era usada contra ele.

b) Orações adjetivas explicativas: têm função semelhante a um aposto, explicam a significação do substantivo ou pronome antecedente e, por isso, não são indispensáveis ao sentido da frase.

- (138) O Brasil, **que é um país cheio de riquezas humanas e materiais**, não pode se contentar em ser o país do samba, futebol e da corrupção generalizada.  
 (139) O amor, **que é um sonho por todos desejado**, às vezes se transforma num pesadelo desgraçado.

### 1.3.3.3. Orações adverbiais

As orações adverbiais exercem a função de adjuntos adverbiais de outras orações, sendo introduzidas por conjunção subordinativa ou locução conjuntiva. São elas:

a) Orações adverbiais causais: indicam causa em relação à oração principal e são introduzidas pelas conjunções subordinativas causais, sendo as mais comuns: porque, pois, porquanto, como (= porque), por isso que, já que, uma vez que, visto que, visto como, que.

(140) O crime organizado alastrou se pelo Brasil, **porque o poder público se esqueceu de combatê-lo.**

(141) **Como está velho e doente**, João Paulo II está pensando em renunciar ao papado.

b) Orações adverbiais concessivas: indicam um fato contrário à realização da situação expressa pela oração principal, mas que não é suficiente para impedi-la. As conjunções mais comuns são: embora, conquanto, ainda que, mesmo que, posto que, se bem que, apesar de que, nem que.

(142) **Embora o clima esteja dando mostras de drásticas mudanças**, continuamos a aumentar a emissão de Co<sub>2</sub> para a atmosfera.

(143) Cada dia mais, as crianças estão expostas a todo tipo de comida gordurosa e açucarada, **ainda que esteja mais do que provado os seus malefícios à saúde humana.**

c) Orações adverbiais condicionais: indicam uma condição para que a situação expressa pela oração principal seja ou não realizada. As conjunções mais comuns são: se, caso, quando, contanto que, salvo se, sem que, desde que, a menos que, a não ser que.

(144) **Se houvesse tanta certeza de vida após a morte**, a maioria das pessoas não se agarraria tão desesperadamente à vida.

(145) O real continuará a perder valor em relação ao dólar, **a menos que se descubra um jeito de limitar as ações dos especuladores.**

d) Orações adverbiais conformativas: indicam conformidade da oração subordinada à situação expressa pela oração principal. As conjunções mais comuns são: conforme, segundo, consoante, como.

(146) **Conforme havia previsto Moisés**, o Egito encheu-se de pragas.

(147) Os fanáticos só enxergam o mundo, **como lhes agrada ver**.

e) Orações adverbiais finais: indicam uma finalidade para a situação expressa pela oração principal. As conjunções mais comuns são: para, para que, a fim de que, que.

(148) A prefeitura da cidade fez um apelo aos cidadãos, **para que não desperdicem água durante o racionamento**.

(149) Mariana pintou-se como uma princesa **para comemorar sua festa de 15 anos**.

f) Orações adverbiais proporcionais: indicam uma situação simultânea à da oração principal. As conjunções mais comuns são: à medida que, ao passo que, à proporção que, enquanto.

(150) O nosso mundo interior muda **à medida que o tempo passa**.

(151) **Enquanto** muita gente cheia de desolação e culpa busca o refrigério nos braços do Senhor, as mãos de alguns de Seus Ministros enchem-se de moedas.

g) Orações adverbiais temporais: indicam circunstâncias de tempo. As conjunções mais comuns são: quando, antes que, depois que, até que, logo que, sempre que, assim que, desde que, todas as vezes que, apenas, mal.

(152) **Assim que os meus dias estiverem contados**, voltarei à terra que me viu nascer.

(153) Tem gente que já se sente velha e cansada, **mal chegados os 40 anos**.

h) Orações adverbiais comparativas: indicam uma comparação com a situação expressa pela oração principal. As conjunções mais comuns são: como, como se, que, do que, tal qual.

(154) Quincas Borba era mais pobre **do que Jô**.

(155) **Tal qual o andar do caranguejo**, o progresso de Itaóca prosseguia.

i) Orações adverbiais consecutivas: indicam uma conseqüência em relação à oração principal. As conjunções mais comuns são: de modo que, de maneira que, de sorte que, de forma que, que (relacionada com tal, tão, tanto, tamanho).

(156) O professor fala tão alto **que fica rouco após as aulas**.

(157) O cerrado sofreu uma grande devastação nas últimas três décadas, **de modo que já não resta quase nada dele no Triângulo Mineiro**.

Neste capítulo apresentamos o referencial teórico em que se baseou a nossa análise. Nele discutimos alguns conceitos de realidade e irrealidade e de formas e categorias verbais - as modalidades, tempo e forma verbal, os modos verbais, alguns aspectos, as formas verbais simples do indicativo e do subjuntivo e seus empregos -, além das orações subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais. Não apresentamos nele nenhum conceito relacionado à gramaticalização, pois só recorremos a ela no capítulo conclusivo, na busca de possíveis explicações para alguns resultados de expressão de realidade e irrealidade das formas verbais que nos pareceram contraditórios.

No capítulo seguinte, apresentamos o instrumento para a análise da realidade e da irrealidade expressas pelas formas verbais simples da Língua Portuguesa do Brasil, além de apresentarmos a formulação dos conceitos de realidade e irrealidade em que se sustentou a pesquisa desenvolvida nesta dissertação.

## CAPÍTULO 2 – INSTRUMENTO DE ANÁLISE

Além de uma teoria, com a qual dialogar, qualquer conhecimento científico necessita de certos procedimentos específicos para que possa ser produzido. Uma pesquisa que vise a determinado fim não pode ser realizada de forma aleatória, contando apenas com a intuição ou com idéias de momento. Uma pesquisa precisa de uma metodologia.

Uma metodologia bem elaborada é requisito para bons resultados em uma pesquisa. Estes poderão, assim, contribuir com o conhecimento científico de uma determinada espécie. Sem procedimentos previamente estabelecidos não há resultados confiáveis, pois eles ficam destituídos de sistematicidade; a metodologia é necessária para que as conclusões de uma pesquisa possam ser aceitas como científicas e não simples fabulações que não podem ser comprovadas por outros pesquisadores. A sistematicidade pretende dar ao conhecimento uma racionalidade e o método é um de seus sustentáculos. Por isso, as apresentações das pesquisas costumam vir acompanhadas dos métodos que sustentaram os resultados encontrados e que lhes dão coerência e sistematicidade.

Embora seja verdade que uma metodologia deva dar garantia aos resultados de uma pesquisa, não se pode atribuir a ela mais do que pode dar: o método é uma forma organizada de se abordar o que se pretende conhecer, nada mais que isso. Então devemos ter o cuidado de não valorizá-lo em demasia, atribuindo-lhe poderes de que não é capaz. Contando apenas com um método, desprovido de um arcabouço teórico que o sustente, não se pode ir muito longe.

Há muitos que tendem a atribuir muito poder ao método, esquecendo-se de que ele não é independente do que se pretende pesquisar. Não é possível apenas tomá-lo de antemão e aplicá-lo aos dados que temos a nossa disposição. De fato, o método é o resultado de uma relação dialética entre uma dada realidade e o melhor procedimento de que podemos dispor para proceder a sua análise. Dessa forma, ele está numa dependência direta das especificidades próprias do que será objeto de análise.

Uma vez que o instrumento de análise a ser adotado não é independente da análise, é essencial encontrar/desenvolver um que possa ser aplicado aos nossos dados e que assim nos permita ter uma interpretação adequada deles. Certamente, não é preciso sempre começar do zero, podemos nos utilizar daquilo que já existe, mas, em muitos casos, é preciso ir além, e por nossos próprios esforços buscar meios que dêem conta das especificidades do trabalho que está sendo realizado.

Foi atento a esta concepção que nos dispusemos a desenvolver um instrumento de análise que pudesse ser aplicado da melhor forma possível aos dados que estavam à nossa disposição, quando nos propusemos a pesquisar a expressão de realidade e irrealidade no Português do Brasil. Nosso instrumento de análise foi elaborado tendo como pressuposto a existência de certos traços semânticos que nos parecem ser os que determinavam a realidade ou a irrealidade expressas pelos elementos lingüísticos que estavam sendo considerados.

Elaboramos, para isso, um quadro analítico cujo princípio se sustenta na concepção de que, lingüisticamente, o falante expressa no seu dizer uma distinção entre o que lhe parece válido ou não, ou o que ele quer que pareça válido ou não. Para nós, a realidade e irrealidade na língua são caracterizadas por posturas marcadas, lingüisticamente, pelos mais diversos recursos. Sua expressão é determinada pelos julgamentos que explícita ou implicitamente realizamos sobre as situações às quais nos referimos ou sobre os nossos próprios atos de dizer, pois que tanto podemos julgar ou simular um julgamento sobre a referência do discurso quanto sobre o próprio discurso, de tal maneira que, inevitavelmente, o comprometimento do falante será ou não assinalado. Assim sendo, o falante inevitavelmente emitirá algum tipo de julgamento sobre a situação referida ou sobre o ato de dizer, o que o leva a expressar comprometimento ou não comprometimento em seu discurso.

Aqui apresentamos o quadro que construímos e utilizamos na análise do corpus, para identificar a expressão de realidade e de irrealidade pelas formas verbais simples da Língua Portuguesa do Brasil. Acreditamos que a determinação de realidade ou irrealidade na língua, nos moldes que propusemos, pode ser determinada com base no tipo de ocorrência da situação<sup>5</sup> expressa pelo enunciado. Ocorrência está sendo aqui considerada não como um acontecimento real, mas como um modo de interpretação do enunciado, como tendo existência. Embora esse conceito possa parecer pouco claro, pela sua própria natureza um tanto quanto abstrata; esperamos que, à medida que formos apresentando o instrumento analítico, ele se esclareça.

Em nossa pesquisa, partimos do princípio de que há dois tipos de ocorrência ligados ao enunciado: uma na língua e outra no mundo. Vejamos o enunciado (158):

(158) O azul é uma cor alegre.

Em (158) há os dois tipos de ocorrência: existe a ocorrência lingüística de que o azul é uma cor alegre, pois esta é uma afirmação, e, ao mesmo tempo, uma ocorrência no mundo, pois é apresentada uma versão de que à expressão lingüística “O azul é uma cor alegre” corresponde uma existência no mundo extra-lingüístico da associação da cor azul com a alegria. Neste caso, a referência não é necessariamente ao mundo real empírico, mas a um mundo criado lingüisticamente, instaurado pela própria língua, já que não há outra forma de se referir ao mundo extra-lingüístico a não ser verbalmente, quando a única forma de expressão possível é a linguagem verbal, que é o caso deste trabalho.

Não estamos tratando aqui de falso ou verdadeiro, mas de como o enunciado é posto pelo enunciador; se a cor azul é ou não um símbolo de alegria não vem ao caso, o que importa é que para o enunciador este é um fato lingüístico. Esta é uma realidade criada pela língua. É disso que depende a criação ficcional; embora seja um produto da imaginação, o mundo

---

<sup>5</sup> Estamos tomando por situações todos os tipos de processos indicados pelo verbo ou não, como ações, fatos, fenômenos, estados, eventos, etc... (cf. Travaglia 1991: 63)

organizado pelas palavras de um autor torna-se “real” exatamente porque é um produto da linguagem.

Dando seqüência a esse raciocínio, temos, no entanto, casos em que há ocorrência na língua, mas não ocorrência no mundo. Num enunciado deôntico do tipo:

(159) Todos **devem** se ajoelhar em frente à cruz.

se assume, do ponto de vista do próprio enunciado, a ocorrência como um fato “real”. Ele é tomado como real pelo falante porque é assumido, embora não seja descritivo de um mundo extra-lingüístico. Ajoelhar-se frente à cruz deve ser entendido como uma obrigação que tem de ser cumprida, portanto trata-se de uma ocorrência na língua. Por outro lado, nesse exemplo não podemos encontrar ocorrência no mundo, já que o enunciado não descreve uma situação no mundo, mas refere-se a uma situação que necessariamente precisa ser realizada, portanto assumida como tal pelo enunciador. Que todos devem ajoelhar-se em frente à cruz tem uma ocorrência na língua porque é assumida, mas não tem uma ocorrência no mundo, porque o modal “dever” refere-se a uma obrigação e não ao ato de ajoelhar.

Em nosso quadro consideramos duas opções possíveis para a ocorrência na língua: uma em que ela é assumida pelo falante e outra em que não é. Podemos exemplificar os dois tipos de ocorrência, respectivamente com (160) e (161):

(160) O azul **é** uma cor alegre.

(161) O azul **pode** ser uma cor alegre. (É possível)

Em (160), lingüisticamente está sendo assumido que o azul é uma cor alegre, estamos então diante de uma ocorrência assumida na língua. Em (161), o enunciado está sendo entendido epistemicamente como dizendo que há apenas uma possibilidade aventada, incerta, de que a cor azul seja considerada alegre. Pelo enunciado podemos entender que é possível o azul expressar alegria, mas também pode ser que não, ele poderia ser considerado uma cor triste ou ser indiferente aos sentimentos. Passa-se a existir então uma situação indefinida; a

isso é que denominamos de ocorrência não assumida na língua. A situação apresenta-se como provável ou possível, o falante não apresenta garantias para ela, não se comprometendo com a sua realidade.

Quanto à ocorrência no mundo, é possível percebê-la em muitas nuances em nosso quadro analítico. Uma forma verbal pode deixar impreciso se uma situação tem ou não ocorrência no mundo, tendo sido chamada por nós de ocorrência no mundo indeterminável, mas ainda assim expressar maior ou menor possibilidade ou necessidade de ocorrer.

A ocorrência de uma situação no mundo também pode ser determinável, com maior ou menor possibilidade ou necessidade de ocorrência, ou constituir uma instância do mundo bio-psico-físico-social. Demos a este último caso o nome de ocorrência posta, quer se trate de uma afirmação ou de uma negação. Entenda-se aqui que a ocorrência no mundo determinável posta não se refere apenas a uma situação no passado, mas a qualquer situação cuja existência/não existência é entendida como necessariamente certa, mesmo que no momento da enunciação ainda não tenha ocorrido.

Por fim, em nosso quadro, a combinação dos traços referentes à ocorrência na língua e no mundo permite que se chegue a conclusões sobre se há ou não garantias da ocorrência da situação a que a forma verbal se refere. Assim, levando-se em conta o conjunto do que foi ou não assinalado nas colunas referentes aos diferentes tipos de ocorrência, é possível determinar se há ou não comprometimento assumido. Se a situação expressa pela forma verbal é assumida na língua e é entendida como necessariamente realizável/realizada, temos comprometimento, se não é assumida na língua e tida como incerta/indeterminada, temos não comprometimento.

Chegando ao fim da análise de uma forma verbal que se encontra em um dado contexto lingüístico e extralingüístico, tendo em vista os seus diversos tipos de ocorrência, podemos decidir pela indicação de sua expressão de realidade ou de irrealidade. Se, ao computarmos as colunas marcadas no instrumento de análise referentes a uma forma verbal, elas determinarem um comprometimento com a ocorrência da situação, teremos expressão de realidade, se, por outro lado, determinarem o não comprometimento, teremos a expressão de irrealidade. Abaixo está o quadro analítico utilizado para as análises de realidade e irrealidade expressas pelas formas verbais:

***Instrumento de análise da expressão de realidade e irrealidade por formas verbais simples da Língua Portuguesa do Brasil.***

Realidade/Irrealidade												
Exemplo n°	Ocorrência										Comprometimento	
	Na língua		No mundo								Sim	Não
Assumida	Não assumida	Indeterminável				Determinável						
		Possível	Necessária	Possível	Necessária	Posta						
-	+	-	+	-	+	-	+	-	+			

Tendo feito a explanação do instrumento de análise utilizado em nossa pesquisa da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais simples da Língua Portuguesa do Brasil, apresentamos as possibilidades de marcação do mesmo, quando do procedimento da análise dos dados.

As colunas do quadro analítico, referentes à ocorrência da situação na língua e no mundo, dependendo das circunstâncias, podem estar ou não assinaladas em conjunto: elas às vezes são compatíveis, umas com as outras, às vezes não. Por causa dessas compatibilidades e incompatibilidades, é possível determinar se há expressão de realidade ou de irrealidade pelas formas verbais.

Chamamos a atenção para que os dois sentidos em que a palavra língua está sendo usada neste texto não sejam confundidos. Quando nos referimos à ocorrência na língua, estamos nos referindo àquele sentido um tanto abstrato a cuja explicitação nos dedicamos a alguns parágrafos atrás. Quando nos referimos à expressão de realidade e irrealidade pela língua, estamos tratando do tema de nossa pesquisa. A língua a que estamos fazendo referência, neste caso, é a Portuguesa.

Ao procedermos à análise de expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais, se assinalamos a coluna de ocorrência assumida na língua, obviamente não poderemos marcar a de não assumida, pois a escolha de uma automaticamente impede a da outra, porque, logicamente, não é possível assumir e não assumir ao mesmo tempo a ocorrência de uma situação. Essa opção vai comprometer as possibilidades de escolhas de ocorrência no mundo. Se ela for determinável, poderá ou não ser posta, +possível, - necessária ou +necessária, ou poderá resultar numa combinação de +possível e posta, ou +necessária e posta; se, por outro lado, a ocorrência for indeterminável, uma das opções de ocorrência no mundo +possível ou +necessária terá de ser escolhida. Estas configurações nos levam à in-

terpretação de que houve comprometimento com a ocorrência da situação, resultando, portanto, em expressão de realidade.

- (162) A *Ilíada* é o poema mais antigo da literatura ocidental.  
 (162) –a. O fim do mundo **virá** logo. (crença)  
 (162) –b. Eu ainda **ganho** na loto. (crença)  
 (163) Um homem íntegro não se **furta** a suas obrigações sociais.  
 (163) –a. Só um povo que **tivesse** consciência do valor transcendental do ser humano, não deixaria nenhum ser aviltado pela fome.  
 (163) –b. O poeta precisa de uma musa em quem se **inspirar**.  
 (164) Os jovens brasileiros **devem** se alistar aos 17 anos. (precisam)  
 (165) Menina, você **pode** entrar, a porta está aberta. (é permitido)

**Configuração das frases no instrumento de análise, segundo nosso modelo interpretativo.**

Exemplo nº	Realidade/Irrealidade											Comprometimento	
	Na língua		Ocorrência									Sim	Não
	Assumida	Não assumida	Indeterminável				Determinável						
			Possível		Necessária		Possível		Necessária		Posta		
-			+	-	+	-	+	-	+				
162	x											x	x
162a	x										x	x	x
162b	x									x		x	x
163	x											x	x
163a	x										x		x
163b	x									x			x
164	x								x				x
165	x						x						x

Os exemplos acima, de (162) a (165), apresentam ocorrência assumida na língua e comprometimento com a ocorrência da situação; as formas verbais expressam, portanto, realidade. Nos exemplos (162) a (163b) elas apresentam ocorrência no mundo determinável, com variações: ocorrência posta em (162), pois a situação é tida como verdadeira; ocorrência +necessária e posta em (162a), devido à certeza da realização futura da situação; ocorrência +possível e posta em (163b), porque a realização futura da situação é apresentada de forma menos enfática que em (162a); ocorrência + necessária em (163), por se tratar de um dever; ocorrência –necessária em (163a), pois ocorrência da situação é relativizada pelo pretérito imperfeito do subjuntivo; em (163b), a ocorrência é +possível, porque embora haja comprometimento, a forma verbal do futuro do subjuntivo o torna quase que neutro.

Os exemplos (164) e (165) apresentam ocorrência no mundo determinável. Em (164), a forma verbal apresenta ocorrência assumida na língua, ocorrência no mundo indeterminável e ocorrência no mundo +necessária, porque a situação de alistar tem que ocorrer. Em (165), temos ocorrência no mundo +possível, porque a situação de entrar é permitida, mas não é obrigatória.

Se na análise da forma verbal for marcada a ocorrência não assumida na língua, existem as seguintes possibilidades de assinalar as de ocorrências no mundo: necessariamente a coluna de ocorrência indeterminável deverá ser marcada; pode se marcar um ou outro traço do possível ou da necessária, mas nunca se poderá assinalar possível e necessária ao mesmo tempo, porque eles se opõem. Não haverá também ocorrência no mundo determinável posta. Essas configurações obrigam à conclusão de que a forma verbal não expressa comprometimento, constituindo-se em expressão de irrealidade.

(166) Um jogador de sorte **pode** ganhar na loteria.

(167) Esta moeda antiga **deve** valer uma fortuna.

(168) O governo **poderia** acabar com os problemas fundiários do Brasil.

(169) O governo **deveria** acabar com os problemas fundiários do Brasil.

**Configuração das frases no instrumento de análise, segundo nosso modelo interpretativo.**

Realidade/Irrealidade													
Exemplo n°	Ocorrência										Comprometimento		
	Na língua		No mundo								Sim	Não	
	Assumida	Não assumida	Indeterminável				Determinável						
			Possível		Necessária		Possível		Necessária				Posta
-			+	-	+	-	+	-	+				
166		x		x									x
167		x					x						x
168		x	x										x
169		x			x								x

Nos quatro exemplos, as formas verbais apresentam ocorrência não assumida na língua e ocorrência no mundo indeterminável. Ocorrência não assumida na língua implica sempre em ocorrência indeterminável no mundo. As diferenças expressas pelas formas verbais se dão nas colunas de ocorrência no mundo possível e necessária. Em (166), a ocorrência é +possível, ou seja, a forma verbal expressa uma certa possibilidade da situação ocorrer; em (167), a ocorrência é +necessária, ou seja, a forma verbal expressa grande probabilidade de

que a situação ocorra, portanto sua ocorrência é quase certa. Em (168), a ocorrência é – possível, ou seja, a forma verbal expressa pouca possibilidade de que a situação ocorra. Por fim, em (169) a ocorrência é –necessária, ou seja, a forma verbal expressa pouca probabilidade de ocorrência de que a situação ocorra, mas mesmo assim a possibilidade é maior do que na ocorrência +possível.

Essas configurações variáveis apresentadas pelo quadro analítico têm como consequência a existência de gradações, tanto no caso da expressão da realidade quanto da irrealidade. Isso nos leva a uma primeira conclusão, a de que, pelo menos, no que diz respeito ao sentido que estamos tomando neste trabalho para expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais, elas não se apresentam apenas de forma pura, a realidade de um lado e a irrealidade de outro. Elas podem se apresentar de forma gradual. O que nos leva a uma estranha, mas não falsa possibilidade de que uma forma verbal possa se apresentar como mais real ou menos real, ou ainda, mais irreal ou menos irreal em diferentes contextos. Esse comportamento da expressão da realidade e da irrealidade pelas formas verbais nos permite apresentá-las graficamente numa escala graduada.

*Gráfico da gradação da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais simples da Língua Portuguesa*

Realidade	Ocorrência assumida na língua.	Ocorrência no mundo	Determinável Posta + necessária + possível		↑ mais real menos real
Irrealidade	Ocorrência não assumida na língua	Ocorrência no mundo	Indeterminável	+Necessária -Necessária +Possível -Possível	↓ menos irreal mais irreal

Encontramos o grau mais alto de expressão de realidade por uma forma verbal quando no enunciado ela se apresentar como uma ocorrência assumida na língua e a ocorrência no mundo for determinável posta. Se a ocorrência no mundo não for determinável, mas + necessária o grau de realidade será menor; e será ainda menor se for + possível. O grau maior de irrealidade se dá quando a forma verbal apresentar uma ocorrência na língua não assumida e a ocorrência no mundo, além de ser indeterminável for menos possível; o que revela pouca

possibilidade de realização da ocorrência. O grau de irrealidade vai diminuindo à medida que a ocorrência no mundo for passando por -possível, +possível, - necessária e + necessária.

Sinteticamente, as possibilidades de expressão de realidade e irrealidade na língua podem ser apresentadas no seguinte modelo em espelho: um continuum que, no campo da irrealidade se estende do mais irreal até o menos irreal, e no campo da realidade se alonga do menos real passando pelo mais real, até o totalmente real.

*Esquema da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais simples do Português do Brasil*



Neste capítulo de apresentação do método de análise utilizado em nosso estudo da expressão de realidade e irrealidade por formas verbais simples da Língua Portuguesa do Brasil, com o objetivo de esclarecer, da melhor forma possível a proposta do trabalho, fizemos uma discussão dos requisitos prévios necessários à demonstração do instrumento de análise. Primeiro discutimos a questão da adoção de teorias para o embasamento dos trabalhos que se pretendem científicos, sem as quais não é possível determinar de maneira razoável o campo de pesquisa sobre o qual se pretende deter.

Examinamos a questão do método, do seu poder e de seus limites na realização de uma pesquisa e alertamos para o perigo de se valorizá-lo demasiadamente. Dissemos que ele está necessariamente ligado às teorias em que se inspira e ao que está sendo analisado, tendo necessariamente de ser adequado aos objetivos da pesquisa.

Além disso, desenvolvemos os nossos próprios conceitos de realidade e irrealidade, que não são relacionados às orações condicionais, mas fundamentados nas modalidades linguísticas deônticas e epistêmicas, nas noções de possibilidade e necessidade e no comprometimento do falante com a realização da situação a que a forma verbal se refere.

No interior da discussão sobre metodologia, fizemos a apresentação do instrumento de análise que desenvolvemos para lidar com os dados de nossa pesquisa, ou seja, análise

de frases da Língua Portuguesa do Brasil, objetivando descrever como se dá a expressão de realidade e de irrealidade pelas suas formas verbais simples.

Nosso instrumento de análise é composto de várias colunas baseadas nas noções de ocorrência na língua e no mundo. O resultado da escolha e sinalização de certas colunas e não de outras é que, segundo o princípio que tomamos desde o início do trabalho, determina se o que a forma verbal analisada expressa é realidade ou irrealidade.

Além da determinação de realidade e irrealidade, constatamos que o resultado da combinação das colunas assinaladas e das não assinaladas, no instrumento de análise, nos permitem chegar à conclusão de que ela pode ser gradual, se constituindo em um continuum, se estendendo do menos irreal ao mais irreal.

Isso nos permite dizer que não se deve falar de expressão de realidade e irrealidade simplesmente. Realidade e irrealidade se expressam, em verdade, numa gradação, o que re-putamos como, provavelmente, a mais importante conclusão de nosso trabalho. Num caso, as situações expressas pelas formas verbais são apresentadas como tendo ocorrência muito im-provável, concorrendo para o não comprometimento do falante com o que diz; noutro caso as situações são apresentadas como tendo ocorrência certa, inegável, concorrendo para o com-prometimento do falante com o que diz.

No capítulo seguinte, apresentamos a análise da expressão da realidade e da irreali-dade pelas formas verbais simples dos modos indicativo e subjuntivo da Língua Portuguesa do Brasil.

## **CAPÍTULO 3 - REALIDADE E IRREALIDADE : SUA EXPRESSÃO POR FORMAS VERBAIS SIMPLES DA LÍNGUA PORTUGUESA DO BRASIL**

### **3.1. Preliminares**

Neste trabalho procuramos analisar a expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais simples dos modos indicativo e subjuntivo. Os tempos compostos não foram analisados para não ampliarmos demais o estudo em uma dissertação de mestrado.

O objetivo deste trabalho é apresentar como a realidade e a irrealidade<sup>6</sup> se expressam através de formas verbais simples. Utilizamos frases não muito extensas, buscando, assim, na medida do possível, minimizar a influência de outros recursos linguísticos que poderiam afetar a manifestação da realidade e irrealidade. Essa limitação se deve ao fato de que a realidade e a irrealidade não se expressam apenas pelas formas verbais, mas também por meio de outros recursos linguísticos, tais como advérbios, verbos modais, conjunções e outros recursos dos mais variados tipos. Nosso propósito é, pois, evitar, quando e quanto possível, a interferência desses outros recursos, embora não possamos desconsiderá-los, já que em muitos casos a expressão de realidade ou irrealidade pelas formas verbais tem uma íntima relação com presença de tais recursos. O que não desejamos é que haja um acúmulo, uma sobreposição de recursos, de tal forma que a expressão de realidade e irrealidade pelo recurso em foco, as formas verbais simples, fique difícil de ser percebida e analisada, o que fatalmente ocorreria em fragmentos longos.

Weinrich (1968: 175) chama a atenção para a importância que tem o contexto quando se pretende fazer algum tipo de análise linguística. Segundo ele, muitos estudo-

---

<sup>6</sup> Lembramos que neste trabalho realidade e irrealidade, como as conceituamos, estão sendo entendidas diferentemente dos tradicionais conceitos de *realis* e *irrealis*.

so se descuidaram do contexto lingüístico nas análises que fizeram, o que resultou em construção de exemplos isolados com o único fim de servirem à própria análise. Ele, ao contrário de frases isoladas, procura fazer longas citações dos textos que analisa, objetivando, com isso, dar àquilo que é seu objeto de estudo um pano de fundo que lhe garanta um sentido com um mínimo de ambigüidade possível.

Inspirados por essa idéia de Weinrich, nos propusemos, num primeiro momento de nossa pesquisa, contar com a maior quantidade de informação possível para que a análise das formas verbais não fosse feita desconsiderando seu contexto lingüístico imediato. Contudo, à medida que ela se desenvolvia, sem deixar de concordar com esse autor, percebemos que, para este trabalho, tentar recuperar o contexto de uma frase, poderia aumentar em muito a dificuldade de análise. Não que considerássemos a recuperação do contexto uma atitude supérflua, mas porque, devido aos nossos objetivos de analisar a expressão da realidade e da irrealidade pelas formas verbais simples da Língua Portuguesa do Brasil, um texto maior poderia provocar uma superposição de sentidos tal que prejudicaria a determinação do peso e função da categoria estudada.

Além da possibilidade da clareza da expressão de realidade e irrealidade poder ficar prejudicada, outra questão nos fez pensar em não apresentar grandes fragmentos de texto, objetivando a manutenção de um contexto, qual seja: qual a extensão máxima ou mínima de um exemplo seria necessário transcrever? Percebemos que, às vezes, para se recuperar o contexto de uma frase são necessários muitos parágrafos, e até mesmo um texto inteiro, no entanto há frases que permitem por si mesmas a compreensão de seu contexto, tendo o sentido identificável em sua própria extensão, sem deixar margem para ambigüidades.

Por isso procuramos utilizar textos que pudessem ser interpretados dessa maneira, de forma que não fossem necessários argumentos externos para serem compreendidos. Em algumas situações, no entanto, em que não foi realmente possível uma interpretação segura, buscamos esclarecê-la.

Portanto, nossa preferência por fragmentos menores de textos se deve a uma questão metodológica e não desejamos nos enquadrar naquela categoria de estudiosos criticada por Weinrich, que criam textos que só servem à sua pesquisa isoladamente. Acreditamos que a análise da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais simples é plenamente possível de ser feita, considerando apenas frases não muito longas.

Em nosso trabalho este é um procedimento desejável, pois à medida que os textos se estendem, os diversos recursos se entrecruzam, tornando bastante complexa a expressão de todas as noções. Essa complexidade dificulta a determinação da expressão de realidade e irrealidade por uma forma verbal, exatamente devido às interferências que podem ocorrer de outras formas verbais e outros elementos que também as expressam. Nesse caso a análise teria que levar em conta o conjunto, o que não é o objetivo deste trabalho, porque pensamos que é preciso conhecer bem a atuação de cada recurso para depois trabalhar com sua ação conjunta.

Quando concluímos pela expressão de realidade ou de irrealidade por uma forma verbal simples, dependente de certas condições, desejamos que não seja aplicável apenas àquele caso em especial, mas buscamos uma interpretação que seja condizente com todas as situações da língua em que aquelas condições se repitam. Estamos procurando encontrar regras que possam ser aplicáveis à língua em geral.

Tendo adotado esse princípio de não trabalhar com textos extensos, embora isso possa acontecer em algumas situações, nos dedicamos a analisar dois grupos de textos de origem diferentes, um desenvolvido por nós mesmos, guiados por nossa intuição de falante nativo, e, outro, por frases recolhidas em diversos tipos de textos escritos.

Em nosso trabalho procuramos analisar exemplos com verbos dinâmicos e estáticos (cf. Travaglia – 1991: cap.3), com o propósito de observar se essa diferença de natureza interfere ou não na expressão de realidade e de irrealidade pelas formas verbais. Não foi, no entanto, nosso propósito dar uma atenção privilegiada para estes tipos de verbos, o que quisemos reparar foi simplesmente se eles expressam realidade e irrealidade diferentemente.

## **3.2. As formas verbais simples do modo indicativo**

### **3.2.1. Presente**

#### **3.2.1.1. Preliminares**



O que encontramos em nosso instrumento de análise é uma regularidade completa. A presença de uma negação no exemplo (176) não muda a natureza de sua ocorrência no mundo determinável posta. A negação é uma ocorrência determinável.

No quadro analítico, todas as formas verbais do paradigma do presente do indicativo usadas expressando presente momentâneo apresentam ocorrência assumida na língua e ocorrência no mundo determinável. O fato de a ocorrência no mundo determinável ser negada ou afirmada não influirá no “status” da frase, porque a convicção com que o enunciado é apresentado é a mesma, tanto num quanto no outro caso. Essa configuração no quadro, quanto às ocorrências no mundo e na língua, concorre para que haja comprometimento do enunciatador com o enunciado. Por isso podemos concluir que as formas do paradigma do presente do indicativo, quando são manifestação de presente momentâneo, expressam realidade.

Podemos observar que em muitas circunstâncias um contexto adequado à interpretação da forma verbal como presente momentâneo depende de algum tipo de ancoragem temporal. Podemos encontrá-la nos exemplos (170), (171), (172) e (175). Em outros casos apenas nosso conhecimento de mundo já é o suficiente para o estabelecimento do contexto adequado à interpretação da forma verbal, como nos exemplos (173), (174) e (176). Assim sendo, chamamos a atenção para a importância, tanto do contexto lingüístico quanto do extralingüístico, para a interpretação não só da forma verbal com valor de presente momentâneo, mas também das outras formas verbais.

### 3.2.1.1.b. Presente com duração contínua ilimitada

Apresentamos e analisamos abaixo exemplos de frases com formas verbais do presente do indicativo com valor de presente com duração contínua ilimitada.

- (177) Eu **sou** o Alfa e o Ômega, diz o Senhor Deus, Aquele que é, que era e que vem, o Dominador. (Texto nº 05)
- (178) O bem e o mal **estão** na alma do homem.
- (179) As galáxias **giram** no espaço infinito.
- (180) Os horrores de uma guerra **demonstram** a insensatez humana.
- (181) Os meios de comunicação social não **podem**, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio. (Texto nº 8)

- (182) Hoje se sabe que, por suas condições meteorológicas, em Vênus não **existe** vida.
- (183) O amor **é** a única solução para os que desejam a paz.
- (184) Quem **faz** a história são as massas.
- (185) No vácuo, os corpos, independentemente do peso, **caem** à mesma velocidade.
- (186) Todo homem **tem** um pé na África. (Texto nº 36)

*Análise da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais do paradigma do presente do modo indicativo empregadas para se referir a situações de duração ilimitada*

Realidade/Irrealidade												
Exemplo nº	Ocorrência										Comprometimento	
	Na língua		No mundo						Sim	Não		
	Assumida	Não assumida	Indeterminável			Determinável						
			Possível		Necessária	Possível		Necessária			Posta	
-	+	-	+	-	+	-	+	-			+	
177	x										x	x
178	x										x	x
179	x										x	x
180	x										x	x
181	x										x	x
182	x										x	x
183	x										x	x
184	x										x	x
185	x										x	x
186	x										x	x

Como podemos constatar, as formas verbais do presente do indicativo empregadas com valor de presente ilimitado e aquelas usadas para o presente momentâneo expressam realidade da mesma maneira. A configuração dos exemplos no instrumento de análise é a mesma: ocorrência assumida na língua e ocorrência determinável no mundo posta, a negação, como vimos anteriormente, não muda em nada o “status” de comprometimento do falante. Dessa maneira, as formas do paradigma do presente do indicativo com valor de duração contínua ilimitada também expressam realidade.

Nestes exemplos, podemos observar a grande importância do contexto extralingüístico para a interpretação da forma verbal como presente de duração indeterminada.

### 3.2.1.1.c. Presente com duração ilimitada descontínua

Apresentamos e analisamos abaixo exemplos de frases com formas verbais do presente do indicativo com valor de presente com duração ilimitada descontínua, o que traz a noção de habitualidade.

- (187) Roberto Carlos **lança** um disco em todos os finais de ano.  
 (188) **Costumo** fotografar, para fazer eternos os instantes de alegria.  
 (189) Muita gente **joga** futebol com os amigos para se livrar do stress do dia-a-dia.  
 (190) Muitos **praticam** artes marciais para manter o equilíbrio do espírito.  
 (191) Marta se **esforça** sempre para tirar boas notas na escola.  
 (192) João **fotografa** casamentos todos os domingos.

*Análise da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais do paradigma do presente do modo indicativo empregadas para se referir a situações de duração ilimitada descontínua*

Realidade/Irrealidade													
Exemplo n°	Ocorrência											Comprometimento	
	Na língua		No mundo						Sim	Não			
	Assumida	Não assumida	Indeterminável				Determinável						
			Possível		Necessária		Possível				Necessária		Posta
-			+	-	+	-	+	-			+		
187	x											x	x
188	x											x	x
189	x											x	x
190	x											x	x
191	x											x	x
192	x											x	x

O quadro analítico mostra que, assim como nos outros casos, no emprego das formas verbais do presente do indicativo para se referir a situações de duração ilimitada descontínua também há expressão de realidade, porque elas estabelecem um compromisso do falante com o seu enunciado. Não deve passar despercebido, no entanto, que um verbo que está numa forma do presente possa estar apresentando sentidos diferentes: os exemplos de formas verbais analisadas têm acepção durativa, mas também podem ser vistos como de duração freqüentativa. Isso mais uma vez reforça o valor do contexto extralingüístico para a interpretação da forma verbal.

#### 3.2.1.1.d. Presente histórico

Apresentamos e analisamos abaixo exemplos de frases com formas verbais do presente do indicativo com valor de presente histórico.

- (193) O leão era majestoso, estava impassível, com a cabeça orgulhosa, de repente, sem aviso, **corre** em nossa direção e **salta** sobre o carro.

- (194) Depois do acidente, todos achavam que eu estivesse morto, mas inesperadamente **abro** os olhos e digo que estou com sede.
- (195) O padre desesperado olhava a igreja que ardia em chama. Tudo perdido, ele pensou. Mas para seu espanto, o aleijado **corre** para o fogaréu e salva a imagem do padroeiro.
- (196) Tudo parecia ter sido perdido: a plantação, a criação...; tudo fenecia, contudo a última esperança: **vem** são José em seu dia e alaga o mundo.
- (197) A festa estava preparada, o noivo no altar se contorcia nervoso, a noiva, no entanto, **não quer** entrar, arrependeu-se à porta da igreja.

**Análise da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais do paradigma do presente do modo indicativo com valor de presente histórico**

Exemplo n°	Realidade/Irrealidade											Comprometimento	
	Na língua		Ocorrência								Sim	Não	
	Assumida	Não assumida	Indeterminável				Determinável						
			Possível		Necessária		Possível		Necessária		Posta		
-	+	-	+	-	+	-	+	-	+				
193	x											x	x
194	x											x	x
195	x											x	x
196	x											x	x
197	x											x	x

Podemos constatar pelos exemplos apresentados que as formas verbais do presente do indicativo, empregadas no chamado presente histórico, expressam a realidade, igualmente aos demais empregos de formas do presente que tratamos anteriormente. No caso desse emprego, a interpretação das formas verbais do presente com valor temporal de passado é inteiramente dependente do contexto lingüístico em que estão inseridas.

### 3.2.1.1.e. Presente expressando situação futura

Apresentamos e analisamos abaixo exemplos de frases com formas verbais do presente do indicativo expressando situação futura.

- (198) O Brasil **consegue** dar a volta por cima, assim que nos respeitarmos como nação soberana.
- (199) O Ministro da Fazenda disse que inflação não **volta** tão cedo à economia brasileira.
- (200) Ninguém **descobre** a cura da AIDS, até que as empresas farmacêuticas tenham ganhado muito dinheiro com os remédios que já temos no mercado.

- (201) O governo não **eleva** o percentual de verbas para o ensino público, enquanto não houver uma mudança de prioridades políticas.
- (202) Enquanto as primeiras chuvas não chegarem, o lavrador não **semeia** a sua semente.

*Análise da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais do paradigma do presente do modo indicativo empregadas para indicar situação futura*

Realidade/ Irrealidade												
Exemplo n°	Ocorrência										Comprometimento	
	Na língua		No mundo						Sim	Não		
	Assumida	Não assumida	Indeterminável		Determinável							
			Possível		Necessária		Posta					
-	+	-	+	-	+	-	+					
198	x							x			x	x
199	x										x	x
200	x										x	x
201	x										x	x
202	x										x	x

Não há o que comentar desses últimos exemplos apresentados, porque o instrumento de análise nos apresenta resultado semelhante ao que já conhecemos dos outros empregos das formas verbais do presente do indicativo. Essas formas verbais, empregadas com o sentido de futuro, também expressam realidade, uma vez que, igualmente aos demais casos de empregos do presente, são manifestações de ocorrência assumida na língua e ocorrência determinável no mundo, tendo como consequência o comprometimento do falante com o seu enunciado. Chamamos novamente a atenção para a importância do contexto lingüístico na interpretação da forma verbal.

Em todas os cinco empregos das formas verbais do paradigma do presente do modo indicativo, para significar presente momentâneo, presente durativo, presente habitual, presente histórico e futuro, o futuro do presente expressa realidade, porque o enunciador se compromete com o seu ponto de vista sobre a ocorrência ou não de uma situação enunciada. Poderíamos ter somente apresentado as formas do paradigma do presente do indicativo e declarado que elas, de acordo com o que verificamos em nossa pesquisa, sempre expressam realidade, mas estaríamos deixando de lado muito o que dizer; apesar de se repetirem os resultados, a análise não deixe dúvida de que, nestes empregos das formas verbais do presente do indicativo analisadas há expressão de realidade.

Contudo verificamos que há casos particulares em que as formas verbais do presente do indicativo não expressam necessariamente realidade, como acontece com certos modais epistêmicos. Porém, nestes casos, não é mais a forma verbal em si mesma que

determina a não expressão de realidade, mas a modalidade, que, ao marcar expressamente as intenções do falante, imprime no enunciado o seu intuito de apresentá-lo como irreal.

Exemplos:

- (203) O crime organizado **pode se transformar** numa ameaça ao poder constituído.  
 (204) Você **pode atravessar** a rua com esta senhora?  
 (205) **Parece** que o menino está doente.  
 (206) O Vaticano não se pronunciou até agora, mas João Paulo II **deve renunciar** ao papado, devido à piora de seu estado de saúde.  
 (207) **Deve ser** verdade que o desejo de viver é maior do que o de morrer.  
 (208) Hoje não estou conseguindo prestar atenção em nada, **devo estar** com minha cabeça no mundo da lua.

**Análise da expressão de realidade e irrealidade por verbos modais epistêmicos conjugados em formas verbais do paradigma do presente do modo indicativo**

Exemplo nº	Realidade/ Irrealidade											Comprometimento	
	Ocorrência										Sim		
	Na língua		No mundo										
	Assumida	Não assumida	Indeterminável				Determinável						
		Possível		Necessária		Possível		Necessária		Posta			
		-	+	-	+	-	+	-	+				
203		x		x									x
204		x		x									x
205		x		x									x
206		x					x						x
207		x					x						x
208		x					x						x

A análise desses seis exemplos de formas verbais do presente do indicativo com verbos modais epistêmicos demonstra que elas não expressam realidade, porque não expressam comprometimento com o enunciado; se há, ele é apenas parcial, como no exemplo (206). No quadro analítico, observamos que todos os exemplos têm ocorrência na língua não assumida e ocorrência no mundo indeterminável, o que já descarta qualquer possibilidade de expressão de realidade. Há, no entanto, uma variação da irrealidade visível nas colunas da possibilidade e da necessidade entre a ocorrência no mundo +possível em (203), (204) e (205) e +necessária em (206), (207) e (208). Comparativamente, então, os três últimos exemplos são menos irrealis que os três primeiros.

### 3.2.2. Futuro do presente

#### 3.2.2.a. Futuro do presente expressando futuro

O primeiro emprego das formas verbais do futuro do presente do indicativo que analisamos é aquele usado para indicar a categoria de tempo futuro simplesmente tal como aprendemos no ensino fundamental e médio.

- (209) O Presidente da República se **encontrará**, no final de semana, com os líderes da bancada governista para o jantar de fim de ano.
- (210) Todo este povo está me enlouquecendo; **mandarei** todos para o inferno!
- (211) A China **será** um dos primeiros adversários da seleção brasileira na copa do mundo de 2002.
- (212) Todo o gado de corte da fazenda Boqueirão **será** abatido nos próximos dois meses.
- (213) Às três horas, **estaremos** em casa à sua espera.
- (214) O telescópio Hubble **apontará** suas lentes para as profundezas do espaço, para vasculhar os confins do universo conhecido.

#### *Análise da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais simples do paradigma do futuro do presente do modo indicativo empregadas para indicar futuro*

Exemplo nº	Realidade/Irrealidade											Comprometimento	
	Na língua		Ocorrência									Sim	Não
	Assumida	Não assumida	Indeterminável				Determinável						
			Possível		Necessária		Possível		Necessária		Posta		
-	+	-	+	-	+	-	+	-	+				
209	x											x	x
210	x											x	x
211	x											x	x
212	x											x	x
213	x											x	x
214	x											x	x

Todos esses seis exemplos de orações com verbos na forma verbal do futuro do presente expressam com “naturalidade” que a situação referida ocorrerá; segundo nossa análise, as formas verbais dos exemplos (209) a (214) expressam ocorrência assumida na língua e ocorrência no mundo determinável. Como afirmamos acima, são ocorrências independentes da vontade do falante e psicologicamente são entendidas como o transcorrer natural das coisas, tal como se faz com a previsão do tempo. Essa certeza, embora

“neutra”, de que a situação terá ocorrência, expressa um compromisso do enunciador com o seu enunciado, constituindo, portanto, expressão de realidade.

### 3.2.2.b. Futuro do presente expressando crença

Apresentamos e analisamos abaixo exemplos de frases com formas verbais do futuro do presente do indicativo expressando crença.

- (215) Eu **lerei** Os Lusíadas. É um compromisso que tenho comigo mesmo.
- (216) Então o lobo **será** hospede do cordeiro, a pantera se deitará ao pé do cabrito, o touro e o leão comerão juntos e um menino pequeno os conduzirá; (Texto nº 22)
- (217) Quem tiver ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao vencedor **da-rei** o maná escondido e lhe entregarei uma pedra branca, na qual está escrito um nome novo, que ninguém conhece senão aquele que o receber. (Texto nº 05)
- (218) O Brasil continua a pautar-se pela cartilha neoliberal, assim logo **estará** nas mesmas condições trágicas da Argentina.
- (219) Tenho certeza de que o argumento da empresa **será** o tal incentivo a economizar. O.K., mas como faço para reduzir meu gasto, que é em média de 550 kWh, para algo até 220 kWh? (Texto nº 35)
- (220) Eu ainda **farei** uma viagem à Grécia, à Itália e a Israel, terras que constituem 99,9 % do DNA cultural de um ocidental.
- (221) A felicidade **estará** no coração daquele que acreditar.
- (222) O registro de patentes do material genético humano, a longo prazo, **será** um empecilho ao desenvolvimento da própria genética.
- (223) Com a presença na seleção brasileira de futebol, nesta copa do mundo de 2002, de Ronaldo, Ronaldinho e Rivaldo, a taça de pentacampeões mundiais **será** nossa.
- (224) Eu não **serei** um velho rabugento amargurado pela vida.

*Análise da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais simples do paradigma do futuro do presente do modo indicativo empregadas para expressão de situações futuras dependentes crença do falante.*

Exemplo nº	Realidade/ Irrealidade											Comprometimento	
	Na língua		Ocorrência								Sim		
	Assumida	Não assumida	Indeterminável				Determinável						
			Possível	Necessária	Possível	Necessária	Posta						
-	+	-	+	-	+	-	+						
215	x									x	x		
216	x									x	x		
217	x									x	x		
218	x									x	x		
219	x									x	x		
220	x							x			x		
221	x									x	x		
222	x									x	x		
223	x									x	x		

224	x								x	x		
-----	---	--	--	--	--	--	--	--	---	---	--	--

Nesta análise das formas verbais simples do futuro do presente, igualmente às outras análises já feitas para essas formas, notamos o compromisso do falante com o seu enunciado. No entanto, a configuração do instrumento de análise diferencia-se um pouco das demais já conhecidas. Nestas frases, temos a ocorrência na língua assumida e a ocorrência no mundo determinável postas como nos outros casos, mas as colunas da ocorrência no mundo possível e necessária foram marcadas. Isso se deve à manifestação do grau de propósito do falante de que se realize o sentido expresso no enunciado.

Dos exemplos (215) a (224), menos o (220), todos tiveram as formas verbais do futuro do presente do modo indicativo marcadas com o traço de ocorrência no mundo +necessária. Ou seja, o que essas formas estão expressando é mais do que simplesmente um futuro “neutro”, como o expresso nos exemplos de (209) a (214), mas um futuro que é determinado pela vontade ou crença do enunciador. É ele, o enunciador, o agente que determina, resolutivo, que as situações expressas por seu enunciado necessariamente terão realização.

A forma verbal no exemplo (220), diferentemente das outras formas verbais no futuro do presente, usadas para exprimir realizações de situações futuras dependente da crença ou da vontade do falante, não teve o traço da ocorrência no mundo +necessária marcado, mas o traço +possível. A razão dessa diferença, é que, nele, o enunciador expressa no seu enunciado uma crença de que a ocorrência da situação não tem a mesma exigência dos demais exemplos. O falante tem o propósito de fazer uma ação, uma viagem, mas não o interpreta como uma ocorrência necessária, profética, o tem como um desejo que espera ser realizado. É importante chamarmos a atenção, neste exemplo, para a ancoragem do sentido da forma verbal pelo advérbio “ainda” que, de certa forma, torna menor o compromisso com a realização da situação, embora a forma verbal continue expressando vontade.

Como vimos, a expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais do futuro do presente exprimindo vontade e intenção se dá de modo um pouco diferente dos seus outros empregos. Todos esses dez exemplos, de (215) a (224), expressam realidade, mas não da mesma maneira que os anteriores. Neste emprego, embora tenhamos, igualmente

àqueles, ocorrência da situação assumida na língua e ocorrência no mundo determinável posta, também contamos com ocorrência no mundo necessária e possível.

Esse caráter novo acrescenta nuances distintas à realidade expressa pelas formas verbais. Segundo o princípio que adotamos neste trabalho, apresentado ao fazermos a explanação do instrumento de análise utilizado na pesquisa, as formas verbais que têm assinalado o traço +necessário apresentam um grau maior de realidade do que as que têm o traço +possível. Assim sendo, nesse caso particular de emprego das formas do futuro do presente, nos deparamos com uma gradação da expressão da realidade.

### 3.2.2.c. Futuro do presente como imperativo

Apresentamos e analisamos abaixo exemplos de frases com formas verbais do futuro do presente do indicativo usadas como um imperativo.

- (225) O Senhor disse a Moisés e a Aarão: “Este mês **será** para vós o princípio dos meses: tê-lo-eis como o primeiro mês do ano. (Texto nº 16)
- (226) Quando o Senhor te houver introduzido na terra dos Cananeus como ele te jurou a ti e a teus pais, e te houver dado esta terra, **consagrarás** ao Senhor todo primogênito; mesmo os primogênitos de teus animais, os machos, serão do Senhor. (Texto nº 16)
- (227) Não **cobiçarás** a casa do teu próximo: não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem seu escravo, nem sua escrava, nem seu boi, nem seu jumento, nem nada do que lhe pertence. (Texto nº 16)
- (228) O número de deputados à Assembléia Legislativa **corresponderá** ao triplo da representação do Estado na Câmara dos Deputados e, atingindo o número de 36, será acrescido de tantos quantos forem os Deputados Federais acima de doze. (Texto nº 09)
- (229) O Estado **promoverá** programas de assistência integral à saúde da criança e do adolescente, admitida a participação de entidades não governamentais e obedecendo aos seguintes preceitos: ... (Texto nº 10)

*Análise de expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais simples do paradigma do futuro do presente do modo indicativo empregadas para expressão de situações futuras com valor imperativo.*

Exemplo nº	Realidade/Irrealidade											Comprometimento	
	Ocorrência												
	Na língua		No mundo									Sim	Não
	Assumida	Não assumida	Indeterminável				Determinável						
Possível			Necessária		Possível		Necessária		Posta				
-	+	-	+	-	+	-	+	-	+				
225	x										x	x	x

226	x								x	x	x	
227	x								x	x	x	
228	x								x	x	x	
229	x								x	x	x	

No caso das formas verbais simples do futuro do presente do indicativo com valor imperativo, observamos que a configuração da análise das frases no quadro analítico é semelhante àquela anterior, em que as formas de futuro expressam vontade do falante. Poderíamos até mesmo dizer que esta classificação seria uma subclasse daquela, já que aqui também há expressão da vontade de um sujeito; nos exemplos apresentados, este sujeito é representado por Deus e pelo Estado. O que há de diferente aqui é que essa vontade é institucional, tem estatuto de lei e a forma do verbo encontra-se sempre em terceira pessoa, enquanto aquela outra não é lei e não está restrita a uma só pessoa: é uma vontade cuja pretensão de tornar-se realidade não é uma ordem a ser cumprida, mas uma necessidade.

Quanto à expressão da realidade ou irrealidade, é evidente que por se assemelhar ao uso das formas de futuro do presente com o sentido de vontade, as formas verbais com aceção de ordem, expressam realidade. No instrumento de análise, todos os exemplos tiveram o traço de ocorrência +necessária assinalado, significando que a situação expressa tem que ser realizada. Neste caso não se pode marcar nenhum traço da possibilidade, já que essas leis/ordens não são facultativas, não há lugar, portanto, para gradação da realidade.

### 3.2.2.d. Futuro do presente como expressão de possibilidade

Apresentamos e analisamos abaixo exemplos de frases com formas verbais do futuro do presente do indicativo expressando possibilidade.

(230) E o marruás crioulo, esse ali cor de canela, do pêlo arrepiado, que assusta até com o batido de rabo dos outros... Pois eles dois hão de querer escapulir, e é um perigo os outros estourarem atrás. Aquele camurça, de focinho preto até por dentro das ventas, está cego de um olho...

\_\_ **Estará** mesmo?

\_\_ Agaranto. Olha agora: todos estão gostando de bater nele, da banda cega.” (Texto nº 27)

- (231) O delito já ocorreu há pelo menos dois dias, a esta hora o assassino **estará** bem longe da cena do crime.
- (232) **Terá** trinta ou quarenta anos que meu pai, um nordestino, não visita sua terra natal.
- (233) **Estaremos** aprendendo na prática, acredito, o que significa globalização para os países mais pobres, agora que o presidente dos Estados Unidos levanta barreiras alfandegárias contra o aço brasileiro, reconhecidamente de qualidade muito superior ao aço americano?
- (234) Maria ainda é muito bonita, mas ela já **terá** passado dos sessenta anos.
- (235) O Brasil **estará** preparado para um disputa com os canadenses na OMS?
- (236) Aquele monstro devasso **andar**á ainda por aí com suas filhas-esposas. O demônio lhes é companheiro.
- (237) Não acredito que o velho Elias, o terror da minha infância, **viver**á ainda.
- (238) Agora doces sonhos **estar**ão nascendo no coração dos homens.
- (239) **Ser**á verdade que na morte os homens se igualam?
- (240) **Ser**emos uns poucos dinossauros os que ainda acreditamos que o amor resgata o homem de sua mesquinhez.

**Análise da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais simples do futuro do presente do modo indicativo empregadas para expressão do sentido de possibilidade.**

Exemplo nº	Realidade/Irrealidade											Comprometimento		
	Ocorrência										Sim			Não
	Na língua		No mundo											
	Assumida	Não assumida	Indeterminável				Determinável							
			Possível		Necessária		Possível		Necessária			Posta		
-			+	-	+	-	+	-	+					
230		x	x											x
231		x		x										x
232		x		x										x
233		x	x											x
234		x		x										x
235		x	x											x
236		x		x										x
237		x		x										x
238		x		x										x
239		x	x											x
240		x		x										x

Um exame do instrumento de análise nos apresenta uma configuração das orações com formas verbais no futuro do presente, com acepção de possibilidade, bem diversa dos outros empregos dessas mesmas formas. Em todos os demais empregos já analisados dessas formas verbais, os exemplos se constituíam em orações que resultavam em compromisso do falante com a ocorrência da situação, uma vez que eram sempre assumidas lingüisticamente; além da ocorrência no mundo ser determinável e no mínimo necessária. Agora, a configuração é outra.

Em primeiro lugar, nas orações com verbos nas formas do futuro do presente expressando possibilidade, diferentemente dos outros empregos dessas formas verbais, as

situações não têm ocorrência assumida na língua. A sinalização no quadro da coluna “Ocorrência na língua não assumida” já nos seria suficiente para demonstrar analiticamente o “status” diferenciado desse emprego dessas formas do futuro do presente em relação aos seus outros empregos. Essa única manifestação já é um indício de que para tais casos não é possível a expressão de realidade, um traço comum a todos os outros usos das formas verbais do futuro do presente do indicativo já estudadas.

Quanto aos traços da ocorrência no mundo, observamos que não há nenhum caso em que tenha sido assinalada a opção da ocorrência determinável posta. Esse é mais um caráter da indefinição expressa pelas formas verbais nas orações analisadas. Conseqüentemente, os campos da coluna do instrumento de análise relativa à ocorrência no mundo indeterminável foram marcados para todos os exemplos analisados.

Com efeito, uma vez que, em nosso instrumento de análise, as opções de ocorrência na língua assumida e ocorrência no mundo determinável não foram sinalizados em nenhuma das orações com formas verbais no futuro do presente com sentido de possibilidade, o que temos para todas as frases analisadas com o emprego dessas formas verbais é expressão de irrealidade. Assim, a configuração das frases no instrumento de análise que acabamos de verificar, ao determinar a expressão de irrealidade, apresenta como consequência o não compromisso do falante com o seu enunciado.

Retornando ao instrumento de análise, vemos que, além das frases terem os campos da coluna de ocorrência no mundo indeterminável assinalados, têm também os campos da coluna de ocorrência no mundo possível. O acréscimo do traço de possibilidade amplia o significado expresso pela forma verbal: ela não expressa apenas um sentido vago e imponderável de realização da situação, a marca de possibilidade dá uma direção ao significado determinado pela forma verbal. O sentido expresso pela forma verbal não é mais apenas um quê indefinível, mas está investido de uma força para a realização.

Examinando, ainda, no instrumento de análise, a coluna da possibilidade, observamos que em diferentes casos, os seus dois campos, +possível e –possível, foram marcados, respeitando, é claro, o critério já estabelecido de que, na análise da forma verbal, os dois traços da possibilidade não podem ser marcados ao mesmo tempo. Isso demonstra a presença de diferentes graus de possibilidade expressos pelas formas verbais do futuro do presente do indicativo, o grau maior ou menor de possibilidade de realização da

situação resulta, ao final da análise das frases, numa avaliação da expressão da irrealidade como uma escala em que as frases são classificadas em mais reais ou menos reais.

Pelos dados que obtivemos em nossa pesquisa, não é possível, no caso da irrealidade nem no da realidade, estabelecer uma escala absoluta do que seria mais ou menos real/irreal na língua, devido às nuances de significado que os lexemas verbais e as pessoas gramaticais podem apresentar. Elas se perdem em distinções às vezes insondáveis, podendo não ser as mesmas para dois falantes diferentes da língua, e, em última instância, também contribuem para a expressão de realidade e irrealidade do conjunto. O que é possível construir, para o uso das formas verbais do futuro do presente do indicativo que estamos analisando, é uma escala de mais/menos realidade/irrealidade relativa.

Voltando ao instrumento de análise, gostaríamos de esclarecer os critérios em que nos pautamos, especificamente, para a marcação dos dois níveis de ocorrência no mundo possível das formas verbais do futuro do presente do indicativo com sentido de possibilidade. Observamos que os exemplos (231), (232), (234), (236), (237), (238) e (240) tiveram o campo +possível assinalado. Escolhemos essa opção, porque todos se tratam de orações declarativas e a possibilidade é admitida positivamente, ou seja, a possibilidade existe como algo factual. No caso dos exemplos (230), (233), (235) e (239) a opção escolhida foi a de –possível. Fizemos essa escolha, porque todos esses quatro exemplos se constituem de frases interrogativas e diferentemente das frases declarativas, nelas a possibilidade não é admitida positivamente, antes é posta em questão. Dessa forma a possibilidade não é alguma coisa que se admite poder acontecer, mas é algo controverso, portanto menos possível. Nestes exemplos, o contexto lingüístico interrogativo tem influência determinante na interpretação da gradação da irrealidade expressa pelas formas verbais do futuro do presente.

### **3.2.2.e. Futuro do presente e a sua expressão de realidade e irrealidade**

Estando já expostos os empregos das formas verbais simples do futuro do presente do indicativo, podemos apresentar um quadro comparativo da expressão de realidade e irrealidade apresentada por seus diferentes empregos. Com acepção de futuro, categoria de tempo, encontramos expressão de realidade pura, não identificamos, portanto, nenhu-

ma gradação possível em sua expressão, já que o que se tem como pressuposto para ele é a sua ocorrência certa. Quando é manifestação da vontade ou crença do falante, já encontramos uma certa gradação na expressão da realidade, porque a vontade e a crença podem se mostrar com mais ou menos ênfase, com maior ou menor convicção. Quando as formas verbais do futuro do presente têm valor de imperativo a expressão é obviamente de realidade, já que o falante manifesta a sua intencionalidade em toda sua força. Admitimos, no entanto, que na linguagem falada, é possível haver expressão de mais ou menos realidade, dependendo da ênfase dada à ordem, que pode ir da aparente sugestão à manifestação de ira, perceptíveis através do tom de voz.

Finalmente, quando as formas verbais do futuro do presente têm aceção de possibilidade, elas expressam apenas irrealidade, pois não há nada de certo indicado por elas. Nessa última aceção encontramos ainda uma gradação na expressão da irrealidade, identificada nas frases declarativas e interrogativas, em que a possibilidade varia de algo factual, em que há confiança na realização da situação, a algo em que a situação não tem indicação de ocorrência, apresenta-se mais como desconfiança.

O que mais nos chama a atenção no emprego das formas verbais do futuro do presente do indicativo é a sua instabilidade, que resulta no seu emprego em aceções diversas e até divergentes. É notável que essas formas possam variar da expressão de realidade mais real à irrealidade mais irreal.

### 3.2.3. Futuro do pretérito

#### 3.2.3.a. Futuro do pretérito com valor temporal

Apresentamos e analisamos abaixo exemplos de frases com formas verbais do futuro do pretérito do indicativo com valor temporal.

- (241) Depois de ter dançado a noite inteira, Manoel, um cardíaco pouco cuidadoso, **morreria** nas mãos da esposa.
- (242) Após Jeová ter afligido os egípcios com todo o tipo de desgraças, Moisés **atravessaria**, de pés secos, o mar Vermelho.

- (243) A entrega do prêmio de campeão do rodeio **consolaria** o peão por pelo menos um mês.
- (244) Em setembro de 1987, poucos dias após a morte de sua única filha, o poeta Carlos Drummond **morreria** também.
- (245) Os espanhóis chegaram à América em 1492, pouco tempo depois sua ganância **faria** grandes e extraordinárias civilizações desaparecerem.

**Análise da expressão de realidade e de irrealidade pelas formas verbais simples do paradigma do futuro do pretérito do modo indicativo empregadas para expressão temporal de situações.**

Exemplo nº	Realidade/ Irrealidade											Comprometimento	
	Ocorrência										Sim		
	Na língua		No mundo										
	Assumida	Não assumida	Indeterminável				Determinável						
		Possível		Necessária		Possível		Necessária		Posta			
		-	+	-	+	-	+	-	+				
241	x											x	x
242	x											x	x
243	x											x	x
244	x											x	x
245	x											x	x

Nos exemplos que apresentamos das formas verbais simples do futuro do pretérito com sentido temporal, podemos observar que a maioria vem ancorada em referência temporais, tais como “depois” e “antes”, entre outros. Sem a ancoragem de marcas temporais as formas verbais passam a ter interpretação dupla, como é o caso do exemplo (243), que não se sustenta em ancoragem de marcas temporais. Nesse exemplo, a interpretação da forma verbal do futuro do pretérito como expressão de tempo depende de um pouco de boa vontade, já que em seu contexto ela está livre para expressar outros sentidos. De qualquer maneira, estamos considerando todos os exemplos, de (241) a (245), com ancoragem ou sem ancoragem temporal, como expressão de uma ocorrência no passado posterior a outra ocorrência também passada.

Quanto à expressão de realidade e irrealidade, observamos, no instrumento de análise, uma mesma configuração para as formas verbais das cinco frases: ocorrência assumida na língua e ocorrência no mundo determinável posta, com conseqüente comprometimento do falante com a ocorrência da situação. Com este resultado da análise das formas verbais do futuro do pretérito com sentido apenas de futuro do passado temos, portanto, uma expressão de realidade.

### 3.2.3.b. Futuro do pretérito como referência a situações que são posteriormente a outras situações narradas

Apresentamos e analisamos abaixo exemplos de frases com formas verbais do futuro do pretérito do indicativo fazendo referência a situações que se encontram posteriormente a situações narradas. Estamos nos referindo aqui apenas à ordenação das situações num texto narrativo, sem levarmos em consideração a sua ocorrência real, diferentemente do item 3.2.3.a. em que ela foi levada em conta.

- (246) O marido traído jurou que se **vingaria** de sua mulher.  
 (247) O juiz informou que **chegaria** atrasado.  
 (248) O padre sonhou que **seria** nomeado bispo.  
 (249) O viajante chegou tarde e comunicou que se **levantaria** cedo.  
 (250) São Francisco revelou ao seu rico pai que **seria** um pobre para servir a Cristo.  
 (251) Ao dar uma entrevista, o assaltante disse que não **mataria** os reféns.

*Análise da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais do paradigma do futuro do pretérito do modo indicativo usadas para fazer referência a situações que textualmente se encontram posteriormente a outras situações narradas.*

Exemplo nº	Realidade/ Irrealidade										Comprometimento	
	Ocorrência											
	Na língua		No mundo									
	Assumida	Não assumida	Indeterminável				Determinável					
		Possível		Necessária		Possível		Necessária		Posta		
		-	+	-	+	-	+	-	+			
246	x							x			x	x
247	x							x			x	x
248	x							x			x	x
249	x							x			x	x
250	x							x			x	x
251	x							x			x	x

É importante observar que esses exemplos de formas verbais simples do futuro do pretérito do indicativo, ao se fazer referência a situações que são posteriormente a outras situações narradas, fazem parte de orações subordinadas substantivas. Como tal, os sentidos das formas verbais do futuro do pretérito acabam sendo bastante influenciados pelo valor lexical dos verbos da oração principal, o que pode, em última instância, ser um fator a contribuir na sua expressão de realidade ou irrealidade. No entanto não nos detivemos nas nuances de significado dos verbos das orações principais, embora tenhamos tido o cuidado de não usar exemplos com modais epistêmicos, pois eles mudariam completa-

mente o sentido expresso pelas formas verbais das orações subordinadas. Pelo mesmo motivo, também não foram usados exemplos com modais epistêmicos nas orações subordinadas.

Quanto ao resultado da análise das formas verbais do futuro do pretérito do indicativo empregadas para se fazer referência a situações que textualmente se encontram posteriormente a outras situações narradas, podemos observar que é parcialmente semelhante ao obtido com essas formas empregadas para expressão de situações com sentido temporal de futuro do passado. A ocorrência na língua é assumida e a ocorrência no mundo é determinável posta. Entretanto, a análise nos levou a concluir que a coluna referente à ocorrência no mundo +possível também deveria ser assinalada. Isso, porque, as situações estão projetadas para ocorrerem após o momento da referência, encontrando-se no campo do possível.

Dessa maneira, as formas verbais do futuro do pretérito do indicativo, neste caso, expressam realidade, porque tivemos ocorrência das situações na língua assumida e ocorrência no mundo determinável posta, com conseqüente comprometimento do falante com a ocorrência da situação. Porém o grau de expressão de realidade dessas formas é menor que as do emprego anterior, pois nestas a situação ainda não se deu, enquanto naqueles elas já foram realizadas, sendo, portanto, mais reais que estas.

Só o contexto pode diferenciar esses dois empregos do futuro do pretérito, vejamos o exemplo (252):

(252) O marido **mataria** a esposa e depois se suicidaria.

Assim, isolado como está, não é possível dizer se essa frase se refere a um caso acontecido ou a uma possibilidade. É necessário que mais informações sejam acrescentadas para que seja possível determinar o tipo de emprego das formas do futuro do pretérito:

(253) Ouvindo os gritos na casa dos recém-casados, os vizinhos chamaram a polícia, mas antes que tivesse chegado, o marido **mataria** a esposa e depois se **suicidaria**.

(254) Conhecendo o vizinho, Antônio tinha certeza que o marido **mataria** a esposa e depois se **suicidaria** logo que soubesse que estava sendo traído por ela.

Em (253) temos a narração dos fatos, como se eles tivessem acontecido. Em (254) temos a projeção de uma situação possível, segundo uma lógica conhecida pela personagem Antônio. Em ambos os casos encontramos empregos das formas do futuro do pretérito para fazer referência a situações que textualmente se encontram posteriormente a outras situações narradas. No exemplo (253) as situações já aconteceram, enquanto em (254) elas são possíveis/prováveis conseqüências de um estado de coisas, mas ainda não se deram no momento da fala.

Como pudemos observar, não é possível apenas com as formas verbais do futuro do pretérito sozinhas diferenciar a significação de realização ou não realização de uma situação. O contexto é que determina como será interpretada a forma verbal, agregando a ela outros valores semânticos.

### 3.2.3.c. Futuro do pretérito em orações condicionais

Nosso objetivo neste momento não é um estudo pormenorizado das orações condicionais, mas analisar formas de futuro do pretérito que podem estar em sua estrutura. Como já vimos, a epistemização das formas do futuro do pretérito do indicativo possibilita valores derivados por inferência dos diversos tipos de contextos. Nos deteremos a partir daqui a analisar a realidade ou irrealidade expressas por tais valores dessas formas. Vamos primeiro nos ocupar com formas do futuro do pretérito constituintes de orações condicionais.

- (255) Se os chimpanzés tivessem consciência, se fossem capazes de abstrações, não **deveriam ter** o que até agora tem sido descrito como ‘direitos humanos? (Texto nº 26)
- (256) A noção política de Terceiro Mundo foi produzida em grande medida graças à existência da União Soviética; se ela não existisse, não **haveria** essa idéia política. (Texto nº 30)
- (257) Se a morte fosse boa, não **seria** um castigo dado por Deus à raça humana por Adão ter comido a maçã proibida do Jardim do Éden.
- (258) Se os Judeus refletissem um pouco e lembrassem de seu tormentoso passado não **cometeriam** as atrocidades que têm cometido contra os palestinos.
- (259) Se os livros acabassem, eu me **entristeceria** muito por não poder sentir o prazer de cheirar as suas páginas.
- (260) Se o prefeito de Uberlândia quisesse se reeleger, **cuidaria** melhor do transporte urbano, pois é nele que andam os seus eleitores.

- (261) Se os pais não fossem desajustados, **teriam** filhos desajustados?  
 (262) Se Machado de Assis morresse por volta dos quarenta anos, não se **transformaria** no grande escritor em que se transformou.  
 (263) Se amanhã fizesse sol eu **iria** à festa.  
 (264) Se você corresse alguns dias, **ficaria** com boa preparação física.  
 (265) Se a universidade pública cobrasse mensalidades de seus alunos, **perderia** o seu caráter de serviço social.  
 (266) Se eu tivesse dinheiro, **faria** uma viagem de férias à Grécia.  
 (267) Se a cozinheira fizesse um bolo, eu o **comeria** todo.

*Análise da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais simples do paradigma do futuro do pretérito do modo indicativo em orações subordinadas condicionais.*

Exemplo nº	Realidade/Irrealidade											Comprometimento		
	Na língua		Ocorrência											
	Assumida	Não assumida	Indeterminável				Determinável					Sim	Não	
			Possível		Necessária		Possível		Necessária		Posta			
		-	+	-	+	-	+	-	+	-	+			
255		x			x									x
256	x									x	x	x		
257	x									x	x	x		
258		x	x											x
259		x	x											x
260		x	x											x
261		x	x											x
262	x									x	x	x		
263		x	x											x
264		x	x											x
265		x	x											x
266		x	x											x
267		x	x											x

Embora tenhamos visto que as formas verbais de futuro do pretérito do indicativo tenham se modalizado epistemicamente devido à sua natureza semântica de deixar a realização da situação em aberto e por estarem historicamente tão relacionadas às orações condicionais, a ponto de se tornarem elas mesmas objeto privilegiado de estudo, analisar, nas orações condicionais, a expressão da realidade e da irrealidade destas formas verbais separadas de todo o conjunto da oração não é tarefa muito fácil.

Todas as orações condicionais, de (255) a (267), são exemplos de modalização epistêmica, porque expressam algum tipo de opinião sobre a ocorrência de situações no mundo. No entanto, em alguns exemplos, o grau de possibilidade de ocorrência das situações é maior do que em outros, havendo mesmo casos em que é de cem por cento, como em (262), que é um fato histórico, e, portanto, não é apenas uma opinião. A oração (256)

também pode ser considerada como expressando um alto grau de possibilidade de ocorrência, já que, como cientista da Geografia Humana, o seu autor, o geógrafo Milton Santos, pode estar apresentando idéias já aceitas cientificamente, mas também pode estar dando uma opinião pessoal, que, nesse caso, teria menos probabilidade de ocorrência. Já em (264), as chances de ocorrência são aparentemente menores, parece que estamos frente a uma opinião bem descompromissada. Em (257), contamos com a mera opinião, cuja verificação da ocorrência da situação é impossível, já que se trata do mundo intangível da crença. Em (266), entendemos que o falante não tem, ou muito dificilmente terá dinheiro para uma viagem à Grécia, e em (267) podemos estar diante de uma possibilidade “Se a cozinheira fizesse um bolo”, mas dependendo das circunstâncias essa oração poderia ser empregada como um pedido.

Por ser assim tão variado o grau de possibilidade de realização das situações expressas pelas formas verbais do futuro do pretérito do indicativo nas orações condicionais e por terem todas elas a mesma estrutura sintática fundamental de oração condicionante e oração condicionada, não podemos imputar-lhes a responsabilidade de tamanha variação. Parece não ter fundamento fazer uma afirmação desse tipo ao nos confrontarmos com os dados desta pesquisa. A nosso ver, esses dados nos apresentam argumentos suficientes para afirmar que apenas os assuntos sobre os quais se fazem condições e seus contextos é que permitem avaliar o grau de possibilidade de realização de uma situação.

Assim, nossas análises da expressão de realidade e irrealidade das formas verbais de futuro do pretérito do indicativo pelas orações condicionais têm que levar em conta, necessariamente o conteúdo do assunto e seu contexto. Como a configuração de um contexto é dependente de inúmeras variáveis, não temos condições de medir em nosso quadro analítico muitas das possíveis nuances de realidade ou irrealidade que essas formas verbais podem expressar e que são devidas a essas variáveis. De qualquer maneira, é possível uma análise, ainda que não tão fina quanto se poderia desejar.

A oração (255) é uma interrogação, o exemplo, no todo, é uma dúvida, portanto. A oração em si é uma hipótese defendida por seu autor, mas como se trata de uma interrogação, ele não assume diretamente o seu argumento, cujo verbo está no futuro do pretérito; por isso no instrumento de análise marcamos a coluna de ocorrência não assumida na língua, com conseqüente indeterminação da ocorrência no mundo; marcamos também a ocorrência no mundo –necessária, uma vez que o verbo *dever*, que é um modal deôntico

está epistemizado pela forma do futuro do pretérito. Essa configuração do quadro resulta em expressão de irrealidade pela forma verbal.

A oração (256) é uma opinião, mas é uma opinião em que o falante crê plenamente no que diz, e, portanto, está assumindo seu enunciado. Embora a oração principal tenha uma forma de futuro do pretérito simples, parece que a que melhor expressaria o sentido de ocorrência passada e da certeza do autor seria a de futuro do pretérito composto, assim: “Se a USSR não tivesse existido, não teria havido a noção de terceiro mundo”. Para a nossa análise, a ocorrência da situação na língua é assumida, a ocorrência no mundo é +necessária, devido à crença do falante na necessidade de existência da situação (existência da URSS), e a ocorrência no mundo é posta, pois o falante trata de um fato ocorrido. Por essa configuração do quadro analítico, só podemos concluir que a forma do futuro do pretérito, nesta situação particular, expressa realidade.

Na oração (257), temos também uma opinião, e, como no exemplo anterior, o falante crê no que diz, portanto assume seu enunciado. Nela poderíamos utilizar, como no exemplo anterior, a forma verbal do futuro do pretérito composto, que estabeleceria a situação como um fato realizado. A configuração do quadro analítico é igual à anterior, resultando, então, em expressão de realidade pela forma verbal.

A configuração que nossa análise deu ao quadro analítico das formas verbais do futuro do pretérito do indicativo das orações de número (258) a (260) foi a mesma, embora concordemos, que é possível ter outras configurações, dependendo de como sejam vistas. Por se tratarem todas elas de opiniões que poderiam ser um pouco mais ou um pouco menos possíveis de ocorrerem, sem, no entanto, ser possível quantificar esse “pouco mais, pouco menos”, concluímos pela ocorrência na língua não assumida, ocorrência no mundo indeterminável e –possível, devido a um certo descrédito na ocorrência das situações. Ao apresentar esse descrédito na ocorrência da situação expressa pela forma verbal do futuro do pretérito, o falante não se compromete com seu enunciado, e conseqüentemente tais formas expressam irrealidade. A análise do exemplo (261) é em tudo semelhante à dos outros vistos neste parágrafo, tendo talvez um grau mais acentuado de irrealidade decorrente da natureza interrogativa da oração.

Para o exemplo (262), o quadro analítico apresenta argumentos em tudo semelhantes aos de (255) e (256), portanto sua forma verbal do futuro do pretérito do indicativo expressa realidade. Os resultados das análises dos exemplos (263) a (267) apresentam

uma configuração do quadro analítico semelhante às configurações dos números (258) a (260), apresentadas no parágrafo anterior, e como tais, suas formas de futuro do pretérito expressam irrealidade.

### 3.2.3.d. Futuro do pretérito independente de orações condicionais

Passamos ao estudo de formas verbais do futuro do pretérito do indicativo que não se encontram em condicionais, embora haja a possibilidade de se postular a existência implícita dessas orações em alguns casos. Uma vez que o contexto e o assunto do texto analisado são tão importantes para a interpretação de nuances de sentidos expressos por essas formas verbais, não fizemos uma análise de cada um de seus possíveis empregos separadamente. Apresentamos os exemplos primeiramente sem classificação, sem procurar enquadrá-los na expressão de probabilidade, dúvida, hipótese, polidez, etc... Ao comentarmos as análises, procuramos esclarecer os seus sentidos, isso porque não é incomum que uma mesma forma possa apresentar mais de um, impossibilitando em muitas circunstâncias uma separação nítida deles.

- (268) **Seria** um prazer, convidá-lo para minha festa de aniversário.
- (269) Você **guardaria** um segredo?
- (270) Alguém, na platéia, **saberia** de alguma novidade, que ainda não sabemos?
- (271) Se deseja saber mais sobre metáforas veja o filme "O Carteiro e o Poeta".  
**Seria** uma bela forma de celebrar a passagem do ano. Você ficaria feliz.  
(Texto nº 03)
- (272) Temos, porém, algumas dúvidas que devem ser esclarecidas e algumas reivindicações que **gostaríamos** de ver atendidas. (Texto nº 31)
- (273) Você **teria** coragem de dormir sobre uma sepultura?
- (274) Você não **teria** coragem de dormir sobre uma sepultura?
- (275) Você não **teria** coragem de dormir sobre uma sepultura.
- (276) **Seria** conveniente que ao invés de criar clones, os homens alimentassem as bocas que já existem.
- (277) Um homem de bom senso não **compraria** um apartamento financiado pela própria construtora.
- (278) **Existiria** algum meio de convencer judeus e palestinos de que suas guerras só aumentam o ódio e não resolvem coisa alguma?
- (279) Porque a beleza é insuportável. Ela desespera-nos, eternidade de um minuto que **desejaríamos** prolongar pelo tempo afora. (Texto nº 03)





ta afirmativa, isso pode ser entendido como polidez ou como um sinal da insegurança do falante. Por isso marcamos a coluna da ocorrência no mundo indeterminável –possível. O emprego da forma verbal nesse tempo faz com que semanticamente o pedido seja quase um não pedido.

A configuração do quadro analítico em (270) é a mesma do exemplo anterior. Marcamos a coluna da ocorrência no mundo indeterminável –possível, pois a forma do futuro do pretérito do indicativo acentua o grau da dúvida que já está implícita na interrogação; isso também pode ser entendido como polidez.

Em (271) marcamos a ocorrência no mundo indeterminável +possível, pois a forma verbal do futuro do pretérito está numa oração que é uma sugestão: o falante não se compromete demais como faria se usasse o presente, mas não se descompromete tanto quanto nos dois exemplos anteriores.

Em (272) marcamos a ocorrência no mundo indeterminável –necessária, pois a forma verbal do futuro do pretérito do indicativo está numa oração que é quase uma ordem, poderíamos dizer que a forma verbal expressa uma polidez tensa. Se a forma verbal fosse o presente, nesse caso o verbo mais apropriado seria “querer”, já não teríamos mais expressão de irrealidade, mas de um alto grau de expressão de realidade, como ocorrência assumida na língua e comprometimento do falante.

A configuração do quadro analítico em (273) é a mesma de (270) e por razões semelhantes. Em (274) também temos a mesma configuração. O uso de um “não” na oração interrogativa expressa uma crença do falante de que o interlocutor não tem coragem de dormir sobre uma sepultura, mas ao questioná-lo, usando a forma do futuro do pretérito do indicativo, o coloca numa situação hipotética para comprovar o que já acha que sabe.

Os exemplos (275), (276) e (277) apresentam a mesma configuração no quadro analítico: ocorrência no mundo indeterminável –necessária. As razões são as mesmas: as formas verbais do futuro do pretérito do indicativo relativizam os sentidos das três orações como um todo, que, sendo declarativas, tendem a expressar certeza/necessidade de que as situações sejam verdadeiras. Ao usar essas formas verbais, o falante, embora mantenha sua crença original, já não apresenta seu enunciado como uma certeza, mas como altamente provável.

A configuração do quadro analítico dos exemplos (278), (280), (284) e (286) são iguais a (269), (270), (273) e (274) por razões semelhantes. Excluindo o (280), os outros são orações interrogativas, que é como buscamos respostas para o que não sabemos e na Língua Portuguesa são identificadas principalmente pela entonação. Nesses exemplos “existiria”, “destacaria” e “integraria” são formas que acentuam a dúvida já expressa pela pergunta e podem ser também entendidas como forma polida de se interrogar. No exemplo (280), mesmo a oração sendo afirmativa, não há nela nenhuma pretensão de certeza; é a própria forma verbal que apresenta o que se supõe como uma possibilidade distante, sem nenhum interesse de confirmação.

Os exemplos (279), (282), (285), (287), (288), (289) e (290) apresentaram as mesmas configurações no quadro analítico, tendo a coluna +possível assinalada, assim como também os exemplos (268) e (271) que já analisamos. Essa opção foi assinalada porque em todos essas frases afirmativas, as formas do futuro do pretérito expressam possibilidade de ocorrência das situações em alto grau, embora não expressem necessidade de ocorrência. O falante apresenta um certo grau de compromisso com a ocorrência do que diz, mas é apenas um compromisso relativo.

Os exemplos (281) e (283) tiveram a coluna da ocorrência no mundo indeterminável –necessário marcada. Nesses exemplos, as formas verbais do futuro do pretérito do indicativo se encontram em frases cujo sentido geral é o de uma opinião em que o falante se apresenta bastante convencido do que diz. No entanto, por usar essa forma verbal, o seu juízo fica atenuado, mas, mesmo assim, ainda expressa uma necessidade razoável de que a ocorrência se dê.

Fica patente, depois da análise de todos esses exemplos de frases com formas verbais simples do futuro do pretérito do indicativo, que elas apresentam um valor nuclear de uma possibilidade geral, talvez de contingência seja o mais apropriado, porque contingência significa possibilidade de que haja ou não a ocorrência de uma situação. Esse valor é atualizado em cada oração particular; num momento, tendendo mais para a ocorrência, num outro, para a não ocorrência. Para isso, há uma concorrência, como já foi observado anteriormente, de toda a estrutura, entonação e contexto da oração.

Por causa desta complexidade, o estudo da expressão de realidade e de irrealidade pelas formas verbais simples do futuro do pretérito do indicativo, nos termos que propusemos no início deste trabalho, revela inúmeras nuances, muitas vezes difíceis de especi-

ficar. No quadro analítico, foi possível captar um pouco desta variabilidade, o que já é suficiente para podermos afirmá-la.

Uma última observação faz-se necessária. Mesmo tendo as formas verbais do futuro do pretérito do indicativo natureza diferente das formas verbais do futuro do presente do indicativo, é conveniente observarmos certas semelhanças na expressão de realidade e irrealidade por elas. Embora Bybee et al. (1994) não façam um estudo do futuro do pretérito, podemos perceber que certos valores modais que se apresentam nas formas de futuro estudadas por eles também estão presentes nestas em grau ainda mais elevado. Aliás, é bastante sintomático que a análise de Bybee et al. (1994) não contemple a forma verbal “futuro do passado”, já que a maior parte do que em Português e outras línguas pode ser expresso por essas formas verbais do modo indicativo, em inglês, língua materna dos autores, é expresso por verbos modais.

### 3.2.4. Pretérito imperfeito

#### 3.2.4.a. Pretérito imperfeito com valor temporal

Apresentamos e analisamos abaixo exemplos de frases com formas verbais do simples do pretérito imperfeito do modo indicativo empregadas com valor temporal:

- (291) Estêvão meteu a mão nos cabelos com um gesto de angústia; Luís Alves sacudiu a cabeça e sorriu. **Achavam-se** os dois no corredor da casa de Luís Alves, à rua da Constituição. (Texto nº 25)
- (292) No passado social de São Paulo, houve grupos de humildes imigrantes, idealistas e sensíveis, que **preconizavam** um mundo novo, no qual o cruzamento entre a competência e a oportunidade social deveria ser um procedimento normal e uma verdade funcionante. (Texto nº 01)
- (293) Mais tarde, no meio do século, educadores outros – em uma conjuntura social menos desigual e caótica – **apregoavam** caminhos diferentes, igualmente simplistas, para a funcionalidade das sociedades democráticas. (Texto nº 01)
- (294) Quando Carlos era criança, **gostava** de ver borboletas no jardim. Seu pai ficava preocupado com aqueles “modos de menina”.



299	x									x	x	
300	x									x	x	
301	x									x	x	
302	x									x	x	
303	x									x	x	
304	x									x	x	
305	x									x	x	
306	x									x	x	
307		x		x								x
308		x		x								x
309		x	x									x

No quadro analítico, vemos que na análise da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais simples do pretérito imperfeito do indicativo, empregadas com valor temporal, há uma grande regularidade. Os diversos empregos dessas formas verbais não provocam muita variabilidade, dos dezoito exemplos analisados apenas três se diferenciam, e, assim mesmo, acreditamos que esses sejam casos especiais.

Do exemplo (291) ao (306) e (308) a configuração das formas verbais no quadro analítico é a mesma: ocorrência assumida na língua, ocorrência no mundo determinável posta, resultando em comprometimento do falante com a ocorrência das situações. A negação nos exemplos (305) e (306) não influi na classificação da expressão de realidade e irrealidade, pois a negação apresenta as situações como tendo não ocorrências no mundo determinável posta. Com essa configuração do quadro analítico, podemos concluir que nesses exemplos essas formas verbais do pretérito imperfeito do indicativo expressam realidade.

As gramáticas apresentam diferentes empregos para o pretérito imperfeito do indicativo, Cunha (1985: 432-3) apresenta cinco, que poderíamos dizer que são empregos dessa forma verbal com sentido temporal:

- a) presente do passado;
- b) ações simultâneas;
- c) ação passada habitual ou repetida;
- d) fatos passados concebidos como contínuos ou permanentes;
- e) para situar vagamente no tempo contos lendas e fábulas (Verbo ser existencial).

Em nossa opinião, os itens d) e e) poderiam ser reunidos num só. No entanto, parece-nos que, na maioria das vezes, só é possível definir esses empregos apenas se nos detivermos no sentido das orações, em que estão as formas verbais, como um todo. Além

do mais, é possível haver interpretações com valores diferentes para uma mesma forma verbal de uma oração.

Acreditamos que todas as formas verbais do pretérito imperfeito do indicativo, nesses exemplos analisados, podem ser consideradas como presente do passado, já que estabelecem o “background” onde outras situações ocorrem. Nos exemplos (292), (294) a (299) a forma verbal se encontra em orações que se referem a situações simultâneas, mas ao mesmo tempo os exemplos (292), (294), e (297) se referem a situações habituais. Habituais também podem ser considerados os exemplos de número (300), (301), (303) e (306).

O número (307) e se diferencia dos outros porque neles a forma verbal do pretérito imperfeito do indicativo não expressa realidade, mas irrealidade. A expressão “era uma vez” já é uma forma cristalizada para iniciar histórias e fábulas infantis; é uma espécie de passaporte para entrar no mundo irreal da fantasia. A construção “agora eu era...” da música João e Maria de Chico Buarque também é uma fórmula para simulações em brincadeiras infantis e para relatar sonhos. Nesses casos, o pretérito imperfeito do verbo ser é usado para expressar um não tempo. Quando usado em simulações em brincadeiras infantis, o pretérito imperfeito perde a sua função de “background” temporal para uma espécie de “background” onde se estabelecem os mundos imaginários que são teatralizados.

No número (309) encontramos, numa frase interrogativa, um jogo que se faz com a forma verbal do pretérito imperfeito, que mesmo continuando a ter significado de passado é usado numa situação presente. Esse jogo faz com que a forma verbal expresse irrealidade, porque ela acentua o valor de contingência da frase interrogativa. Parece-nos, neste exemplo, que a forma verbal está expressando um sentido de transição entre um valor temporal e um não temporal.

Acreditamos que os exemplos apresentados confirmam que as formas verbais do pretérito imperfeito do indicativo, sozinhas, não são capazes de determinar se as situações são simultâneas, habituais ou permanentes; esse é um papel desempenhado pelo sentido da frase como um todo. O que vemos nas formas verbais do pretérito imperfeito do indicativo é o aspecto imperfectivo, em que as situações são percebidas como incompletas; o contexto dá conta do resto. Isso se aplica mesmo ao “Era uma vez...”, pois a forma verbal se encontra numa construção já cristalizada na Língua Portuguesa. O que mais podemos dizer das formas verbais do pretérito imperfeito com sentido temporal é

que têm função de “background”, quando usadas para se referirem a um tempo em que as situações se desenvolvem, constituindo um pano de fundo para episódios que ocorrem.

### 3.2.4.b. Pretérito imperfeito em orações condicionais

Apresentamos e analisamos abaixo exemplos de frases com formas verbais do pretérito imperfeito do indicativo presentes em orações condicionais.

- (310) Bomba! Bomba! Macaco Simão Emergência! Se acordar cedo desse dinheiro, passarinho já **tava** milionário. (Texto nº 17)
- (311) Acho-a bonita e nada mais. Aquilo foi um lançar barro à parede; se aceitasse, **casava-me**; não aceitou... (Texto nº 25)
- (312) Se eu fosse rico, **fazia** uma viagem de vez em quando.
- (313) Se você fosse rico, não **fazia** uma viagem de vez em quando?
- (314) Se eu fosse assaltado, **ficava** parado e não fazia nenhum movimento.
- (315) Se a beleza fosse a coisa mais importante para o ser humano, não **era** uma das primeiras coisas a desvanecer.
- (316) A situação política do Brasil **ficava** melhor, se começássemos a dar menos atenção ao que os americanos pensam de nós.
- (317) Se alguém já foi criminoso, não **podia** mais ser um cidadão confiável?
- (318) O Brasil **ganhava** a copa de 98, se poderosos interesses não quisessem que ela ficasse com a França.

*Análise da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais simples do paradigma do pretérito imperfeito do modo indicativo empregadas em orações condicionais.*

Exemplo nº	Realidade/Irrealidade											Comprometimento	
	Ocorrência										Sim		
	Na língua		No mundo										
	Assumida	Não assumida	Indeterminável				Determinável						
		Possível		Necessária		Possível		Necessária		Posta			
		-	+	-	+	-	+	-	+				
310		x	x										x
311	x									x	x	x	
312		x	x										x
313		x	x										x
314		x	x										x
315		x	x										x
316		x	x										x
317		x	x										x
318	x									x	x	x	

O quadro analítico da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais do pretérito imperfeito do indicativo em orações condicionais nos apresenta, como já foi dito

acima, uma configuração que se assemelha à das formas verbais do futuro do pretérito. E como naquele caso, a análise das formas verbais não é uma tarefa fácil, pode mesmo haver outras possibilidades de interpretação para elas.

As orações (310) e (312) a (317) apresentam a seguinte configuração no quadro analítico: ocorrência não assumida na língua, porque se faz referência sempre a situações sobre as quais não se tem domínio; ocorrência no mundo indeterminável, porque elas se encontram em aberto; ocorrência no mundo –possível, porque a ocorrência é improvável. Essa configuração nos leva a um quadro relativo de descomprometimento do falante com a ocorrência da situação. Parece-nos que esse descomprometimento é devido ao fato de que a situação expressa pela forma verbal do pretérito imperfeito do indicativo está em dependência da condição, da qual não se pode dizer se é verdadeira ou falsa. Assim, essas formas verbais expressam irrealidade em orações condicionais.

Nas orações (311) e (318), a análise da expressão de realidade/irrealidade das formas verbais é um pouco diferente das anteriores, porque as situações a que elas se referem são dependentes de uma condição já ocorrida. As formas verbais do pretérito imperfeito do indicativo poderiam ser substituídas pelas do futuro do pretérito composto, pois elas deixariam claro que a situação não ocorreu. No quadro analítico temos: ocorrência na língua assumida, pois já se sabe que não existiu a situação condicionada; ocorrência no mundo +necessária, pois as situações necessariamente não ocorreram ou teriam ocorrido se a situação de verificasse; ocorrência no mundo determinável posta, pois se infere que situações não ocorreram. A consequência disso é o comprometimento do falante com a ocorrência das situações. Assim, as formas verbais simples do pretérito imperfeito do indicativo, nessas duas orações, expressam realidade.

#### **3.2.4.c. Pretérito imperfeito com valores modais**

Analisaremos a expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais simples do pretérito imperfeito do indicativo quando desenvolvem explicitamente certos valores modais, mas não nos deteremos na exposição dos processos de modalização pelos quais passam essas formas verbais, pois já o fizemos ao nos referirmos às formas verbais do futuro do pretérito. Exemplos:

- (319) O Senhor não me **vendia** uma bandeira do Brasil?
- (320) Acho que para se viver feliz, o melhor **era** a convivência com pessoas com quem pudessemos compartilhar nossos momentos alegres e tristes.
- (321) O funcionário perguntou ao patrão: “O Senhor **tinha** alguém em mente quando fala em despedir funcionários?”
- (322) Para começar a falar seriamente sobre as drogas, **era** bom a sociedade deixar de hipocrisia.
- (323) Acho que os negros **impunham** mais respeito aqui no Brasil, se já tivessem declarado o seu “Black is Beautiful”.
- (324) Eu tenho vontade de declarar aos quatro ventos que certas pessoas são odiosas, mas isso não **ajudava** em nada a melhorar o mundo.
- (325) Com um salário maior **dava** para o trabalhador ter uma vida mais digna.
- (326) O malandro estava decidido: **resolvia** todos os seus problemas passando o maior 171 na viúva rica que estava de olho nele.
- (327) O chefe **queria** que fizéssemos um favor: transferir os dados dos clientes das fichas de papel para o computador.
- (328) Não **era** bom voltar a ver a terra onde nasci? E de lá, olhar o horizonte da vida como se ele fosse tão grande que nem parecia ter fim?!
- (329) O Senhor **fazia-me** o favor de fechar a janela, para que o vento frio não entrasse?

*Análise da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais simples do paradigma do pretérito imperfeito do modo indicativo empregadas com valores modais.*

Exemplo nº	Realidade/Irrealidade											Comprometimento	
	Ocorrência				No mundo								
	Na língua											Sim	Não
	Assumida	Não assumida	Indeterminável				Determinável						
		Possível		Necessária		Possível		Necessária		Posta			
		-	+	-	+	-	+	-	+				
319		x	x										x
320		x		x									x
321		x	x										x
322		x		x									x
323		x		x									x
324		x		x									x
325		x		x									x
326		x		x									x
327		x					x						x
328		x					x						x
329		x	x										x

Todas as formas verbais do pretérito imperfeito do indicativo dos exemplos (319) a (329) apresentam apresentaram as situações com ocorrência não assumida na língua e ocorrência indeterminável no mundo, manifestando assim o não comprometimento do falante com a ocorrência.

Com base nesses dados, podemos afirmar que todas as formas verbais analisadas nesta seção, apresentando valores modais epistêmicos, expressam irrealidade. Porém a irrealidade que elas expressam é variável, já que o quadro analítico apresenta variação de possibilidade e necessidade, havendo exemplos com ocorrência no mundo –possível, +possível e –necessária.

Nos exemplos (319), (321) e (329), as formas do pretérito imperfeito apresentam ocorrência no mundo –possível. Nos exemplos (321) e (329) isso ocorre, porque, além de serem orações interrogativas, as formas verbais acentuam o grau de não comprometimento do falante com a sua própria pergunta. Nos dois casos, o contexto nos permite dizer que se trata de uma forma polida de fazer questões, que é uma sinalização do falante para que o interlocutor fique à vontade para responder ou não. No exemplo (319), com o acréscimo do “não”, a questão fica ainda mais polida, pois essa partícula simula a negação da colocação pelo falante da própria pergunta que está sendo feita.

No exemplo (325), embora não se tratando de oração interrogativa, a forma do pretérito imperfeito também apresenta o traço de ocorrência no mundo –possível, pois encontramos uma hipótese, que é apresentada como incerta, já que é um fato histórico que não se pode confirmar, além do mais o verbo “existir” na 3ª pessoa, tem a tendência a deixar a oração com sentido indeterminado.

Nos exemplos (320), (322) a (326), as formas verbais do pretérito imperfeito do indicativo apresentam o traço de ocorrência no mundo +possível. Isso se deve ao fato de que as orações afirmativas tendem a expressar um compromisso maior do falante, contudo o uso de formas do pretérito imperfeito não permite essa interpretação. Elas condicionam o sentido da oração a uma atmosfera de possibilidade. Dessa forma é que interpretamos o conjunto oração afirmativa + expressão de possibilidade = ocorrência no mundo +possível. Podemos dizer que as situações com ocorrências no mundo +possíveis são prováveis, têm uma chance razoável de ocorrência.

As formas verbais do pretérito imperfeito do indicativo nas orações (327) e (328), segundo nossa interpretação, têm o traço de ocorrência no mundo –necessária, ou seja, há uma chance maior, do que nos casos anteriores, de que haja ocorrência da situação. Pode ser que não se concorde com essa compreensão dos dois exemplos, pois formas de pretérito imperfeito em orações aparentemente semelhantes foram interpretadas diferentemente. No entanto, temos alguns argumentos para esse nosso ponto de vista.

A oração (327) é em tudo semelhante às vistas no parágrafo anterior, entretanto, a nosso ver, o semantema do verbo é fundamental para uma outra interpretação do que expressa a forma verbal: o verbo “querer” expressa vontade, portanto tem valores modais deônticos e aponta para realidade, segundo nossa interpretação apresentada no início deste trabalho, mas esses valores são desvanecidos quando na forma verbal do pretérito imperfeito. Assim, ao invés de ser interpretado como –possível, como ocorreria se se empregasse “gostaria”, ou +necessária, se se empregasse “quero”, optamos pelo meio termo.

O exemplo (328) se parece com o (319), tendo a mesma estrutura interrogativa, com o mesmo uso de “não” que ele, no entanto, no último caso, o sentido expresso pela forma verbal aponta para a certeza, para a necessidade da ocorrência da situação. A pergunta do falante é quase retórica, ele já sabe que sua resposta é afirmativa, mas ainda se trata de uma hipótese, e como tal tem a marca da possibilidade. Dessa maneira, como a forma verbal do pretérito imperfeito do indicativo se encontra numa oração com as marcas de necessidade e possibilidade de ocorrência da situação, optamos por caracterizá-la como –necessidade, ou seja, o falante considera que a situação hipotética, expressa pela oração, tem uma chance provável de ocorrência.

Chamamos, mais uma vez, a atenção para a importância da interpretação do contexto na análise da forma verbal. As formas do pretérito imperfeito, como as do futuro do pretérito, que analisamos anteriormente, apresentam grande dependência do contexto. Uma vez que os contextos são muito variados, as formas verbais do pretérito imperfeito do indicativo acabam por ter múltiplas interpretações: são reais quando se referem a situações passadas, tidas como ocorridas; são irrealis em variados graus, quando não têm valores temporais, não apresentando, portanto, ocorrência. O que, acreditamos, subjaz a todas as manifestações de formas do pretérito imperfeito, que é dependente do aspecto imperfectivo, como já dissemos acima, é um sentido de abertura: quando as formas verbais expressam sentidos temporais, essa “abertura” passa a ser vista como incompletude das ocorrências; se expressam sentidos não temporais, ela é interpretada como um valor de mais ou menos possível, que por sua vez se adéqua a cada contexto em particular, podendo significar dúvida, hipótese, indeterminação, descompromisso, abordagem cuidadosa e polidez.

Diferentemente das orações condicionais, nem sempre convém usar formas verbais do pretérito imperfeito do indicativo nos mesmos contextos em que seriam usadas

formas verbais do futuro do pretérito. Em alguns casos, a oração pode parecer muito artificial e até mesmo apresentar sentidos diferentes.

- (330) À noite, após o passeio quero descansar. Não pretendo ir a nenhuma festa, isso me **cansaria/cansava** ainda mais.
- (331) Aliás, asseguro que sou um péssimo torcedor até mesmo do meu clube de infância – desde sempre –, pois ao contrário de muita gente, não sou daqueles que **celebrariam/celebravam** um título conquistado com a mão, aos 46 min do segundo tempo, em impedimento.
- (332) O equipamento de Borges – com bicicleta e artigos de camping – foi comprado no exterior por entre US\$ 1.500 e US\$ 2.000. “**Custaria/custava** uns US\$ 3.000 no Brasil, diz.

Nesses três exemplos, a substituição de formas do futuro do pretérito por formas do pretérito imperfeito causa alguns estranhamentos. Em (330), temos nítida preferência pelo futuro do pretérito, parecendo que o emprego da outra forma seria bastante inadequada. Em (332), parece-nos que o uso do pretérito imperfeito ficaria mais inadequado ainda que em (331), porque temos a tendência a interpretar a forma verbal em seu valor temporal. Em (332), é impossível o intercâmbio das duas diferentes formas verbais, pois o valor expresso por cada uma delas é completamente diverso, se usadas no mesmo contexto: o futuro do pretérito é sem valor temporal, expressa irrealidade, porque o preço do equipamento de Borges é uma possibilidade, não sendo completamente assumido pelo falante; o pretérito imperfeito, por outro lado, tem valor temporal e expressa realidade, porque exprime a assunção do preço do equipamento de Borges pelo falante.

### 3.2.5. Pretérito perfeito

Apresentamos e analisamos abaixo exemplos de frases com formas verbais do pretérito perfeito do indicativo.

- (333) Para os cristãos, Cristo **morreu** na cruz para salvar a humanidade.
- (334) A era dos computadores **iniciou-se** na década de 1940 com imensas máquinas que tinham menos poder de processamento que as calculadoras de hoje.
- (335) Pressionado, o governo **recuou** e criou o Inpa, incluindo em suas finalidades o item ‘segurança nacional’ – uma evidente alusão à questão da internacionalização da Amazônia. (Texto nº 18)

- (336) No princípio Deus **criou** o céu e a terra. (Texto nº 19)
- (337) Ora, **aconteceu** que, já senhor de toda a Grécia, Alexandre, filho de Felipe da Macedônia, oriundo da terra de Cetim, derrotou também Dario, rei dos persas e dos medos e reinou em seu lugar. (Texto nº 24)
- (338) Não é demais lembrar que os pensadores da Grécia não **foram** intelectuais encastelados em torres de marfim, do tipo que nosso mundo moderno herdou das tradições escolásticas da Idade Média. (Texto nº 29)
- (339) Althusser não **foi** um grande filósofo, como alguns pensam. Ele mesmo admitiu suas fragilidades ao final da vida.
- (340) Um míssil **abateu** um avião de passageiros que voava sobre um território militar não autorizado.

**Análise da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais simples do pretérito perfeito do modo indicativo.**

Exemplo nº	Realidade/Irrealidade											Comprometimento	
	Ocorrência												
	Na língua		No mundo										
	Assumida	Não assumida	Indeterminável				Determinável						
			Possível		Necessária		Possível		Necessária		Posta		
		-	+	-	+	-	+	-	+				
333	x											x	x
334	x											x	x
335	x											x	x
336	x											x	x
337	x											x	x
338	x											x	x
339	x											x	x
340	x											x	x

Como já dissemos anteriormente, o pretérito perfeito só pode expressar realidade, devido ao seu sentido de completude, portanto qualquer expressão de irrealidade não apareceu em nossa análise.

O quadro analítico apresenta uma configuração regular dos resultados da análise das ocorrências das formas verbais do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os exemplos, as formas verbais apresentam ocorrência assumida na língua e ocorrência no mundo determinável posta. Isso resulta em comprometimento com a ocorrência das situações, uma inequívoca indicação de realidade.

A análise dessas formas verbais, que nos levou a ver nelas a expressão de realidade, foi das mais tranqüilas de serem feitas, devido à regularidade determinada pelo aspecto perfectivo, que estabelece uma uniformidade, fazendo com que a realidade expressa pelas formas verbais não apresente variações.



Observando o quadro analítico, constatamos que, de fato, a análise das formas verbais do pretérito-mais-que-perfeito do indicativo, com valor de passado anterior, é exatamente igual à das formas do pretérito perfeito. As orações apresentam ocorrência na língua assumida, ocorrência no mundo determinável posta, e, conseqüentemente, comprometimento com a ocorrência da situação. Por esses resultados, essas formas expressam realidade, sem nenhuma gradação.

### 3.2.6.b. Pretérito mais-que-perfeito com sentido de futuro do pretérito do indicativo e de pretérito imperfeito do subjuntivo

Embora os empregos das formas verbais do pretérito mais-que-perfeito com valores semelhantes às do futuro do pretérito do indicativo e às do imperfeito do subjuntivo sejam tão raros nos dias de hoje (mas não ausentes), apresentamos alguns exemplos deles e fizemos análises de sua expressão de realidade e irrealidade. Primeiro analisamos as com valor de futuro do pretérito.

- (346) **Quisera** abrir um buraco, varar o túnel, largar minha terra,/ passando por baixo de seus problemas e lavouras, da eterna agência do correio,/ e inaugurar novos antepassados em uma nova cidade. (Texto nº 02)
- (347) Destes penhascos fez a natureza /O berço em que nasci: oh! quem **cuidara**/ Que entre penhas tão duras se criara /uma alma terna, um peito sem dureza! (Texto nº 13)
- (348) Eu já de há muito tempo vos espio/ Na vossa estranha caminhada./ Como **quisera** estar entre o vosso cortejo/ Para viver entre vós a minha vida humana.../ Talvez, unido a vós, solto por entre vós? Eu pudesse quebrar os grilhões que vos prendem... (Texto nº 07)
- (349) Quem emendar **pudera**/ O sacrílego impulso da vontade,/ Quando rompi a austera,/ Segura condição da liberdade,/ Sempre isenta de amor! Mas que resisto!/ Só o fizera, não o havendo visto. (Texto nº 14)

*Análise da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais simples do paradigma do pretérito mais-que-perfeito do modo indicativo empregadas em substituição a formas verbais do futuro do pretérito do indicativo.*

Exemplo nº	Realidade/Irrealidade									
	Ocorrência							Comprometimento		
	Na língua		No mundo						Sim	Não
	Assumida	Não assumida	Indeterminável			Determinável				
		Possível	Necessária	Possível	Necessária	Posta				

			-	+	-	+	-	+	-	+		
346		x			x							x
347		x	x									x
348		x		x								x
349		x		x								x

Como não poderia deixar de ser, a análise das formas verbais do pretérito mais-que-perfeito do indicativo, empregadas com sentido de futuro do pretérito, apresenta resultados semelhantes às daquelas. Nos poucos exemplos que temos, o sentido expresso pelas formas verbais é o de possibilidade. A forma verbal da oração (346) apresenta ocorrência não assumida na língua, porque depende de uma condição, tem ocorrência no mundo indeterminável, além de ocorrência no mundo –necessária, o que se explica devido ao fato de que é expresso um grande desejo, que já se sabe de antemão não tem possibilidade de realização.

Nas frases (348) e (349) a análise das formas verbais apresenta resultados idênticos: ocorrência não assumida na língua, ocorrência no mundo indeterminável e + possível. Nesses exemplos, há uma crença na possibilidade de ocorrência das situações.

Na oração (347) a forma verbal do pretérito mais-que-perfeito do indicativo apresenta resultado semelhante às outras, quanto à ocorrência na língua não assumida e ocorrência no mundo indeterminável, por se tratar de uma incerteza. Como a forma da oração é interrogativa, a sua possibilidade de ocorrência é –possível.

Nessas orações, as formas verbais não expressam um comprometimento completo do falante com as ocorrências das situações, embora, no exemplo (346), se possa dizer que haja bastante. Portanto, nesses exemplos, as formas verbais expressam uma irrealidade variável. Há irrealidade em menor grau em (346) e em maior grau em (347).

Vejamos agora exemplos de formas verbais do pretérito-mais-que-perfeito, empregadas com o mesmo sentido das formas verbais de pretérito imperfeito do subjuntivo:

- (350) Como se **fora** brincadeira de roda, memória/ Jogo do trabalho na dança das mãos, macias/ O suor dos corpos na canção da vida, história/ O suor da vida no calor de irmãos, magia (Texto nº 39)
- (351) Ainda que algum de nós **soubera** de seu segredo, ele ficaria para sempre guardado.
- (352) Ah! se ao menos seu nome ouvir **pudera**/ Entre esta aura suave, que respira!/ *Nise*, cuida que diz; mas é mentira./ *Nise*, cuidei que ouvia; e tal não era. (Texto nº 15)

(353) **Quisera** eu ser o dono da bola .... (Frase válida para o momento da enunciação)

*Análise da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais simples do paradigma do pretérito mais-que-perfeito do modo indicativo empregadas em substituição a formas do pretérito imperfeito do subjuntivo.*

Exemplo nº	Realidade/Irrealidade											Comprometimento	
	Na língua		Ocorrência									Sim	Não
	Assumida	Não assumida	No mundo										
			Indeterminável				Determinável						
Possível			Necessária		Possível		Necessária		Posta				
-	+	-	+	-	+	-	+	-	+				
350	x											x	x
351		x		x									x
352	x							x				x	x
353		x		x									x

A análise das formas verbais do pretérito mais-que-perfeito do indicativo, empregadas com sentido de pretérito imperfeito do subjuntivo, é um pouco mais complexa do que a das usadas com sentido de futuro do pretérito do indicativo. O quadro analítico acima, apesar do reduzido número de exemplos, apresenta uma configuração variada, pois a interpretação da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais é bastante dependente do contexto lingüístico.

Para explicar o resultado da análise da oração (350) substituiremos a forma do mais-que-perfeito pela do pretérito imperfeito do subjuntivo.

(354) Como se **fosse** brincadeira de roda, memória...

Como podemos perceber, não há nenhuma diferença de sentido entre as duas formas verbais, a do indicativo e a do subjuntivo são inteiramente intercambiáveis, embora a primeira não seja muito comum neste tipo de oração, que é adverbial comparativa, mas isso não significa que não exista: esse é um exemplo tirado da música popular brasileira do final do século XX, portanto esse emprego do pretérito mais-que-perfeito é de uso atual na Língua Portuguesa do Brasil. A expressão de realidade ou irrealidade da forma verbal é dependente da conjunção que aponta para um sentido de compromisso, a forma verbal do pretérito-mais-que-perfeito expressa ocorrência na língua assumida, ocorrência no mundo determinável posta e comprometimento do falante com a ocorrência da situação, logo temos expressão de realidade.

Na oração (351), não é possível analisar o sentido da forma verbal sem se ater à conjunção “ainda que”. É por ela que podemos concluir pelo valor de incerteza da forma verbal do pretérito-mais-que-perfeito. Ela apresenta ocorrência não assumida na língua, ocorrência no mundo indeterminável, ocorrência no mundo +possível e não comprometimento com a ocorrência da situação.

Na oração (352), a forma verbal do pretérito mais-que-perfeito do indicativo precisa ser analisada, levando-se em conta, como nos outros exemplos que apresentam essa forma verbal, o contexto lingüístico em que se encontra. O contexto nesse caso é de ocorrência, pois “se ao menos seu nome ouvir pudera” é uma afirmação de que não pode ouvir. A forma verbal apresenta ocorrência assumida na língua, ocorrência no mundo +possível, ocorrência no mundo determinável posta e comprometimento com a ocorrência da situação. A forma verbal expressa, portanto, realidade.

A forma verbal, no exemplo (353), nos parece expressar irrealidade, pois não é possível determinar se a situação de querer ocorre. Assim, temos ocorrência não assumida na língua, ocorrência no mundo +possível, já que a possibilidade é admitida, e não comprometimento com a ocorrência da situação.

Podemos observar, pelas análises que fizemos, que com o valor de pretérito imperfeito do subjuntivo, as formas do pretérito-mais-que-perfeito do indicativo apresentam um sentido muito fluido, dependendo completamente do contexto para a sua atualização. Quando estivermos analisando as formas verbais do pretérito imperfeito do modo subjuntivo, veremos essa questão com mais profundidade, porque elas apresentam comportamento idêntico.

### **3.3. A expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais simples do modo subjuntivo**

Para nós, o subjuntivo tem formas verbais eminentemente modais, que servem à subordinação. E não nos parece coincidência que formas do indicativo, que em certas circunstâncias têm empregos modais, como o pretérito imperfeito, o mais-que-perfeito e o futuro do pretérito, possam ser usadas em orações subordinadas, mesmo em usos cultos da Língua Portuguesa. Para não ficar só com dados do Português, Bybee et. al. (1994:

224-225) apresentam um bom exemplo que serve de modelo para o que estamos dizendo. O futuro simples do espanhol, como em nossa língua, também apresenta valores epistêmicos. Além disso, naquela língua, essa forma verbal tem sido cada vez mais usada em orações subordinadas do predicado principal “no sé”, havendo mesmo um de seus dialetos, o de León, em que se restringe apenas a orações subordinadas.

Em nossa pesquisa, constatamos que as formas verbais do modo subjuntivo têm grande dependência do contexto lingüístico, bem mais acentuada ainda que as do indicativo, sendo quase sempre impossível determinar um sentido distinto da forma verbal desligada dele, a não ser sentidos muito abstratos.

Na análise da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais do modo subjuntivo, diferentemente do que fizemos com as do indicativo, procedemos ao estudo do presente, do futuro e do pretérito imperfeito em conjunto. Isso foi feito devido à sua dependência contextual e, principalmente, de certos tipos de orações subordinadas. Pareceu-nos mais apropriado analisá-las enquanto componentes das orações subordinadas e não uma a uma, mas em nossos exemplos procuramos, sempre que possível, utilizar as três formas simples do modo subjuntivo. Caso o emprego das formas tenha apresentado alguma alteração semântica com influência na expressão de realidade e irrealidade, isso foi explicitado nas considerações sobre a análise.

### **3.3.1. Formas do subjuntivo em orações subordinadas adverbiais**

Primeiramente analisamos a expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais do subjuntivo empregadas em orações subordinadas adverbiais. Observamos que nem todas as adverbiais exigem formas do subjuntivo, havendo mesmo algumas que ora as apresentam ora não; isso tem razões semânticas objetivas de que falamos mais adiante. Verificamos que nessas orações a forma verbal é definitivamente dependente da conjunção, não só no que diz respeito à presença do subjuntivo, mas também na classificação da expressão de realidade e irrealidade.

#### **3.3.1.1. Formas do subjuntivo em orações adverbiais causais**

Nem todas as orações subordinadas adverbiais causais apresentam formas do modo subjuntivo, só as apresentam aquelas em que a idéia de causa é negada, iniciadas com as conjunções “não porque” e “não que”.

- (355) Dona Maria não se casou, não porque **fosse** desinteressante, mas porque era devotada ao celibato.  
 (356) Deixei de realizar um grande projeto, não que não **fosse** bom, mas porque era muito trabalhoso.  
 (357) Vejo o meu fim com tranqüilidade, não que não **tenha** medo da morte, mas porque para quem morre a morte não existe.  
 (358) Marina não vai a bailes, não porque não **goste** de dançar, mas porque seu marido não consente.

*Análise da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais simples do modo subjuntivo empregadas em orações subordinadas adverbiais causais.*

Realidade/ Irrealidade												
Exemplo nº	Ocorrência										Comprometimento	
	Na língua		No mundo								Sim	Não
Assumida	Não assumida	Indeterminável				Determinável						
		Possível	Necessária	Possível	Necessária	Posta						
		-	+	-	+	-	+	-	+			
355	x										x	x
356	x										x	x
357	x										x	x
358	x										x	x

Quanto à análise das orações subordinadas adverbiais causais, as formas verbais do presente e do pretérito imperfeito do modo subjuntivo apresentam resultados semelhantes no quadro analítico. As conjunções “não que” e “não porque” determinam a situação como uma ocorrência assumida na língua e uma ocorrência no mundo determinável posta. Essa configuração tem como resultado o comprometimento com a ocorrência das situações. Sendo assim, nas orações causais, as formas verbais do subjuntivo expressam realidade. As diferenças semânticas entre presente e pretérito imperfeito, que apresentam as situações como presentes e passadas, não influenciam no caráter da análise.

### 3.3.1.2. Formas do subjuntivo em orações subordinadas adverbiais concessivas

As orações subordinadas adverbiais concessivas, de um modo geral, apresentam formas verbais do subjuntivo independentemente de qual seja a conjunção empregada.





uso do presente aponta para uma possibilidade maior que o uso do imperfeito. A análise do presente resulta na seguinte configuração do quadro de análise: ocorrência na língua não assumida, ocorrência no mundo indeterminada, ocorrência no mundo +possível e não comprometimento com a ocorrência das situações.

O pretérito imperfeito apresenta análise semelhante à do presente, se distinguindo apenas no que diz respeito à possibilidade de ocorrência da situação. Enquanto, no presente, ela apresenta um certo grau (+possível), no pretérito imperfeito ela se apresenta em um grau menor (-possível), pois há menos crença de que ocorra. A diferença de formas verbais, portanto, em orações subordinadas adverbiais concessivas com a conjunção “ainda que”, produz, assim, uma escala de irrealidade. Todavia, se o pretérito imperfeito estiver num contexto narrativo, ele será interpretado como expressando realidade. Isso é o que acontece nos exemplos (365) e (366).

Nos exemplos (367) e (368), com a conjunção subordinativa “mesmo que”, as formas verbais expressam irrealidade como em (363) e (364), apresentando a mesma configuração no quadro analítico, com a conseqüente gradação na expressão de irrealidade.

Nos exemplos (369) e (370), com a conjunção subordinativa “se bem que” e nos exemplos (371) e (372), com a conjunção subordinativa “apesar de que”, as formas verbais expressam realidade, apresentando uma configuração do quadro analítico igual às outras anteriores, que também expressam realidade.

Nos exemplos (373) a (376), com a conjunção subordinativa “nem que”, as formas verbais apresentaram expressão de irrealidade. Os resultados da análise, no quadro analítico, são semelhantes ao que ocorreu com as formas verbais anteriores que também expressam irrealidade. Havendo, igualmente, a distinção entre +possível para a forma do presente e –possível para as formas do pretérito imperfeito.

A dependência das formas verbais do subjuntivo, presente e pretérito imperfeito, em relação às conjunções concessivas, nas orações analisadas é evidente. Em nossos exemplos, encontramos dois tipos dessas conjunções: um, que, independentemente do contexto maior, sempre apresenta um pressuposto de que a situação subordinada é assumida, levando à interpretação da forma verbal como expressão de realidade, tais como “embora” e “conquanto”; outro que apresenta a situação subordinada como não assumida, o que leva a forma verbal a expressar irrealidade, tais como “ainda que” e “mesmo que”. No

entanto, esse segundo grupo de conjunções não apresenta um conteúdo semântico tão invariável como o primeiro; o contexto lingüístico maior pode mudar a sua interpretação. Assim, diferentemente de uma situação comentada, uma situação narrada, como a do exemplo (366) pode levar a uma interpretação da forma verbal, como expressando realidade, quando conjugadas a tais conjunções.

Podemos constatar, a partir de nossas análises, que a expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais do subjuntivo empregadas nas orações subordinadas adverbiais concessivas se apresenta gradação. Nunca é pouco repetir, que, para isso, além da própria conjunção concessiva, a forma verbal importa e o contexto pode importar bastante, podendo fazer com que uma conjunção que propicie a expressão de irrealidade passe a ser interpretada como expressando realidade. Como vimos nos exemplos em que há expressão de irrealidade, as formas do presente são menos irrealis que as do pretérito imperfeito.

### 3.3.1.3. Formas do subjuntivo em orações subordinadas adverbiais comparativas

As únicas orações subordinadas adverbiais comparativas que exigem formas do subjuntivo são aquelas iniciadas com a conjunção “como se”. A presença da partícula “se” parece ser fundamental para escolha da forma verbal subjuntiva, que é sempre o pretérito imperfeito.

- (377) Marina estava de olhos fechados e respiração leve, como se **estivesse** dormindo.
- (378) Muitas pessoas vivem como se tudo na vida **fosse** uma brincadeira.
- (379) Depois de serem eleitos, alguns políticos vivem como se nunca mais **precisassem** dos eleitores.
- (380) Na história política do Brasil, nossos governantes quase sempre se comportaram como se os nossos imensos problemas sociais não **existissem**.
- (381) Temos tratado muito mal a terra, como se ela não **cobrasse** pelos males que lhe causamos.

*Análise da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais simples do modo subjuntivo empregadas em orações subordinadas adverbiais comparativas.*

Realidade/Irrealidade						
Exemplo nº	Ocorrência				Comprometimento	
	Na língua		No mundo		Sim	Não
	Assumida	Não assumida	Indeterminável	Determinável		

		Possível		Necessária		Possível		Necessária		Posta	
		-	+	-	+	-	+	-	+		
377	x									x	x
378	x									x	x
379	x									x	x
380	x									x	x
381	x									x	x

O que há entre a oração principal e a oração subordinada adverbial comparativa introduzida pela conjunção “como se” é uma relação de semelhança. Isso é obviamente o que deveria se esperar de uma oração comparativa, no entanto, nesse caso, parece-nos que existe uma intenção subentendida de realçar que se trata apenas de uma aparência. Se, no entanto, a forma verbal do pretérito imperfeito do subjuntivo for antecedida por uma negação, como no exemplo (381), compreendemos que essa negação da semelhança é a afirmação de uma certeza. No exemplo, ao se dizer, na oração subordinada, “como se a terra não cobrasse pelos males que lhe fazemos”, a intenção é de que se entenda exatamente o contrário disso: que a terra realmente cobra pelos males que lhe causamos.

Em nossa análise, todas as formas verbais do pretérito imperfeito do subjuntivo nos cinco exemplos analisados expressam realidade. Assim, as situações têm ocorrência assumida na língua, ocorrência no mundo determinável posta, resultando em comprometimento com a ocorrência das situações.

Essa análise que fizemos das formas verbais do subjuntivo, nas orações subordinadas adverbiais comparativas, pode causar alguma estranheza, pois acabamos de afirmar que tais orações, com exceção de quando a forma verbal é antecedida de uma negação, exprimem aparência, um sentido que estaria relacionado à irrealidade. No entanto, pelos critérios que assumimos, neste trabalho, temos expressão de realidade quando uma situação é assumida na língua, tendo realização determinável posta. Nesses exemplos, a assunção da ocorrência da situação, ou seja, a aparência, nos exemplos (377) a (380), e a negação da aparência, em (381), é sempre marcada pela conjunção comparativa. Assim podemos notar que a conjunção tem um importante papel na interpretação da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais do subjuntivo empregadas nas orações comparativas.

#### 3.3.1.4. Formas do subjuntivo em orações subordinadas adverbiais condicionais

Quando apresentamos as formas verbais do futuro do pretérito do modo indicativo, fizemos uma longa discussão sobre as orações condicionais; por isso, não nos detemos em discuti-las agora. Nossa análise se restringirá, aqui, às formas do subjuntivo que se encontram nas orações subordinadas adverbiais condicionais.

Como já vimos, a oração condicional, de um ponto de vista lógico, apresenta uma situação que é condição necessária para o cumprimento da situação apresentada pela oração principal. Na língua natural, a situação expressa pela condicional é sempre um pressuposto para a ocorrência da situação apresentada na oração principal. O contexto, mais uma vez, é determinante no tipo de interpretação que pode ser dado à condição apresentada pela oração subordinada condicional. O mais comum, talvez, seja interpretá-la como uma situação que se encontra no campo da possibilidade, como nos exemplos (382) e (383) abaixo, no entanto há contextos em que a situação pode ser considerada com um grande grau de necessidade de ocorrência, como no exemplo (384).

- (382) Se eu **comprasse** um carro, minha família teria melhores condições de deslocamento.
- (383) Se os alunos **lerem** e escreverem mais, os investimentos na educação serão menos desoladores.
- (384) Se Machado de Assis **fosse** francês ou inglês, o mundo inteiro teria conhecimento de sua existência.

Nos exemplos (382) e (383) as formas verbais das orações condicionadas apresentam situações cujas ocorrências estão em aberto, podem ou não se realizar. No exemplo (384), o conhecimento de mundo não permite a interpretação da condição como uma ocorrência possível, mas antes como impossível, já que sabemos que Machado de Assis era brasileiro. Assim, a forma do subjuntivo, na oração subordinada, além de ser dependente da conjunção condicional, tem no contexto um especificador do seu sentido. Nos parece, contudo, que tais diferenciações, às vezes podem se tornar muito difíceis de serem identificadas, tamanha a gama de condições em que tais orações podem aparecer. Dessa forma, determinar se a forma verbal do subjuntivo da oração subordinada condicional expressa realidade ou irrealidade se torna uma tarefa bastante delicada. Exemplos:

- (385) Se as crianças **forem** bem educadas, teremos adultos mais equilibrados.
- (386) Se as crianças **fossem** bem educadas, teríamos adultos mais equilibrados.
- (387) Se meu irmão **estudar** muito, passará no vestibular.

- (388) Se meu irmão **estudasse** muito, passaria no vestibular.
- (389) Se o amor **for** maior que o ódio, muitas tragédias poderão deixar de ocorrer.
- (390) Se o amor **fosse** maior que ódio, muitas tragédias poderiam deixar de ocorrer.
- (391) Caso **haja** vida após a morte, eu ficarei muito feliz.
- (392) Caso **houvesse** vida após a morte, eu ficaria muito feliz.
- (393) Caso **tenham** melhores oportunidades, os trabalhadores se qualificarão melhor para suas atividades.
- (394) Caso **tivessem** melhores oportunidades, os trabalhadores se qualificariam melhor para as suas atividades.
- (395) Caso **encontremos** formas alternativas de energia, a poluição por combustíveis fósseis deixará de ser um problema para a humanidade.
- (396) Caso **encontrássemos** formas alternativas de energia, a poluição por combustíveis fósseis deixaria de ser um problema para a humanidade.
- (397) Caso não **encontremos** formas alternativas de energia, teremos tragédias ambientais inimagináveis no futuro.
- (398) Contanto que **estudem** bastante, os alunos conseguirão boas notas na prova.
- (399) Contanto que **estudassem** muito, os alunos conseguiriam boas notas na prova.
- (400) Sem que **vivamos** uma vida equilibrada, não teremos uma velhice saudável.
- (401) Sem que **vivêssemos** uma vida equilibrada, não teríamos uma velhice saudável.
- (402) A menos que **economizemos** energia, teremos um apagão no ano que vem.
- (403) A menos que **economizássemos** energia, teríamos um apagão no ano seguinte.
- (404) A não ser que **estejamos** sempre vigilantes, continuaremos a contar com os nossos governos corruptos.
- (405) A não ser que **estivéssemos** sempre vigilantes, continuaríamos a contar com os nossos governos corruptos.
- (406) A menos que **tenhamos** aumento de salário, não teremos mais dinheiro para pagar nossas dívidas.
- (407) A menos que **tivéssemos** aumento de salário, não teríamos mais dinheiro para pagar nossas dívidas.
- (408) Desde que se **encontre** um equilíbrio para a vida, a felicidade estará ao nosso alcance.
- (409) Desde que se **encontrasse** um equilíbrio para a vida, a felicidade estaria ao nosso alcance.
- (410) Desde que não **ultrapasse** certos limites, o trabalho é um excelente meio de educação para os adolescentes.

**Análise da expressão de realidade e de irrealidade pelas formas verbais simples do modo subjuntivo empregadas em orações subordinadas adverbiais condicionais.**

Exemplo n°	Realidade/ Irrealidade										Comprometimento	
	Ocorrência										Sim	Não
	Na língua		No mundo									
	Assumida	Não assumida	Indeterminável				Determinável					
Possível			Necessária	Possível	Necessária	Posta						
			-	+	-	+	-	+	-	+		



não, mesmo que seja necessária à realização da outra. É nessa perspectiva que realizamos a nossa análise.

Poderia se questionar, se, ao tomarmos essa posição, não estaríamos desconsiderando o contexto, para o qual temos tão insistentemente chamado a atenção neste trabalho. No entanto, isso não é o que nos parece, visto que o sentido apresentado pelo conjunto oração principal + oração subordinada adverbial condicional não está anulando outras relações de sentido entre seus componentes. Não se pode negar a dependência entre a realização da situação condicionada e a realização da situação apresentada na oração principal, mas não há informação contextual que anule o sentido de possibilidade expresso pela conjunção e a forma verbal subjuntiva. Isso não quer dizer, no entanto, que não existam situações em que ela seja anulada.

As formas verbais, nas orações (385) a (390), (402), (404), (406) a (410) com as conjunções subordinativas “se, caso, contanto que, sem que, a menos que, a não ser que e desde que”, com exceção da ocorrência no mundo possível, apresentam a mesma configuração no quadro analítico: ocorrência não assumida na língua, ocorrência indeterminada no mundo e não comprometimento com a ocorrência da situação. A partícula negativa no exemplo (410) não descarta a possibilidade: o próprio fato de não se encontrar um equilíbrio para a vida é que é a possibilidade. Por essa configuração, podemos concluir que essas formas verbais expressam irrealidade. Observando-se a coluna da ocorrência no mundo possível, vemos que há uma variação da expressão da irrealidade entre as formas verbais.

Ao se referir à realização de uma situação, usando-se as formas do presente do subjuntivo, tem-se como pressuposto que há alguma possibilidade de que elas sejam realizadas, por isso foram marcadas no quadro como +possível. Já as formas do pretérito imperfeito do subjuntivo, por outro lado, expressam uma possibilidade menor de que as situações sejam realizadas, tendo sido marcadas como -possível. Temos, então, que, nessas orações subordinadas, as formas verbais do presente do subjuntivo expressam um grau de irrealidade menor que as formas do pretérito imperfeito do subjuntivo.

Verificamos, porém, que, nos exemplos (401), (403) e (405), as formas verbais do pretérito imperfeito só podem ser interpretadas como reais, pois os contextos das orações nos informam que as situações já foram realizadas. Parece-nos que nesses exemplos,

o pretérito imperfeito composto seria a melhor forma de apresentar as situações como realizadas.

Esses dados nos permitem perceber que as diferentes conjunções condicionais sozinhas não são determinantes para se interpretar as formas verbais como reais ou irrealis. Todas elas, sem distinção, é verdade, apontam na direção da possibilidade de ocorrência da situação, no entanto, informações contextuais podem anular essa idéia de possibilidade das ocorrências, apresentando-as como se já fossem realizadas.

### 3.3.1.5. Formas do subjuntivo em orações subordinadas adverbiais temporais

A análise da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais do subjuntivo empregadas nas orações subordinadas adverbiais temporais nos parece ainda mais delicada do que no caso das orações condicionais, porque as conjunções temporais não se referem a uma circunstância precisa, não impedindo que haja dúvidas quanto a sua realização: as conjunções “quando”, “até que”, etc... são, de certa forma, indefinidas, conquanto apontem para a realização da situação. Mesmo assim, as conjunções temporais, diferentemente das condicionais, expressam comprometimento do falante com a ocorrência das situações, portanto nesse sentido estão relacionadas à expressão de realidade.

Na oração subordinada adverbial temporal, a situação expressa pela forma verbal do subjuntivo por si mesma parece ser neutra, não sendo real nem irreal, a conjunção é que vai determinar a sua ocorrência ou não. O emprego da conjunção temporal circunstancializa a situação expressa pela forma verbal subjuntiva, sendo que sob tais circunstâncias se dará ou não a realização da situação expressa pela oração principal.

Para evitar interferências semânticas de outros elementos lingüísticos quanto à expressão da realidade e irrealidade pelas formas verbais, fizemos a escolha de não apresentar como exemplos orações com qualquer tipo de modalizador. Se isso acontecesse, a análise ficaria bastante complexa, porque teríamos que contar com diversos níveis de realidade/irrealidade muito sutis e interdependentes, uma complexidade que tornaria impraticável o uso de nosso instrumento de análise. Exemplos:

(413) Quando me **aposentar**, voltarei à terra que me viu nascer.

(414) Meu filho, quando você se **aposentar**, volte para a terra que te viu nascer.

- (415) O escritor estava decidido: Quando se **aposentasse**, voltaria à terra que o tinha visto nascer.
- (416) Antes que a vida **passse** irremediavelmente, um homem sábio não se esquecerá de aproveitá-la.
- (417) Antes que a vida **passasse** irremediavelmente, um homem sábio não se esqueceria de aproveitá-la.
- (418) Antes que a vida **passasse** irremediavelmente, o homem sábio não se esqueceu de aproveitá-la.
- (419) Antes que o gado **morra** de fome, venda-o para que seus prejuízos sejam menores.
- (420) Antes que o gado **morresse** de fome por causa da falta de vegetação, milagrosamente choveu.
- (421) Antes que a vida **volte** a ser triste como antes, paremos para um instante de reflexão e mudemos as nossas práticas.
- (422) Antes que a vida se **tornasse** impossível, todos fizeram a sua parte para melhorá-la.
- (423) Logo que **chegue** as férias, Joãozinho voltará aos prazeres da casa de sua avó.
- (424) Logo que **chegasse** as férias, Joãozinho voltaria aos prazeres da casa de sua avó.
- (425) Até que **chegue** a morte, o velho João vai vivendo sua vida como é possível a um cristão viver.
- (426) Até que **chegasse** a morte, o velho João foi vivendo sua vida como é possível a um cristão viver.
- (427) Antes que o patrão se **levantasse**, todos os trabalhadores podem ficar despreocupados: não haverá trabalho para ninguém.
- (428) Antes que o patrão se **levantasse**, todos os trabalhadores poderiam estar despreocupados: não haveria trabalho para ninguém.
- (429) Logo que **estiver** saudável, dona Margarida voltará ao trabalho.
- (430) Logo que **estivesse** saudável, dona Margarida voltaria ao trabalho.
- (431) Logo que **esteja** saudável, dona Margarida voltará ao trabalho.
- (432) Logo que eu **tiver** dinheiro comprarei um carro.
- (433) Sempre que **chegasse** em casa, o Senhor queria que todos estivessem à sua espera.
- (434) Sempre que **chegar** em casa, o Senhor quer ver todos a sua espera.
- (435) O pai disse ao filho que todas as vezes que não **tirasse** boas notas, ele não teria sua mesada.
- (436) O pai disse a seu filho que todas as vezes que **tirar** boas notas, ele receberá um aumento da mesada.

*Análise da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais simples do modo subjuntivo empregadas nas orações subordinadas adverbiais temporais.*

Realidade/ Irrealidade												
Exemplo nº	Ocorrência										Comprometimento	
	Na língua				No mundo						Sim	Não
	Assumida		Não assumida		Indeterminável			Determinável				
					Possível		Necessária	Possível		Necessária	Posta	
				-	+	-	+	-	+	-	+	
413	x									x		x

414	x									x		x	
415	x									x		x	
416	x									x		x	
417	x									x		x	
418	x									x		x	
419	x									x		x	
420	x									x		x	
421	x									x		x	
422	x									x		x	
423	x									x		x	
424	x									x		x	
425	x									x		x	
426	x									x		x	
427	x									x		x	
428	x									x		x	
429	x									x		x	
430	x									x		x	
431	x									x		x	
432	x									x		x	
433	x									x		x	
434	x									x		x	
435	x									x		x	
436	x									x		x	

Uma expressão lingüística com uma forma verbal do subjuntivo pode tanto expressar uma opinião, quanto se referir a uma situação real, porque o modo subjuntivo não é marcado nem para a realização nem para a não realização das situações. Parece que ele é neutro quanto a isso. Contudo, as formas verbais empregadas nas orações subordinadas adverbiais temporais se referem a situações que são futuras e indefinidas em relação ao momento da fala, mas isso não deve ser entendido como marca de irrealidade, porque a conjunção determina que a ocorrência futura das situações se dá necessariamente dentro de certas circunstâncias.

Nossa análise da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais subjuntivas empregadas nas orações subordinadas adverbiais temporais apresenta o seguinte resultado no quadro analítico: Todas as formas verbais analisadas, do exemplo (413) ao (436) apresentam um resultado idêntico: ocorrência assumida na língua, ocorrência no mundo determinável +necessária e, conseqüentemente comprometimento com a ocorrência das situações. Assim sendo, essas formas verbais expressam realidade, como já havíamos afirmado anteriormente.

Na análise das formas verbais do subjuntivo, empregadas em orações subordinadas adverbiais temporais, não parece ser possível determinar uma gradação da expressão da realidade. Mesmo a oposição entre presente e pretérito imperfeito, que, em outras situações fazem variar a realidade ou a irrealidade, não parece fazer diferença, uma vez que o

sentido das conjunções, invariáveis quanto ao grau de realidade expresso, suprime as latências semânticas das formas verbais.

### 3.3.1.6. Formas do subjuntivo em orações subordinadas adverbiais finais

As formas verbais do modo subjuntivo, presentes nessas orações subordinadas, se é que podem ser interpretadas como expressão de realidade e irrealidade, só podem, de acordo com o critério que temos adotado neste estudo, expressar realidade. Assim nos parece, pois a finalidade expressa pela conjunção, da qual depende sintaticamente a forma verbal da oração subordinada, é em si mesma uma espécie de compromisso, de um objetivo a ser cumprido. Como adotamos um conceito de realidade que depende do comprometimento com a ocorrência das situações essa é a única interpretação que nos parece plausível. Exemplos:

- (437) O pai insistiu com a filha para que ela não se **casasse** muito jovem.  
 (438) O juiz deu uma ordem para que os sem-terra **desocupem** uma área improdutiva.  
 (439) Ainda não é tarde para que o Brasil **desenvolva** sua própria tecnologia.  
 (440) A vida às vezes nos prega peças a fim de que **consideremo-la** com mais carinho.  
 (441) O pai fez um carrinho para que seu filho **tivesse** um brinquedinho qualquer e o deixasse trabalhar em paz.  
 (442) Quando era criança, meus pais me educaram a fim de que eu me **tornasse** um homem de verdade.  
 (443) O pai deu um conselho ao filho para que **fosse** mais educado e não respondesse grosseiramente a suas perguntas.

#### *Análise da expressão de realidade e de irrealidade pelas formas verbais simples do modo subjuntivo empregadas em orações subordinadas adverbiais finais.*

Realidade/Irrealidade													
Exemplo n°	Ocorrência										Comprometimento		
	Na língua		No mundo								Sim	Não	
	Assumida	Não assumida	Indeterminável				Determinável						
			Possível		Necessária		Possível		Necessária				Posta
-	+	-	+	-	+	-	+	-	+				
437	x									x		x	
438	x									x		x	
439	x									x		x	
440	x									x		x	
441	x									x		x	
442	x									x		x	
443	x									x		x	

O quadro analítico acima é o resultado da análise da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais subjuntivas (presente e imperfeito) empregadas nas orações subordinadas adverbiais finais. Nele observamos que as formas verbais apresentam as situações com ocorrência na língua assumida e ocorrência no mundo determinável +necessária, resultando em comprometimento com a ocorrência das situações. De acordo com essa configuração, temos expressão de realidade, como já dissemos acima.

Parece-nos que a realidade expressa pelas formas verbais do subjuntivo, em orações subordinadas adverbiais finais, assim como nas temporais, também não apresenta gradação entre o presente e o pretérito imperfeito.

### **3.3.2. Formas do subjuntivo em orações subordinadas substantivas**

As formas verbais do modo subjuntivo também são empregadas em orações subordinadas substantivas. Não fizemos análises tão extensas de exemplos de formas verbais do subjuntivo empregadas nesses tipos de orações subordinadas, como fizemos com as adverbiais, mas procuramos apresentar algumas considerações sobre esses casos.

Vimos, na análise das formas verbais do subjuntivo empregadas em orações subordinadas adverbiais, que o contexto da situação expressa pela oração e o significado da conjunção têm importância fundamental na interpretação da situação como real ou irreal. Nas orações subordinadas substantivas o que vai determinar o emprego de formas do subjuntivo é o sentido da oração principal. Mais uma vez, verificamos a dificuldade de determinar um sentido específico para a forma verbal por ela mesma, o subjuntivo parece estar, mesmo, sempre em dependência de outros elementos ou estruturas lingüísticas.

Cunha (1985: 440-441) afirma que as formas do subjuntivo são usadas nas orações subordinadas substantivas quando as orações principais das quais dependem expressam:

- a) Vontade, nos matizes que vão do comando ao desejo;

- b) Um sentimento ou apreciação sobre um fato;  
 c) Dúvida quanto à realidade de um fato enunciado.

Podemos observar que esses mesmos valores também podem ocorrer quando há emprego de formas verbais do modo indicativo, como o pretérito imperfeito ou o futuro do pretérito. Nesses contextos das orações subordinadas substantivas, as formas do subjuntivo expressariam nuances tanto de realidade quanto de irrealidade, de acordo com nosso critério inicial, pois poderíamos ter comprometimento e não comprometimento com a ocorrência das situações. Não nos propomos, no entanto, a uma análise detalhada de tais casos, porque ela nos levaria a estender enormemente o nosso trabalho, porém apresentaremos algumas orações como exemplificação:

- (444) O Papa João Paulo II *espera* que a pedofilia **seja** erradicada da Igreja Católica.  
 (445) O presidente dos EUA, Jorge Bush, *deseja* que o mundo todo se **ajoelhe** aos seus pés.  
 (446) Não *aceito* que as crianças não **tenham** pais que as eduquem.  
 (447) *Seria bom* que as pessoas **levassem** mais a sério a sua saúde.  
 (448) *É bom que* todos **façam** o seu “mea culpa”, para que os problemas comecem a ser resolvidos.  
 (449) *Tenho medo* de que a velhice **chegue** antes que os meus sonhos tenham sido realizados.  
 (450) *Pode ser* que a vida não **seja** muito interessante, mas é irresistível o desejo de vivê-la um pouco mais.  
 (451) *Não acredito* que o dinheiro **traga** a felicidade.  
 (452) *Não acredito* que o dinheiro não **traga** a felicidade.  
 (453) *Eu espero* que o dinheiro não **traga** a felicidade.

**Análise da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais simples do modo subjuntivo empregadas nas orações subordinadas substantivas.**

Exemplo n°	Realidade/Irrealidade											Comprometimento	
	Na língua		Ocorrência										
	Assumida	Não assumida	Indeterminável				Determinável						
			Possível		Necessária		Possível		Necessária		Posta		
-	+	-	+	-	+	-	+	-	+				
444	x									x		x	
445	x									x		x	
446	x									x		x	
447		x			x								x
448	x									x		x	
449	x									x		x	
450		x		x									x
451	x									x		x	
452	x									x		x	
453	x									x		x	

Neste trabalho procuramos evitar, na medida do possível, exemplos que além da forma verbal analisada também apresentassem verbos modais, por temer que eles pudessem interferir nos resultados. No entanto, podemos observar que todas as orações principais dos exemplos utilizados com orações subordinadas substantivas têm um caráter marcadamente modal, são deônticos nos exemplos (446), (448) e (453) e epistêmicos nos demais. E como a semântica das formas verbais das orações subordinadas substantivas é profundamente influenciada pelo que expressam as formas verbais das orações principais, a sua análise é praticamente dependente do valor destas. Destituídas em grande parte de seu conteúdo semântico, parece-nos que, com as formas verbais subjuntivas presentes nas orações subordinadas substantivas, ocorre uma espécie de harmonia modal com as modalidades expressas pelas orações principais.

Vejam os resultados das análises de expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais do subjuntivo empregadas nas orações subordinadas substantivas. Nos exemplos (444) a (446), as orações principais exprimem vontade, conseqüentemente, as formas verbais presentes nas orações subordinadas também exprimem vontade. As situações a que se referem apresentam, no quadro de análise, ocorrência assumida na língua, ocorrência no mundo +necessária e comprometimento do falante com o seu enunciado, expressam, portanto realidade.

No exemplo (447), a forma verbal da oração principal exprime apreciação/desejo/vontade. A forma verbal do pretérito imperfeito do indicativo da oração principal apresenta a situação como uma possibilidade. A forma verbal na oração subordinada reflete esse sentido; no quadro analítico, a situação a que se refere tem ocorrência não assumida na língua, ocorrência no mundo indeterminável, ocorrência no mundo -necessária e não comprometimento com a ocorrência da situação. Na verdade, temos um comprometimento parcial por parte do falante, já que a ocorrência no mundo -necessária revela um relativo empenho do falante na ocorrência da situação.

No exemplo (448), a oração principal também exprime apreciação/vontade, sua forma verbal, presente do indicativo, expressa ocorrência assumida na língua, ocorrência no mundo +necessária e ocorrência no mundo determinável posta, temos, portanto, expressão de realidade. Como conseqüência disso, a forma do subjuntivo da oração subordinada também expressa realidade. No exemplo (449), a oração principal exprime sentimento sobre a situação, apresentado categoricamente por meio da forma verbal do pre-

sente do indicativo. Como conseqüência, a forma verbal do subjuntivo da oração subordinada expressa realidade. No exemplo (450), a forma verbal do subjuntivo da oração subordinada expressa irrealidade, uma vez que não a situação expressa pela oração principal não é assumida. Nos exemplos (451) a (453), que são apreciações, as formas do subjuntivo das orações subordinadas expressam realidade, já que as situações expressas pelas orações principais são assumidas.

### 3.3.3. Formas do subjuntivo em orações subordinadas adjetivas

Cunha (1985: 445) diz que ocorrem formas verbais do subjuntivo em orações subordinadas adjetivas quando estas exprimem os seguintes sentidos:

(a) Um fim ou uma conseqüência:

(454) aguardo uma oportunidade que me **permita** uma transferência de posto.

(b) Um fato improvável:

(455) Pensaste em alguém que **pudesse** substituir-te?

(456) Não houve ninguém que **aceitasse** o encargo.

(b) Uma hipótese ou conjectura:

(457) Se te oferecerem um emprego que te **convenha**, debes aceitá-lo.

(458) Alguém que **houvesse** sofrido uma injustiça compreenderia seu gesto.

Podemos observar, nesses empregos do modo subjuntivo em orações subordinadas adjetivas, o mesmo que observamos no caso das orações subordinadas substantivas. Há nestas, como naquelas, uma semelhança com as outras análises já feitas neste trabalho. O sentido apresentado em (a) é semelhante àquele que vimos para as orações subordinadas adverbiais finais; (b) e (c) estão relacionados ao campo das ocorrências possíveis, uma referência aos usos modais, já discutidos quando analisamos as formas verbais do modo indicativo. Por causa dessas semelhanças de sentido com o que ocorre em orações adverbiais e com formas do indicativo, podemos chegar à conclusão de que as formas verbais subjuntivas presentes nas orações subordinadas adjetivas podem expressar

tanto realidade quanto irrealidade, à semelhança do que pode ocorrer com aqueles outros casos.

- (459) Um homem sonhador procura uma mulher que o **ame** até a morte.  
 (460) Todas as pessoas querem ter amigos em quem **confiassem** plenamente.  
 (461) Todas as pessoas querem ter amigos em quem **confiem** plenamente.  
 (462) Todo mundo sonha com um ombro amigo em que se **apoiar**.  
 (463) Quem não quer um amigo em quem **confiar** plenamente?  
 (464) Maltrapilho, o mendigo ficava sentado na calçada esperando um cristão que lhe **desse** uma moeda.  
 (465) Maltrapilho, o mendigo fica sentado na calçada esperando um cristão que lhe **dê** uma moeda.  
 (466) Pessoas insatisfeitas consigo mesmas vivem procurando situações perigosas que lhes **tragam** algum tipo de sensação desconhecida.  
 (467) Só um homem que não **tivesse** bom senso não se lembraria de sua finitude.  
 (468) Só um homem que **tivesse** bom senso se lembraria de sua finitude.  
 (469) Só um homem que não **tenha** bom senso se lembrará de sua finitude  
 (470) Só um homem que **tenha** bom senso se lembrará de sua finitude.  
 (471) Não há ninguém que **viva** realmente sozinho no mundo  
 (472) Não há futuro que **seja** inteiramente luminoso.  
 (473) Não há homem algum que **aceite** a escravidão sem se revoltar.  
 (474) A população anseia por um herói que a **salve** de suas desgraças.  
 (475) Se o Ministro da Fazenda e o presidente do BC tomarem uma decisão que **interesse** aos agiotas internacionais, o deus mercado se acalma por alguns dias.  
 (476) Caso tenhamos um inverno que **seja** mais ou menos rigoroso, termos uma boa safra de maçãs.  
 (477) Seria realmente feliz alguém que **vivesse** mil anos?  
 (478) Não houve um só homem que **tivesse** coragem de levantar a voz frente aos desmandos do ditador?

**Análise da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais simples do modo subjuntivo empregadas nas orações subordinadas adjetivas.**

Exemplo n°	Realidade/Irrealidade											Comprometimento		
	Na língua		Ocorrência											
	Assumida	Não assumida	Indeterminável				Determinável					Sim	Não	
			Possível		Necessária		Possível		Necessária		Posta			
		-	+	-	+	-	+	-	+	-	+			
459	x										x		x	
460	x									x			x	
461	x										x		x	
462	x								x				x	
463	x								x				x	
464	x									x			x	
465	x										x		x	
466	x										x		x	
467	x									x			x	
468	x									x			x	
469	x										x		x	

470	x									x		x	
471	x									x		x	
472	x									x		x	
473	x									x		x	
474	x									x		x	
475		x		x									x
476		x		x									x
477		x	x										x
478		x	x										x

Os resultados da análise, presentes no quadro analítico, corrobora o que dissemos acima sobre a expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais do subjuntivo empregadas em orações subordinadas adjetivas. Do exemplo (459) ao (474) as formas verbais expressam realidade. Todas têm ocorrência assumida na língua, ocorrência no mundo determinável, resultando em comprometimento com o enunciado. Verificamos, ainda, que as formas verbais, nesses exemplos, apresentam gradações na sua expressão de realidade, o que podemos constatar nas colunas da possibilidade e da necessidade. Em (459), (461), (465), (466) e (469) a (474), temos ocorrência no mundo +necessária, pois as formas verbais do presente ratificam o sentido das frases, que têm um sentido de compromisso. Em (460), (464), (467) e (468), temos ocorrência no mundo –necessária, pois embora estas frases também tendam para um sentido de compromisso, as formas verbais do pretérito imperfeito o restringem. Em (462) e (463), temos ocorrência no mundo +possível, pois as formas verbais do futuro tornam como que neutro o compromisso expresso na frase.

Dos exemplos (475) ao (478), as formas verbais do subjuntivo expressam irrealidade. Isso ocorre por motivos diferentes, em (475) e (476) as influências das conjunções condicionais “se” e “caso” parecem fundamentais, levando a uma epistemização da frase inteira. Nos exemplos (477) e (478), a forma interrogativa parece ser essencial para se interpretar a expressão de irrealidade das formas verbais.

A configuração no quadro analítico desses exemplos de formas verbais expressando irrealidade só se diferencia no campo da possibilidade. Elas apresentam ocorrência na língua não assumida, ocorrência no mundo indeterminável e não comprometimento com a ocorrência das situações. As duas primeiras formas verbais, que são do presente, foram marcadas como +possível, pois apontam para uma certa possibilidade de ocorrência; as duas últimas, que são do pretérito imperfeito, foram marcadas como –possível, porque nas perguntas essas formas verbais estão apontando para um descrédito na ocorrência da situação, embora não a esteja negando.

Neste capítulo, apresentamos a análise da expressão da realidade e da irrealidade pelas formas verbais simples dos modos indicativo e subjuntivo da Língua Portuguesa do Brasil. Nele constatamos que os contextos lingüísticos (conjunções, tipos de orações, frase declarativa ou interrogativa) e extralingüísticos têm importante função na determinação da expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais do indicativo e principalmente pelas do subjuntivo. Constatamos também que a expressão de realidade e irrealidade têm um caráter gradual em várias das formas analisadas. No capítulo seguinte faremos nossas considerações finais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início de nosso terceiro capítulo “Realidade e irrealidade: sua expressão por formas verbais simples da Língua Portuguesa do Brasil” dissemos que procuraríamos analisar exemplos de verbos dinâmicos e estáticos, com o propósito de observar se apresentavam algum tipo de diferença quanto à expressão de realidade e irrealidade. Embora não tenhamos mais feito referência direta a tais tipos de verbos em nosso texto, nos exemplos que analisamos há tanto de um tipo quanto de outro, e não pudemos notar qualquer distinção entre eles a esse respeito.

No que se refere à realidade e à irrealidade, a grande maioria dos autores que lemos e que fazem referência à sua expressão por algum recurso lingüístico não se preocupam em defini-las. No entanto, quando empregam esses termos, claramente não estão se referindo aos sentidos de *realis* e *irrealis*, conceitos muito antigos nos estudos semânticos e necessariamente relacionados às orações condicionais. Percebemos que, nesses autores, os conceitos de realidade e irrealidade estavam de alguma forma relacionados às modalidades lingüísticas.

Assim, como nosso interesse não era estudar as orações condicionais, mas as formas verbais, nos inspiramos naqueles autores e procuramos desenvolver conceitos de realidade e irrealidade relacionados às modalidades. Por isso, nossas análises pressupõem uma relação íntima entre a expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais e as modalidades epistêmicas e deônticas, as únicas propriamente lingüísticas, segundo a opinião de muitos lingüistas.

Nosso objetivo foi, então, analisar a expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais simples da língua Portuguesa do Brasil. Analisamos as formas dos modos indicativo e subjuntivo e constatamos que, a esse respeito, esses dois modos não são

tão distintos quanto tradicionalmente se acredita. Na verdade, algumas formas verbais do indicativo apresentam muitos empregos semanticamente semelhantes às do subjuntivo e vice-versa.

Em nossa análise, encontramos diferentes usos para a maioria das formas verbais, com conseqüências importantes no que diz respeito à variação da sua expressão de realidade e irrealidade. No modo indicativo, só as formas do presente e do pretérito perfeito nos pareceram expressar apenas realidade, nas outras formas há muita variedade. Além das outras formas do indicativo e do subjuntivo expressarem ora realidade ora irrealidade, percebemos que essa expressão também apresenta outro tipo de variação: não existe simplesmente realidade ou irrealidade, as formas verbais as apresentam muitas vezes em diferentes nuances e graus. Constatamos que a realidade e a irrealidade, na perspectiva em que tomamos, são muitas vezes expressas pelas formas verbais de modo gradual, sendo possível, portanto, considerá-las como mais ou menos reais. Essa constatação, acreditamos, talvez seja uma das melhores descobertas de nossa análise.

Embora tenhamos iniciado a nosso trabalho acreditando que as formas verbais expressavam por si mesmas realidade e irrealidade, constatamos, posteriormente, que estávamos equivocados. Pode-se, é claro, às vezes, dizer que uma forma verbal expressa mais ou menos realidade, mas, na grande maioria das vezes, há muito mais coisa envolvida nessa expressão. Podem influir na expressão e na variação de realidade e irrealidade de uma forma verbal a natureza do verbo, se ele é modal ou não modal; o seu semântema; o tipo de construção em que aparece, se declarativa ou interrogativa; as circunstâncias em que é proferida; certas classes de palavras como advérbios e conjunções, etc... Ou seja, para determinarmos o tipo de emprego de uma forma verbal e a sua conseqüente expressão de realidade ou irrealidade, é preciso levar em conta seu contexto lingüístico e extralingüístico. Isso torna a análise muito mais complexa. De qualquer maneira, tentamos diminuir o impacto dessas variantes, procurando não analisar as formas verbais em textos muito longos, pois quanto maiores mais variantes há para considerar.

Constatamos, ainda, em nossa análise, que, em algumas formas verbais, a variação é maior do que em outras. Uma que apresentou muita variação foi o futuro do presente do indicativo. As formas verbais desse paradigma nos pareceram variar do real mais real ao irreal mais irreal. Esse comportamento nos pareceu, a princípio, contrário à lógica.

Diante disso, ficamos convencidos que a simples constatação de uma variação tão evidente exigia maior atenção, e nos pareceu que uma explicação puramente sincrônica não era satisfatória. Ver a variação na perspectiva da diacronia permitiu-nos perceber que a aparente contradição de uma mesma forma verbal apresentar empregos variados e às vezes antagônicos, como o que nos parecia ocorrer com as formas do futuro do presente, não era um absurdo. Bybee et al. (1994), estudando comparativamente os processos de gramaticalização em 76 línguas de diferentes famílias lança um pouco de luz sobre esse intrigante comportamento.

O capítulo 7 de Bybee et al. (1994) é inteiramente dedicado ao futuro. Nele, os autores afirmam que, nas línguas analisadas por eles, o futuro se desenvolve a partir de um número muito pequeno de fontes: de verbos de movimento, de marcas de obrigação, desejo, habilidade, advérbios temporais e às vezes do presente, sendo que os modais de obrigação e desejo são suas fontes mais comuns. Os autores não se referem especificamente às formas de futuro do Português, mas às expressões de futuro nas línguas de um modo geral.

De acordo com eles, os processos de gramaticalização que levam ao aparecimento de formas de futuro percorrem certos caminhos, independentemente da língua em que ocorrem. Em qualquer que seja a língua, iniciado o processo de gramaticalização, inevitavelmente o mesmo caminho será percorrido; esse caminho, no entanto, depende de suas fontes, que podem ser diferentes, mas não são muitas, como vimos acima. Uma língua particular fará a escolha de uma entre elas, não havendo, contudo, uma obrigatoriedade de que seja uma em particular, pode mesmo acontecer que um processo de gramaticalização se inicie e não vá em frente. Existem muitas possibilidades em disputa numa língua, mas qualquer que seja a que tome proeminência, ela percorrerá um caminho previsível, tal como acontece com as mudanças fonéticas.

Assim, por exemplo, se o caminho para gramaticalização do futuro em uma língua começar com alguma expressão lingüística que tenha sentido de desejo, percorrerá um caminho que a levará a significar vontade, depois intenção, predição e por fim o futuro propriamente dito. No entanto não há um término para esse processo, um item que tenha chegado a significar futuro não chegou à sua conclusão.

Bybee et al. (1994: 224), ao mostrar um dos caminhos possíveis para a gramaticalização do futuro, citam um exemplo do espanhol que é idêntico ao que ocorre com o Português. O futuro sintético daquela língua tem origem no verbo auxiliar latino “habe-

o” seguido de um verbo principal no infinitivo. Segundo os autores, essa construção tinha, a princípio, sentido de obrigação, mas gradualmente se transformou em futuro, e mais recentemente este futuro desenvolveu usos epistêmicos, o que pode ser visto no exemplo “Tendrá veinte años”, exatamente como ocorre no Português “Ela/Ele terá vinte anos”.

Para esses autores, os elementos lingüísticos que expressam futuro carregam consigo as marcas de sua história, retendo traços dos seus valores anteriores, de tal maneira que em certas circunstâncias ainda podem expressá-los. Assim, as formas que num dado momento histórico da evolução lingüística expressam futuro ainda podem expressar, dependendo de suas fontes, obrigação, desejo, habilidade, possibilidade, certeza, ordem, etc..., pois esses são valores que já tiveram durante seu processo de gramaticalização.

Essas informações sobre o processo de gramaticalização foram importantes para que pudéssemos entender as aparentes contradições expressas pelas formas de futuro do presente do indicativo do Português. Não temos dados diacrônicos dos passos percorridos por essas formas em nossa língua (esse não é nosso objetivo), mas os seus usos atuais parecem corroborar os resultados a que chegaram aqueles autores.

O estudo de Bybee et al. (1994) nos fez ver os diferentes usos das formas do futuro do presente do indicativo do Português, às vezes absurdos quando comparados entre si, numa outra perspectiva, dessa vez perfeitamente coerente. Nos demos conta de que os empregos das formas do futuro do presente como futuro puro, expressão da vontade, previsão, ordem, possibilidade, dúvida etc... não são frutos de processos esotéricos e inexplicáveis racionalmente, mas manifestações de seu próprio processo diacrônico de constituição que remonta, certamente, a fontes anteriores à existência da própria Língua Portuguesa, semelhante ao que ocorre com outras tantas línguas do mundo. É o processo que os estudiosos de gramaticalização chamam de estratificação (“layering”) e que se entende pela existência de diferentes camadas de formas gramaticalizadas para um mesmo domínio gramatical (Hopper e Traugott, 1993: 124).

Pudemos, dessa maneira, conciliar os resultados de nossa análise, compreendendo como plenamente possível e conseqüente o emprego das formas do futuro do presente como expressão do mais alto grau de realidade ou do mais alto grau de irrealidade. A elucidação desse comportamento tão natural, mas de aparência tão estranha, não nos foi possível apenas contando com os dados da análise sincrônica da Língua Portuguesa, os

estudos sobre gramaticalização nos pareceram apresentar respostas plausíveis para os fenômenos observados.

Na verdade, acreditamos que nossa pesquisa só vem confirmar o que já é mais do que um consenso entre os lingüistas, de que, em qualquer língua, coexistem estágios de sistemas mais antigos e prenunciam-se estágios de sistemas posteriores. Por isso, não nos parece contraditório que tenhamos lançado mão de resultados de estudos diacrônicos na busca de esclarecer fenômenos que parecem não ter explicação do ponto de vista do sistema sincrônico.

Procedimento semelhante também podemos ter com relação às formas verbais do subjuntivo. Já dissemos que nossa pesquisa revelou mais semelhanças entre as formas do indicativo e do subjuntivo do que é costume supor. Por isso, também recorreremos a informações de estudos sobre gramaticalização na tentativa de esclarecer suas relações.

Bybee et al. (1994: 230-236) se referem a processos de gramaticalização de formas verbais do modo subjuntivo que se desenvolvem de formas do modo indicativo. Para eles, algumas formas verbais do indicativo, tais como presente, passado imperfeito e pretérito mais-que-perfeito, historicamente, em diferentes línguas, são fontes de formas do subjuntivo.

Tradicionalmente se considera o subjuntivo como o modo da subordinação, mas Said Ali (1964: 324) afirma que esse modo não é usado privilegiadamente para as orações subordinadas, que em muitos idiomas suas formas também são usadas em orações principais, principalmente nos usos mais antigos, inclusive na própria Língua Portuguesa. Ao se referir ao emprego de formas do subjuntivo em orações principais nos usos mais antigos das línguas - Ele se referia às européias, obviamente -, no entanto, pode estar corroborando o que foi dito por Bybee et al. (1994) sobre usos anteriores do indicativo que desenvolvem valores de subjuntivo, ou seja, de que há nas línguas, de um modo geral, um processo de gramaticalização que transforma formas verbais, usadas em orações principais, em formas verbais usadas em orações subordinadas.

Há usos atuais na Língua Portuguesa do Brasil que parecem também corroborar a opinião expressa por esses autores sobre o caminho percorrido por algumas formas verbais do indicativo em direção a usos subjuntivos. Em nossos dias, por exemplo, vemos o pretérito imperfeito do indicativo cada vez mais usado em lugar do pretérito imperfeito do subjuntivo. No momento em que certos meios ditos mais cultos de veicula-

ção da língua passam a usar generalizadamente essa forma, temos indício de sua aceitação geral por todas as camadas sociais e institucionalização no idioma. A presença numa capa da edição 1747 de 17 de abril de 2002 da revista *Veja*, uma das que têm maior circulação nacional, da expressão “Eles achavam que o Brasil **era** o Maranhão”, ao invés de “Eles achavam que o Brasil fosse o Maranhão”, numa reportagem sobre a ex-candidata à Presidência da República, Roseana Sarney, é o melhor indício de que, no Português do Brasil, pelo menos, essa forma verbal do indicativo está sendo amplamente utilizada como substituta de uma forma do subjuntivo.

Com alguns exemplos de usos não cultos da Língua Portuguesa do Brasil, podemos demonstrar que, de fato, o pretérito imperfeito e também outras formas verbais do indicativo estão substituindo as do subjuntivo, não só por razões de seus empregos modais, mas pelo desaparecimento gradual em nossa língua das formas verbais atuais do subjuntivo, um fenômeno lingüístico que parece ser comum, segundo o que apontam as pesquisas de gramaticalização.

- (479) Eu quero que minha mãe **vem** (venha) ficar comigo, nos dias do meu resguardo.
- (480) Oi, me desculpe, eu achei que você **era** (fosse) um amigo meu.
- (481) Não acho que a feiura **tem** (tenha) remédio.
- (482) Não fique triste, menino, talvez o seu avô não **vai** (vá) embora amanhã.
- (483) Se aquele homem é (for) meu parente, quero ficar longe dele.
- (484) Para o velho Joaquim, se alguém **ficava** (ficasse) doente, era porque tinha feitiço.
- (485) O patrão quer que você **vai** trabalhar(trabalhe/vá trabalhar) amanhã.
- (486) Ah... se eu **era** (fosse) jovem, ia correr o mundo, desvendar os horizontes e guardar saudades para a velhice.

Nesses exemplos, vemos que o emprego das formas verbais do indicativo, onde, pelos critérios da norma culta, deveriam ter sido usadas formas do subjuntivo, é perfeitamente gramatical; embora os que estão habituados à norma culta, certamente sentirão um certo estranhamento, já que nesta variante está-se acostumado às formas do subjuntivo. Podemos perceber, nesses casos, que os sentidos que estavam ligados às formas do subjuntivo podem não ser, a princípio, atualizados pelas formas verbais do indicativo, como ocorre quando uma forma do presente é usada. Se ao emprego de formas do subjuntivo já estavam associadas às marcas da subordinação e da modalidade, nos casos de empregos das formas do indicativo, a modalidade e a subordinação podem, ao menos por um certo tempo, ser inferidas ou determinadas pelo contexto. Não custa lembrar

que, mesmo no Português culto do Brasil, algumas formas verbais do modo indicativo já estão desenvolvendo nitidamente empregos modais, ao lado dos temporais.

Esse processo de mudança lingüística que observamos em nossa língua não é um acontecimento recente, vem ocorrendo há muito tempo e é bastante nítido na literatura dos últimos dois séculos. Quando procurávamos empregos de formas do subjuntivo, percebemos uma certa abundância delas em autores dos séculos XVIII e XIX, enquanto os autores do século XX as usam com mais parcimônia. Como não era nosso objetivo, não fizemos nenhuma quantificação que desse a extensão dessa mudança lingüística percebida nos textos literários.

O desaparecimento do emprego de formas verbais do subjuntivo não é, no entanto, uma idiossincrasia da Língua Portuguesa, Bybee et al. (1994) afirmam, com dados sobre a gramaticalização em várias línguas, que esse é um comportamento natural do processo de mudança lingüística. Segundo os autores, no longo caminho de gramaticalização percorrido por uma forma verbal, o desenvolvimento do emprego subjuntivo é o seu último estágio de existência numa língua, sendo que após o desdobramento final das formas verbais em valores de subjuntivos, inicia-se o seu gradual desaparecimento.

Segundo Bybee et. al. (1994: 6 e ss), a gramaticalização de uma forma lingüística se caracteriza por um percurso de gradativa perda semântica e generalização dos contextos em que pode ser usada. Durante o caminho percorrido pela gramaticalização de uma forma lingüística, ela passa por um longo processo de transformações, de estágios em que apresenta sentidos muito específicos que restringem os seus empregos a apenas alguns contextos, para estágios em que há perdas semânticas que permitem uma generalização dos contextos possíveis de emprego. Um exemplo de perda semântica e generalização de contextos, na Língua Portuguesa, é o verbo de movimento “ir”: a princípio com sentido de deslocamento espacial, passa, a seguir, a ser utilizado com valores temporais. Nesse processo, ele vai perdendo seu sentido específico de deslocamento no espaço, sendo cada vez mais utilizado em um número maior de contextos, até chegar ao ponto de se transformar em um verbo auxiliar com um valor de futuridade, permanecendo apenas com um sentido abstrato de deslocamento.

Assim, nos passos percorridos pela gramaticalização dos verbos, as formas subjuntivas, encontrando-se na fase derradeira de sua evolução lingüística e estando com seus conteúdos semânticos bastante desgastados, perdem grande parte de suas especificidades semânticas. Nesse estágio de gramaticalização, as formas verbais, estando se-

manticamente desgastadas, têm, então, a interpretação cada vez mais dependente de seu contexto. Ao chegar a esse ponto do trajeto da gramaticalização, os empregos das formas verbais passam a ser muito mais sintáticos do que propriamente semânticos.

Não se pode dizer, no entanto, que uma forma do subjuntivo tenha uso somente sintático, sendo completamente desprovida de sentido. Vimos que as formas verbais, enquanto gramaticalizam, podem arrastar consigo muitos sentidos anteriores. Tais sentidos antigos, embora possam estar “desaparecidos” na maior parte dos empregos da forma em um dado momento da história da língua, podem, no entanto, ainda se atualizar em alguns usos. Para Bybee et al. (1994: 213), se entendermos o subjuntivo como os nós de uma corrente de gramaticalização, podemos aceitar a possibilidade de que possa ser significativo num contexto, mas não em outro. Além disso, pode acontecer também que, ao se associarem a certos contextos lingüísticos que tenham uma certa freqüência, as formas verbais subjuntivas, antes dessemantizadas, passem a ser identificadas, por inferência, com os sentidos expressos por tais contextos, se ressemantizando.

Sobre a questão do desgaste semântico das formas do subjuntivo, vale a pena lembrar os resultados dos estudos que fizemos delas. Dissemos que o resultado da análise da expressão de realidade e irrealidade das formas verbais do indicativo são dependentes dos contextos lingüísticos e extralingüísticos, mas essa atuação do contexto é bem significativa quando se trata das formas do subjuntivo. No indicativo, o valor semântico do verbo é grande, a não ser que seja um verbo modal, e na maior parte das vezes há uma interação entre ele e as informações contextuais; no subjuntivo, pelo contrário, há uma extrema dependência de outras variantes. Assim, quando essas formas se encontram em orações subordinadas adverbiais, a sua expressão de realidade ou irrealidade é extraordinariamente dependente da semântica das conjunções; se estão presentes em orações subordinadas substantivas e adjetivas, a dependência é da semântica do verbo da oração principal. E ainda não podemos nos esquecer do contexto extralingüístico, que também pode interferir, levando o que parece expressar realidade a expressar irrealidade e vice-versa.

Diante da constatação da variedade de possibilidades de expressão de realidade e irrealidade pelas formas verbais simples da Língua Portuguesa do Brasil, nos reportamos aos conceitos de uso e jogos de linguagem propostos por Wittgenstein nas suas “Invesatigações Filosóficas”: de que a significação de uma palavra depende do uso que se faz dela em diferentes situações e contextos. Para ele, Wittgenstein (1979: 43): “Po-

de-se para uma grande classe de casos de utilização da palavra significação – se não para todos os casos de sua utilização – explicá-la assim: a explicação de uma palavra é seu uso na linguagem”.

Isso nos leva a considerar a importância dos usos pragmáticos da língua para a sua interpretação semântica. Neste trabalho, percebemos que a significação das formas verbais são dependentes em variados graus de diversos tipos de contextos, tanto lingüísticos quanto extralingüísticos. Daí não podemos simplesmente contar, no estudo da realidade e irrealidade, com uma essência intrínseca às formas verbais, como se fosse passíveis de um cálculo exato, mas tentar compreender os seus diversos papéis exercidos dentro do jogo, muitas vezes sutil, que é a linguagem humana, identificando tendências mais marcadas.

Não temos conhecimento de outros estudos da expressão de realidade e irrealidade na perspectiva em que este foi desenvolvido. Cremos que nossos resultados e conclusões neste estudo têm realidade suficiente para representar uma contribuição pertinente ao esclarecimento e à discussão das questões sobre a expressão da realidade e da irrealidade na Língua Portuguesa.

## BIBLIOGRAFIA DE CORPUS

Texto nº 01:

AB'SABER, Aziz. Critérios para a moralização do Estado. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 1-3, 14 fev. 1995.

Texto nº 02:

ANDRADE, Carlos Drummond de. Como um presente. In: **A rosa do povo**. São Paulo: Círculo do livro, 1989. p. 125-128.

Texto nº 03:

ALVES, Rubens. O crepúsculo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 1-3, 31 dez. 1995.

Texto nº 04:

ANDRADE, Carlos Drummond de. Caso do Almoço. In: **Cadeira de Balanço**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1979. p. 5-7.

Texto nº 05

Apocalipse. Português. In: **Bíblia sagrada**. Tradução do Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ave Maria, 1980. p. 1556-1576.

Texto nº 06:

BIANCARELLI, Aureliano; AMARAL, Luís Henrique. Tese de liberação de drogas ganha novos defensores e causa polêmica. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 1-10, 24 dez. 1995.

Texto nº 07:

MORAES, Vinicius de. Místico. In: **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1998. p. 161-163.

Texto nº 08:

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Giselle de Melo Braga Tapai. 7. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2002. 266 p. Cap. V, Art. 220, § 5º

Texto nº 09:

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Giselle de Melo Braga Tapai. 7. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2002. 266 p. Cap. III, Art. 27.

Texto nº 10:

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Giselle de Melo Braga Tapai. 7. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2002. 266 p. Cap. VII, Art. 227, § 1º.

Texto nº 11:

CIÊNCIA ineficiente. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 1-1, 01 ago. 2001.

Texto nº 12:

CONCEIÇÃO, Fernando. Movimento negro e eleições. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 3-2, 04 ago. 1994.

Texto nº 13:

COSTA, Cláudio Manuel da. Destes penhascos fez a natureza. In: **A poesia dos Incofidentes**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1996. p. 95.

Texto nº 14:

COSTA, Cláudio Manuel da. Écloga IX. In: **A poesia dos Incofidentes**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1996. p. 179-183.

Texto nº 15:

COSTA, Cláudio Manuel da. Nise? Nise? Onde estás? Aonde espera. In: **A poesia dos Incofidentes**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1996. p. 66-67.

Texto nº 16:

Êxodo. Português. In: **Bíblia sagrada**. Tradução do Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ave Maria, 1980. p. 101-144.

Texto nº 17:

SIMÃO, José. Acordo de paz cria a TV Globispo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 5-8, 28 dez. 1995.

Texto nº 18:

FONSECA, Osório J. M. et al. O valioso conhecimento da região amazônica. **Ciência Hoje**. n. 179, p. 177-179, jan/fev 2002.

Texto nº 19:

Gêneses. Português. In: **Bíblia sagrada**. Tradução do Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ave Maria, 1980. p. 49-100.

Texto nº 20:

HELENA JR., Carlos Alberto. Futebol é uma expressão de todos nós. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 4-2, 3 ago. 1994.

Texto nº 21:

HOLANDA, Chico Buarque de. João e Maria. In: \_\_\_\_\_. **Perfil**. São Paulo: BMG, 1993.

Texto nº 22:

Isaías. Português. In: **Bíblia sagrada**. Tradução do Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ave Maria, 1980. p. 939-1031.

Texto nº 23:

KAUFFMANN, Carlos. Pedale para ver o mundo de outro ângulo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 6-15, 8 ago. 1994.

Texto nº 24:

Macabeus I. Português. In: **Bíblia sagrada**. Tradução do Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ave Maria, 1980. p. 556-588.

Texto nº 25:

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. A mão e a luva. In: **Obra completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, v. I, 1997. p. 197-270.

Texto nº 26:

NOSSOS novos irmãos quase humanos. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 20 ago. 2001. Disponível em < <http://www.estadao.com.br/magazine/materias/2001/ago/20/218.htm>>.

Texto nº 27:

ROSA, João Guimarães. O burrinho Pedrez. In: **Sagarana**. São Paulo: Círculo do Livro, 1984. p. 8-60.

Texto nº 28:

ROSA, João Guimarães. São Marcos. In: **Sagarana**. São Paulo: Círculo do Livro, 1984. p. 193-218.

Texto nº 29

RUSSEL, Bertrand. **História do pensamento ocidental**: as aventuras das idéias dos pré-socráticos a Wittgenstein. Tradução de Laura Alves e Aurélio Rebelo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. p. 45. Título Original: Wisdom of the west.

Texto nº 30:

SANTOS, Milton. Entrevista. **Teoria e Debate**, n. 40, fev/mar/abr. 1999. Entrevista concedida a José Corrêa Leite. Disponível em <[http://www.fpabramo.org.br/td/nova\\_td/colecao\\_td.htm](http://www.fpabramo.org.br/td/nova_td/colecao_td.htm)>.

Texto nº 31:

SCLIAR, Moacyr. A resposta dos ETs. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 3-2, 17 ago. 1995.

Texto nº 32:

TEIXEIRA, Sérgio. Conservação da cidade. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 22 jan. 2001. Fórum de Leitores. Disponível em <<http://www.igestado.com.br>>.

Texto nº 33:

Provérbios. Português. In: **Bíblia sagrada**. Tradução do Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ave Maria, 1980. p. 778 - 816.

Texto nº 34:

ZALUAR, Alba. A perfeição não existe. **Folha de São Paulo**, São Paulo, . p. 1-3, 30 dez.. 1994.

Texto nº 35:

MANDELLI, Oscar, **O Estado de São Paulo**, São Paulo. 22 jan. 200. Fórum de Leitores.

Texto nº 36:

NEVES, Walter. Entrevista. **Ciência Hoje**. vol. 30, n. 178, p. 10-14, dez 2001. Entrevista concedida Roberto Barros de Carvalho

Texto nº 37:

ANDRADE, Carlos Drummond de. Caso do vestido. In: **Obras Completas**. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2002. p. 160-165.

Texto nº 38:

RIOTA, Giane. A maldição do Faraó. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 5-6, 31 dez. 1995.

Texto nº 39

REGINA, Elis. Redescobrir. Gonzaguinha (Compositor) In: \_\_\_\_\_. **Saudade do Brasil**. São Paulo: WEA, 1980.

Texto nº 40

Almeida, Manuel Antônio de. **Memórias de um sargento de milícias**. São Paulo: O Estado de São Paulo/Click. [199-?]. p. 156.

## BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, Nicola (1998). **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes.
- ALMEIDA, João (1980). **Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo**. São Paulo: ILHPA-HUCITEC.
- \_\_\_\_\_ (1983). O verbo e a estrutura do discurso. **ALFA**, São Paulo, v. 27, p. 23-29
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de (1980). **Gramática metódica da língua portuguesa**. São Paulo
- ARRAIS, Telmo (1991). Tempo e aspecto, tempo e modalidade: de volta ao futuro. **ALFA**, São Paulo, v. 335, p. 11-17.
- \_\_\_\_\_ (1983). Aspectos da significação da frase: categorização do verbo, relações e funções semânticas. **ALFA**, São Paulo, v. 27, p. 77-92.
- BATISTA, Roselís M (1989). Elementos para o estudo das relações espaciais, aspectuais e temporais. **ALFA**, São Paulo, v. 33, p. 47-53.
- BECHARA, Evanildo (1999). **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna.
- BENVENISTE, E (1976). Estrutura das relações de pessoa no verbo. **Problemas de Linguística Geral**. São Paulo: EDUSP/Companhia Editora Nacional.
- BRAGA, Maria Luiza (1997). O discurso oral e as orações de tempo. **ALFA**, São Paulo, v. 41. p. 39-53.
- BUENO, Silveira (1964). **Estilística brasileira: o estilo e sua técnica**. São Paulo: Sarai-va.
- BYBEE et al.(1994). **The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world**. Chicago: The University of Chicago Press.

- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso (1998). **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes.
- CAMPOS, Odete G. L. A. de Souza & GALEMBECK, Paulo de Tarso (1994). Tempos verbais: uma abordagem funcionalista. **ALFA**, São Paulo, n. 38, p. 57-74.
- CEGALLA, Domingos Paschoal (1979). **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Nacional.
- COMRIE, Bernard (1993a). **Tense**. Cambridge: Cambridge University Press.
- \_\_\_\_\_ (1993b). **Aspect**. Cambridge: Cambridge University Press.
- CORÔA, Maria L. M. S (1985). **O tempo nos verbos do português**. Brasília: Thesaurus.
- CUNHA, Celso Ferreira da (1985). **Gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: FAE.
- DUBOIS, Jean et al. (1993). **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix.
- FUCHS, Ana (1988). Aspectos verbais e dêixis. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, v. 15. Jul/dez. p. 87-109.
- GIVON, T. (1982). Tense-aspect-modality: The creole prototype and Beyond. In: HOPPER, Paul J. (Org.) **Tense-aspect: between semantics & pragmatics**. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. p. 115-163
- GONÇALVES, Carlos A. V (1993). Falara-se mais-que-perfeito: um estudo presente do tempo pretérito. **ALFA**, São Paulo V. 37.. p. 135-142.
- GUIMARÃES, Eduardo R. J. (1979) **Modalidade e argumentação lingüística**: Análise de enunciados no passado em língua portuguesa. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp.
- HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs (1993). **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press.
- IKEDA, Sumiko Nishitani (1992). *O pretérito imperfeito*: a importância da superestrutura na sua compreensão. **DELTA**, São Paulo, v. 8. n. 1, p. 43-70.
- KOCH, Ingedore G. Villaça (1987). **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez.
- LAPA, M. Rodrigues (1977). **Estilística da língua portuguesa**. Coimbra: Coimbra Editora.

- LAVANDERA, Beatriz R (1985). **Curso de lingüística para el análisis del discurso**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina.
- LONGO, Beatriz N. de Oliveira et al. Uma abordagem contrastiva do tempo verbal. **ALFA**, São Paulo, v. 36. p. 157-169.
- LOPES, Edward (1995). **Fundamentos da lingüística contemporânea**. São Paulo: Cultrix.
- LOPES, Ruth E. V. (2000). O tempo sou eu quando fico grande. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, v. 38. Jan/jun. p. 51-58
- MELO, Gladstone Chaves (1976). **Ensaio de estilística da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão.
- MOREIRA DE SÁ, Maria da Piedade (1988). O tempo e os tempos em O Relógio do Hospital. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, v. 15. Jul/dez. p. 163-177.
- MOURELATOS, Alexander P. D. Events, processes, and states. *Syntax and Semantics: Tense and aspect*. **Syntax and Semantics**, New York, v. 14. p. 191-212.
- NEVES, Maria Helena de Moura (1996). A modalidade. In: KOCH, Ingedore G. Villaça. (Org.). **Gramática do português falado**, v. VI: Desenvolvimentos. Campinas: Unicamp/FAPESP. p. 163-199.
- OLIVEIRA, Jair A (1999). Polidez a virtude do simulacro. **Uniletras**, Ponta Grossa, nº 21. p. 85-96.
- PALMER, F.R. (1986) **Mood and modality**. Cambridge: University Press.
- PONTES, Eunice (1973). **Estrutura do verbo no português coloquial**. Petrópolis: Vozes.
- ROCA-PONS, J. (1986) **Introducción a la gramática**. Barcelona: Editorial Teide.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da (1992). **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro.
- RODRIGUES, Angela et al. (1996). Formas de pretérito perfeito e imperfeito do indicativo no plano textual-discursivo. In: KOCH, Ingedore G. Villaça. (Org.). **Gramática do português falado**, v. 1. Campinas: Unicamp/FAPESP. p. 415-462.
- SAID ALI, Manuel (1964). **Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa**. Brasília: Universidade de Brasília.
- SAUSSURE, Ferdinand (1995). **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultix.

SILVA, Ademar (1997). **A expressão da futuridade na língua falada**. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp.

STEN, Holger (1973). **L'emploi des temps en portugais moderne**. Copenhague: Munksgaard.

SWEETSER, Eve (1990). **From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure**. Cambridge: University Press.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1981). **O Aspecto verbal no português: A categoria e sua expressão**. Uberlândia: Edufu.

\_\_\_\_\_ (1987). O discursivo no uso do pretérito imperfeito do indicativo no português. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n. 12. p. 61-98

\_\_\_\_\_ (1991). **Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil**. Tese de doutorado. Campinas: UNICAMP.

\_\_\_\_\_ (1993). Tempo verbal: um problema gramatical ou discursivo? Tempo verbal e tipo de texto. **Revista Letras & Letras**, Uberlândia, v. 9. n. 1. Jan/jun.. p 51-57.

\_\_\_\_\_ (1996). O uso do futuro do pretérito no português falado. **Revista Letras & Letras**, Uberlândia, v. 12. n. 2. p 89-112.

WEINRICH, Harald (1968). **Estructura y función de los tiempos en el lenguaje**. Madrid: Gredos.

WITTGENSTEIN, Ludwig (1979). **Investigações filosóficas**. São Paulo: Abril Cultural.